

VOLUME 2
VIAGEM À COSTA LESTE - 1ª PARTE (BAHIA)
01/10 a 07/11/1859

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

1859

1 de outubro de 1859 - Cheguei ao Arsenal às 7 e 35.

O vapor largou às 8 ³/₄ porque desejei saber as notícias do Rio da Prata, trazidas pelo vapor Princesa de Joinville, entrado havia pouco. O meu vapor era acompanhado por mais 15 de guerra e mercantes ⁰⁰¹.

Às 9 e 20 estava fora da barra. Só um vapor mercante – dos que me acompanhavam por obséquio – foi até a barra.

Felizmente só enjoei depois de ficar o meu vapor sozinho, pois o resto da esquadilha não aparecia. O resto do dia muito enjoado, só me tendo levantado para ver, de minha própria câmara, Cabo-frio e seu farol às 4 e 20; a tarde estava belíssima.

O Marques Lisboa ⁰⁰² mandou-me perguntar se podia deixar atrás a Paraense ⁰⁰³ que andava muito devagar; respondi que fizesse o que quisesse mas que devíamos chegar à Bahia no dia 6 de manhã como desejavam nessa cidade por causa dos preparos.

De noite houve muito balanço e barulho; o vapor parou por pouco tempo.

2 de outubro de 1859 - Comecei este diário desde ontem logo que a luz da manhã o consentiu; mas parei antes de completar o que é relativo ao dia de ontem, porque principiei a sentir-me enjoado.

Não ouvi missa porque o cônego ⁰⁰⁴ tomou café com que o tentaram. Subi para a tolda onde comi um pouco e escrevo agora na baiúca do comandante, conservando-me mais deitado do que assentado.

É 1 menos ¹/₄ e há poucos minutos o comandante Gomensoro ⁰⁰⁵ disse-me que estávamos na latitude 21° 28', longitude 39° 51' O.G. a 260 milhas dos Abrolhos andando o vapor 8 milhas por hora. Já há bastantes horas que não vemos terra e estão à vista o Amazonas ⁰⁰⁶ e o Belmonte ⁰⁰⁷, este na longitude de 39° 40' e aquele a 39° 48'; o ponto astronômico é do meio-dia.

Brigue-barca sueca à vista.

Tenho escrito sem incômodo, e creio que amanhã estarei bem de todo do estômago, não tendo aproveitado o licor estomacal da Chartreuse de que tomei uma dose ontem, antes de começar o enjôo, é verdade que pouco tempo.

O Paraense seguiu pelo caminho mais curto, que nós evitamos, porque, tendo menos fundo, mais jogaria o Apa ⁰⁰⁸. Segundo diz o Marques Lisboa talvez avistemos o Paraense esta noite.

Vêm-se voadores e almas mestre.

7 e 23 (a minha hora é a do Rio de Janeiro e a diferença para a nossa longitude agora é de um quarto a mais).

Depois do jantar, às 3 ³/₄ na baiúca, onde escrevo, tenho estado na tolda a conversar e creio achar-me completamente bom do estômago.

Soube pelo 1° Tenente Ponte Ribeiro ⁰⁰⁹ que por três vezes – não tendo reparado em outras – observara neste vapor grande variação só na agulha do centro do navio ao passar pela costa entre o cabo de Sta. Marta e a Ponta da Laguna, diminuindo a variação extraordinária desde Sta. Marta até desaparecer uma milha ao norte de Laguna. A agulha chegou a apontar para o sul. Não atribui o fenômeno à eletricidade e diz que os ferros do navio não influem nas agulhas; mas que no Guanabara, que é de ferro, já se tem vindo de St.^a Catarina com o mesmo rumo à altura de S. Sebastião, Ilha Grande e Maricá. Por ocasião de uma trovoada já observou o mesmo oficial, nas duas agulhas do Apa, variações extraordinárias e consideráveis numa delas para leste e noutra para oeste ao mesmo tempo. O Belmonte traz os 4 faróis como deve; mas o Amazonas só o do mastro. 8h – Tem-se andado 66 milhas desde o meio-dia.

3 de outubro de 1859 = Desci ontem às 8 ¹/₂.

Dormi mal, acordando muitas vezes. Levantei-me às 5; enjoei, mas subi assim mesmo às 5 ¹/₄. Não pude ver o nascimento do sol por causa das nuvens. Tenho estado quase sempre deitado escrevendo deste modo o diário de hoje (5 e

24). Às 9 $\frac{1}{4}$ avista-se o vapor inglês a S.E.

Antes do meio-dia tentou-se tomar, porém debalde, a altura para calcular o ângulo horário. O ponto muito pouco exato, por estimativa deu ao meio-dia para o Apa latitude 18° 34', longitude 30° 10'; Amazonas 18° 23', 38° 30'; Belmonte 18° 6', 37° 48'. Estes dois navios têm vindo sempre em distância conveniente, aproximando-se o segundo para dar vivas como já fizeram ontem.

Viram-se duas garoupeiras; uma à 1 $\frac{1}{4}$ e outra às 3.

Às 4 e 35' viu-se um brigue mercante navegando na mesma direção que nós. Tem-se parado diversas vezes para sondar por causa dos abrolhos e a sonda tem marcado 34, 28 e 31 braças e trazido pedaços de coral dos abrolhos, que estão guardados.

Tem chovido desde manhã mais ou menos forte e o navio joga mais que ontem, de modo que alguns têm enjoado de novo, depois de ontem terem se mostrado bons do estômago. Uma criada de uma das senhoras chegou a gritar que queria morrer, e o Marques Lisboa aplicou-lhe uma dose de arsênio, 15^a dinamização, assim como deu uma poção homeopática de noz-vômica à D. Josefina ⁰¹⁰, e outra à Maria José ⁰¹¹. O descanso recomendado parece que aproveitou.

6 menos 9 – A última prumada deu 48 braças; já passamos os Abrolhos. Viu-se hoje uma lista de ovas de peixe, e botaram-se anzóis, mas sem proveito; contudo o toque da campainha anunciou que o peixe rompeu a corda menos grossa.

A música tem tocado estas noitinhas.

4 de outubro de 1859 = 9 $\frac{1}{2}$ – Ontem recolhi-me às 8 $\frac{1}{4}$.

Muito balanço e barulho. Houve uns poucos de aguaceiros ou pirajás ⁰¹² de noite e parou-se para sondar.

Levantei-me às 6.

Subi sem enjô, mas conservo-me quase sempre deitado por prudência. O Belmonte avisou que avistara a costa de Belmonte; mas parece que se enganou.

Já almocei o meu frango assado com pão torrado por cima, bebendo alguns goles de vinho do Porto, que muito me tem fortificado o estômago estes dias.

A música toca o Hino quando se iça o estandarte às 8 horas da manhã ⁰¹³.

Antes das 9 tentaram calcular a hora, mas o tempo não permitiu segundo creio.

10 horas; avista-se com efeito terra e dizem que são os morros de Comandatuba entre 15° 20' e 15° 30'. 10 $\frac{1}{2}$: já vi a costa. 11 e 10: – O Belmonte aproximou-se para dar as vivas. O tempo tem-se posto bom, e o vento é S.O., é meio-dia, e a latitude observada é de 15° 13', a longitude 38° 20', defronte da foz do Una, segundo disseram.

A música está tocando muito bem a ária do Trovador do 1° ato.

O Amazonas deu latitude 15° 17'; longitude 38° 40' e o Belmonte 14° 57'; longitude 38° 20', distante da ilha de Tinharé 1° 55'. Tomando o termo médio das velocidades da barquinha, ou 9 milhas por hora, para mais, dever-se-ia chegar a Tinharé de 1 até 2 da madrugada; porém não é prudente entrar na enseada do morro de S. Paulo à noite. 1 $\frac{1}{2}$: O mar está perfeita cor de anil.

2 $\frac{3}{4}$ – Vêm dizer-me que estamos defronte da foz do Una, de onde parece vir um barco de 3 mastros.

3 $\frac{1}{4}$: Vamos passando os ilhéus. Estou já assentado na tolda. Passa a sotavento e bem à vista a lancha de 3 mastros, de que já falei, com a bandeira brasileira içada.

Às 4 $\frac{3}{4}$ a Belmonte veio dar vivas quase que emparelhada.

5 $\frac{1}{2}$, defronte do rio das Contas, vê-se até a Ponta de Castelhanos e mais além a de Camamu e descobrem-se casas.

5 e 40': Avista-se uma baleia.

5 $\frac{3}{4}$: O efeito do ocaso não pôde ser bem apreciado por causa das nuvens.

6 menos 6, esguicha a baleia, mas não a posso avistar.

Toca o Hino para arriar o estandarte. O cônego, que é de Sergipe e ordenou-se na Bahia, disse que o tempo das baleias é de junho até novembro e que agora andam elas paridas.

Tocam uma valsa que muito lembra o Rio de Janeiro, como outras músicas que tenho ouvido estes dias; – que se passará por lá?

5 de outubro de 1859 = Desci ontem por volta das 9 $\frac{1}{2}$; porque estive ouvindo ler.

De noite jogou muito porém às 7 da manhã fundeamos por detrás do morro do Farol de S. Paulo. O Feijó ⁰¹⁴ viu o farol

ontem de noite antes do gajeiro.

Nesta enseada esteve a esquadra brasileira por ocasião da Independência desde depois do combate de 4 de maio até 2 de julho de 1823. Um forte ⁰¹⁵, que se vê agora, completamente desmantelado, tinha, quando chegou a esquadra brasileira na época da Independência, apenas 27 balas e 4 peças, que se desmantelaram ao salvar à esquadra. Os carpinteiros desta, desembarcando, consertaram os reparos das 4 peças e o forte ficou fornecido com 400 tiros de bala. Viram, do alto do navio onde está hoje o farol, a evacuação da Bahia pela esquadra lusitana no dia 2 de julho, e a corveta Niterói atravessou o baixio para ir à Bahia, escoltada de ambos os lados vinha na desmantelada cortina.

O farol foi construído na presidência de Gonçalves Martins ⁰¹⁶; é de 1ª classe bastando apenas uma lanterna, segundo diz o Marques, e sendo mais necessário na Ponta de Itapoã e nos Abrolhos (Ilha de Sta. Bárbara).

8 e 35 – Já ouvi missa e vesti-me para almoçar e daqui ir ver a ilha de Tinharé. O comandante do forte desmantelado, o major reformado Manuel do Carmo Correia Palmeira, baixo e grosso, chegou antes da missa. Soube por ele que a ilha tem cerca de 300 habitantes, que é capela curada, mas sem capelão, e que só pôde obter 6 inválidos para o forte, sendo o não-mutilado sujeito a ataques de ficar horas sem fala e respiração.

Há uma escola de meninos e as meninas aprendem particularmente. Julguei que a bandeira fosse nova; mas o Sr. Palmeira desenganou-me, fazendo-me reparar que a haste dela é uma vara; mais uma sinecura que é preciso acabar.

Antes de ir vestir-me para almoçar vi uma embarcação de 3 mastros carregada de piaçaba que vinha de Valença para a Bahia, tinha a proa à semelhança da das gôndolas.

Acabado o almoço fui ver a ilha do morro de S. Paulo, que parecia não conhecerem aqui (pois que o ignora Palmeira) por ilha de Tinharé, como vejo nos mapas.

Receberam-me com muito regozijo e cordialidade e os foguetes do costume, principalmente na Bahia.

Subi por um caminho ruim até a Igreja, que é sofrível, para a localidade, com a invocação de N. S. da Luz, havendo irmandade desta Senhora, que também o é do Sacramento, acompanhando-me alguns irmãos de opa encarnada e tochas na mão. Orei por um pouco na Igreja ⁰¹⁷, em cuja sacristia há um ex-voto de navegantes e fui depois visitar o farol.

A torre deste tem 74 pés de altura e sobe-se por 74 degraus de pedra e 4 de madeira e depois por dois lanços com 33 degraus de madeira e 1 de pedra até a varanda que rodeia a lanterna de onde se goza de excelente vista, chegando a descobrir-se, segundo dizem, o farol de Sto. Antônio na Bahia, a 10 léguas de distância. Há 9 degraus de ferro dentro da lanterna para chegar ao aparelho do farol, que é do sistema Fresnel, e do fabricante Henry Lepante, Paris. É muito bem-feito, sendo para sentir que alguns dos prismas tenham fendas, ainda que grande parte dessas na direção normal. É intermitente e a revolução de 12 minutos. Consome 124 camadas de azeite por três meses sendo doce, de mamona purificada, ou de coco; serve-se agora de doce, que dá luz pouco clara segundo disseram. Há perto uma casa, que ainda não serve para depósito de azeite e outros pertences do farol; os tanques para o azeite terão, cada um, a capacidade de 216 br³.

O farol foi construído pelo engenheiro Carson, o da fábrica de Valença. Há 5 pessoas no serviço do farol, tendo o administrador 1.000 réis por dia, outro 800 réis e os mais 3.600 cada um. Queixaram-se de que era pouco pois que fazem todos as conduções da ilha e para ilha do que é preciso para o farol, e a limpeza deste à sua custa.

O subdelegado, que o é desde 1842, homem de 65 anos, mas que não parece, e que diz ter militado a bem da Independência, representou-me contra a falta de pedra na ilha, pois a freguesia é a de Cairu a 9 léguas de distância do mar.

O quartel das praças inválidas, que são 7, e entre as quais há um Manuel Pinheiro, de 84 anos e 60 de praça, está em mísero estado, e ao pé existe o calabouço onde se tem guardado o azeite para o farol e outras coisas, é uma miséria!

Depois fui ver a fortaleza que foi mandada construir pelo vice-rei Vasco César Fernandes de Meneses, como se vê da seguinte inscrição sobre o portão: [linha em branco] ⁰¹⁸.

Há peças que ainda se podem aproveitar, e aí achei um forninho para balas ardentes e instrumentos para seu emprego. O mar já deitou boa porção da muralha abaixo, e minou outra, passando-a de um lado para outro.

Na ilha há 300 e tantas famílias, como me disse, da segunda vez, o comandante da fortaleza, que também inspeciona o farol, e mais de 2 mil pessoas segundo o subdelegado.

A escola pública é de meninos e meninas e tem por todos 30 e tantos, segundo me disse o professor.

A ilha tem 14 léguas de extensão, conforme aventurou o comandante, não mostrando o mapa de Roussin senão 31; mas nenhuma cultura a não serem poucos pés de laranjeira e bananeira e muitos coqueiros, abundando em formigas e

cupim, e jararacas e jararacuçus, segundo me disse o comandante do Amazonas; mas não foi confirmado pelo comandante Palmeira.

O inválido Paulo Pedro Rodrigues da Costa pediu-me para ser transferido para a companhia de inválidos da corte; consta ter sido um dos melhores cornetas do exército na época da Independência.

Há na ilha boa tabatinga para caiar, e outra mais dura que chamam solho e serve para o chão. Há de diversas cores tanto de uma como de outra qualidade.

Nas praias, na baixa-mar, apanha-se pedra calcária, de que colhi amostra e fazem cal na ilha.

Há uma fonte pública de 3 bicas com a seguinte inscrição : “O Ilmo. e Exmo. Sr. André de Mello e Castro, Conde das Galveias, vice-rei – cap-gal. de mar-e-terra do gno do Brasil, mandou fazer esta fonte em 1743”. A água que me deram para beber era pouco clara mas dizem que é boa, e não me pareceu má no gosto; é verdade que tinha bastante sede e a localidade passa por sadia ainda que a gente não o pareça pela fisionomia.

Fui depois ver o Curral ⁰¹⁹, que é uma parte da enseada cuja entrada se encobre como uma ponta de areia cheia de mato, princípio de um baixio que já formou adiante uma ilha de areia, já coberta de vegetação, e que não existia ainda em 1823. É lugar muito abrigado e com fundo pouco raso, pouco afastado do baixio, e foi aí que estiveram em 1823 os navios da esquadra brasileira, com exceção na nau Pedro I e corveta Maria da Glória, que cruzavam por serem veleiros.

Indo para o curral passamos pela povoação de Gamboa, onde está erigindo uma capela o capitão Sousa Macieira, sendo esse o lugar onde se abrigam os navios costeiros. Aí encontramos um vinda de Valença (cuja matriz se avista ao longe, descobrindo-se grande parte da povoação do alto do morro do farol) com dois mastros, muito perto um do outro, e para o lado da proa, sendo o posterior inclinado para trás e tendo cada um uma vela, visando-se unicamente a do mastro posterior. A proa é semelhante à das gôndolas e mete bastante de popa, dizendo o Marques Lisboa que estes barcos têm belas linhas d’água, agüentando muito bem o vento. Colhi na ilha umas campainhas azul-acinzentado que já estão murchas do bolso, mas levarei assim mesmo. Logo ao chegar à ilha vi um chapéu da moda e depois mais três; até aqui!

9 ³/₄ – De tarde vieram diversos com requerimentos e, numa representação, pedem que se crie freguesia esta povoação de mais de mil almas, para cumprimento do “Crescite et multiplicamini”.

O farol acendeu-se às 6 horas e disseram-me que sua intermitência é de 5 segundos e mais brilhante em certa distância que perto. Não se vendo a torre, parece, quando menos brilhante, uma segunda lua no céu.

A povoação formou duas linhas de luminárias, com pessoas trazendo fochos. Vieram 3 repolhos monstruosos de presente.

Às 9 ¹/₂ chegou o comandante do Itajai e o ajudante do capitão do porto da Bahia, com programa do desembarque publicado pelo Pena ⁰²⁰; souberam de nossa chegada ao morro de S. Paulo às 2 da tarde por uma lancha saída de manhã daqui. Os dois oficiais vieram num vapor mercante ⁰²¹, parece que por não poder trazê-los o Itajai e já se retiraram para a Bahia, onde se sabe que o Pirajá chegou 5^a. f.

Vou agora recolher-me para acordar amanhã antes de suspender o ferro.

6 de outubro de 1859 – Dormi muito tranqüilo desde perto de meia-noite porque estive lendo outra vez o programa e vendo a planta da cidade da Bahia até antes de 5 ¹/₄.

Suspendeu-se ferro às 6 ¹/₄, e escrevo deitado na baiúca (7 ¹/₂) porque joga muito; receio ficar enjoado.

O dia está bellissimo e há três que venta S.O. sem que tenham vindo em reposta os pirajás. Acabo de regular o meu relógio pela hora da Bahia, são 8 e 7’.

9 e 43’ – Avistam-se a Bahia e 4 vapores vindos de lá. Distinguem-se 5 vapores ⁰²². O Eolo está todo embandeirado ⁰²³ tendo saído antes de ontem para esperar a esquadra. 10 e 20’ lançamos âncora.

Antes de entrarmos no porto caiu um marinheiro sobre o tombadilho e disse-me o cirurgião de bordo ⁰²⁴ que apenas machucou uma costela; foi carregado para a proa e sangraram-no.

Depois de almoçar desembarquei depois de meio-dia numa galeota cujas vidraças abaixavam tirando-se umas cravelhas que as suspendiam, contudo era muito decente – e quente ⁰²⁵.

Havia muito entusiasmo no desembarque e o arcebispo ⁰²⁶ esperava-me, dando-me o crucifixo a beijar pouco adiante do Arsenal de Marinha. Várias meninas recitaram versos no caminho ⁰²⁷ e num elegante pavilhão na Praça do Teatro houve o speech da Câmara Municipal, debaixo de uma ventania que entrava por entre as colunas do pavilhão, sustentando escudos com os nomes das diversas províncias, que não sei como me não constipou.

As ruas são estreitas e enlameadas – não muito – até à Sé Nova, ou igreja de Jesus ⁰²⁸, que é um templo vasto de arquitetura jesuítica e com pinturas que me pareceram dignas de atenção; cumpre vê-las mais devagar. Houve aí apenas a – *Salvum fac regem* – e depois voltei pelo mesmo caminho para o palácio.

No largo da Sé Nova, ou Terreiro de Jesus, há um chafariz que parece de muito bom gosto, e foi feito pela companhia de abastecimento de água à cidade, ou do Queimado ⁰²⁹.

O Palácio está muito bem arranjado ⁰³⁰, e na sala de comida há um vaso de prata com belas figuras para água, pesando 5 arrobas e cujo coco, também todo de prata, serviria para um Golias. No outro topo existe, sobre um pedestal de madeira envernizada, outra peça de prata que é uma concha com uma ninfa que repuxa água de uma flor que segura sobre a cabeça. Todo o serviço de mesa é riquíssimo ⁰³¹, e o jantar, que principiando tarde, só acabou haverá 20' (são 8 horas), foi suntuosíssimo.

Depois que voltei de Sé houve parada onde se reuniu numerosa e luzida Guarda Nacional, de que parte teve de dar as descargas numa rua estreita por causa das poucas dimensões do largo do Palácio que se parece com o Pátio do Colégio em S. Paulo, seguindo-se concorrido cortejo.

Acabado o jantar conversei com diversas pessoas, dizendo o diretor da Escola de Medicina ⁰³², que havia assiduidade nos lentes, severidade no 1º ano escolar, dando-se também nos passados exames preparatórios. Mas que os estatutos tinham inconvenientes, principalmente nas penas de prisão e repreensão, por inexequíveis ou pouco eficazes e que o laboratório de química, apesar de nova obra, ainda estava mal acomodado. Ficou de vir cá um dia para falar-me especialmente a respeito das necessidades da Escola.

O Manuel Maria do Amaral ⁰³³, antes do cortejo, falando-lhe na ilha do morro de S. Paulo, disse-me que já tinha dado as ordens precisas para se aproveitar o que resta de um edifício nacional de sobrado, que eu vi só com as paredes e talvez algum madeiramento em bom estado.

As iluminações das casas que eu vejo daqui estão bonitas, e principalmente a do Forte do Mar ⁰³⁴, que de dia parece um empadão. Está aí o depósito de pólvora, ameaçando a cidade, e a casa que se prepara na ilha do Medo consta que está muito atrasada; convém ativar a obra.

De um dos lados do Palácio há excelente vista do mar, que está hoje coalhado de pequenas embarcações perto das praias.

Amanhã hei de ir às 6 ½ ver o Arsenal de Marinha que tem edificios importantes, e depois à Alfândega, onde se tem consumido muito dinheiro, dizem que sem maior proveito, principalmente num subterrâneo, onde entra a água do mar. O engenheiro diretor de todas as obras que não são da Marinha, é o Aguiar ⁰³⁵.

Chegou à noitinha o Cruzeiro do Sul e levará amanhã cartas minhas para o Rio de Janeiro.

No meu quarto quase todos os trastes de cima de mesa são de prata; nunca vi tanta prataria.

Já falei a diversos fazendeiros sobre a necessidade de melhorar a agricultura e pedi ao Wanderley ⁰³⁶, já o tendo feito no Rio ao Saraiva ⁰³⁷, que examinasse a questão segundo as minhas idéias.

Consta-me que a lavoura quer dar um baile, e talvez reúna 20 contos! mas infelizmente já me disseram haver despesas feitas para tal fim ⁰³⁸.

A água que tenho bebido tem gosto de ferro, será a da companhia ⁰³⁹?

O chefe de policia ⁰⁴⁰ disse-me que havia subdelegacias na cidade sem proprietários, e que substitutos de autoridades policiais estavam por nomear, por tê-los proposto ao Messias de Leão ⁰⁴¹, quando então já sabia que vinha novo presidente.

O cônego Cajueiro ⁰⁴² ofereceu-me dísticos e hexâmetros destacados latinos como parabéns; não são grande coisa.

Talvez passe revista à Guarda Nacional antes de ir para o S. Francisco; mas só amanhã o decidirei, podendo ficar a revista para a volta. Há muitos estabelecimentos que visitar e quarteirões inteiros de belas casas de 4 andares para o lado do Bonfim.

Vou agora escrever para o Rio e depois descansar até amanhã às 6.

Esqueci-me de dizer que não tenho encontrado tantas caras escuras como esperava e que a Guarda Nacional não é muito negra, marchando sofrivelmente para o pouco exercício que tem ⁰⁴³, todavia às vezes aparecem de uma vez na mesma janela 3 ou 4 turbantes de negras minas.

Os Bulhões têm muito melhor fisionomia que os Moniz ⁰⁴⁴ e a baronesa de S. Francisco é uma perfeita dama e devia ser muito bela ⁰⁴⁵. A de Paraguaçu parece ser muito boa ⁰⁴⁶. O barão de Cajaíba ⁰⁴⁷ tem belo porte militar mas é capaz de fazer

um milhão de cumprimentos durante poucas horas; estou perto deles.

7 de outubro de 1859 = Dormi, tendo acordado às 6.

Sai às 6 e 10; fui ao Arsenal da Marinha pela Ladeira da Preguiça ⁰⁴⁸.

O inspetor e intendente ⁰⁴⁹ pouco se demora.

No portão há a data de 1790. Existem no estaleiro de pedra dois iates desde a presidência do Cansanção ⁰⁵⁰ chamados Cairu e Rio de Contas, que não se tem acabado por falta de madeira pedida das Alagoas. Já há alguma, de jaqueira, mas não toda a que é preciso, queixando-se o inspetor muito da falta de madeiras e destruição das matas. A oficina das máquinas é boa, mas tem poucos operários, não sendo o Chandler ⁰⁵¹ capaz de substituir o Gremdy que morreu há pouco. A máquina que dá movimento às outras é de 15 até 24 cavalos e está se tratando de montar um sistema de ventiladores movidos pela mesma máquina. Está se abrindo uma grande cova para a fundição; mas trata-se de esgotar a água que é muita, empregando-se, ainda para tal fim, além de uma bomba, o parafuso de Arquimedes.

A casa é forrada de pedra e por cima tijolo, que não é bom aqui, e tudo com cimento, que não sei se é mesmo do cais, que consiste em duas partes de cal e uma de um barro extraído das bandas do Bonfim, o qual é muito glutinoso, e dizem que se torna, no mar, duro como pedra, sendo a amassadura com água salgada.

O cais vai muito devagar, e acabado inutilizará a caldeira do Arsenal, que algum préstimo presta quando a maré está cheia, sendo contudo, segundo me pareceu, desabrigada do vento sul. Para alimentação das caldeiras, fizeram um poço onde entra água do mar, havendo ao pé um tanque de ferro com água doce, que o intendente queria misturar com a do poço, o que a tornaria salobra, com dano das caldeiras, talvez porque o encanamento de água do Queimado se costuma romper com o impulso da água, e por isso quer maior reservatório de água para as caldeiras que a do tanque só.

O quartelamento dos aprendizes menores está muito bem arranjado, para o tempo em que principiou a funcionar a instituição em fevereiro deste ano. Contudo achei as camas perto umas das outras, por falta de espaço para todas, e talvez não convenha que os dormitórios sejam de telha vã.

Os meninos têm bom aspecto, e alguns são muito galantes. O intendente mostra-se avesso à admissão dos de cor, o que não convém de nenhum modo.

Não achei todos os gêneros de primeira qualidade sendo melhores alguns do Hospital, e dos marinheiros, que são mal pagos para o serviço que fazem.

No mesmo edifício há uma sala de modelos, onde existe um bem-feito duma corveta a hélice de 400 cavalos, do construtor Trajano de Carvalho ⁰⁵², que se queixa não ter que fazer. Há uns desenhos de uma cale à Haler de um João Anastácio de Souza ⁰⁵³ que parecem bem-feitos, sendo esta obra de utilidade para conserto dos navios, mas dependendo sua construção da destruição de dois edifícios.

O hospital está mal colocado porque se acha sobre o celeiro, que convirá remover daí mesmo para polícia do Arsenal e por baixo da casa das velas, cujo madeiramento ameaça ruína. No celeiro pagam-se 3 mil réis por quartel por uma caixa cheia, ainda que por muitas vezes, de cereais da capacidade de 25 alqueires, e 4.500 pelo mesmo tempo por outras de 600, 700 e 800 alqueires, pagando-se vintém por sacco! O serviço não parece bem-feito. Há outros celeiros na Câmara Municipal e outros lugares da cidade e arrabaldes.

O médico apareceu para a visita depois da hora marcada para ela: 9 horas.

Os espaços entre as comidas não me pareceram bem calculados: almoço às 7 ½, jantar ao meio-dia, ceia às 5; também os marinheiros almoçam às 9, jantam ao meio-dia e não ceiam.

Não há aparelho de cirúrgica [sic] no hospital nem botica. Pedi diversas informações ao intendente, que juntarei. A limpeza do hospital faz-se em cubas de pau! Ainda não tomam os aprendizes menores banhos de mar, como convém, por falta de local, segundo diz o intendente.

Ainda dei um giro para a cidade até avistar o Passeio Público, examinando as fontes do Largo do Teatro e da Piedade que são de mármore muito bonitas, principalmente a última, com a figura da América suplantando um dragão, e deitando água por 4 cavalos-marinheiros ⁰⁵⁴.

Às 11 ½ fui de carro para o Te Deum ⁰⁵⁵ cuja música foi péssima, cantando os capelães menos mal os versos alternados do hino, a poder do movimento de compasso da vara de prata do regente do coro. O sermão do Fonseca Lima ⁰⁵⁶, cuja fisionomia nada prometia, não foi mau, porém, monotonamente recitado, havendo elogios de mais, repetição de pensamentos e uma referência pouco conveniente ao adiamento do projeto de lei dos casamentos ⁰⁵⁷. Para o fim do Te

Deum houve tantos rojões que faziam a bulha de um verdadeiro pirajá. Antes de partir conversei com o arcebispo, a respeito do clero, que me deu boas informações em geral dos párocos da cidade, e dos lentes dos seminários, abonando o cônego Miguel Ferreira por sua moralidade, e os padres Laranjeira ⁰⁵⁸ e Macedo Costa ⁰⁵⁹, por sua ilustração e moralidade. Falamos também sobre antigüidades da terra, e sobre o Instituto Histórico ⁰⁶⁰, a uma de cujas sessões talvez assista na minha volta do S. Francisco. O arcebispo disse-me que os membros do Instituto trabalhavam pouco, reunindo-se na Biblioteca Pública.

Acabo de chegar de minha visita às Igrejas da Graça e Sé Velha, cuja descrição ficará para depois do teatro, se o sono o consentir; são 7 ½. Esquecia-me de dizer que já bebi água boa; mas ainda não tive tempo de perguntar de onde é.

11 ¾ – Chego do teatro que não é feio ⁰⁶¹; tem 3 ordens de camarotes de 20 cada uma [sic] e uma varanda superior com um lustre sofrível. Camarotes e varanda estavam cheios; mas a platéia não tinha [ilegível]. Não vi nenhuma cara de senhora que chamasse a atenção. Cantaram mal o Rigoletto, e a orquestra também não presta; o cenário não é mau.

No segundo entreato fui ver um modelo em argila da estátua de meu pai outorgando a Constituição pelo escultor e cantor Camilo Formili ⁰⁶², recomendado do conde de Siracusa; não achei semelhança em nada, nem nobreza na posição. É obra de 15 dias!

Fui recebido com muito entusiasmo ao chegar ao teatro. Houve apenas uma poesia de um Cunha ⁰⁶³, da Tesouraria Geral.

O caminho para a Graça, desde o Campo da Vitória ⁰⁶⁴, é muito bonito por causa das belas chácaras com lindos edifícios, principalmente de estrangeiros, que dão a este bairro o aspecto das Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

A Graça ⁰⁶⁵ não é feita por fora. Logo à entrada há 2 quartos, representando, o da direita, os atos mais notáveis da vida de Caramuru e Paraguaçu, como o achado de uma imagem naufragada na Boipeba, orago da Igreja; e o da esquerda, uma romaria a essa igreja dos membros da Câmara nas suas carruagens em dia de Reis, como costumavam fazê-lo; vêem-se caboclos na praia. Os quadros são antigos e apenas curiosos pelo assunto ⁰⁶⁶. Perto das cancelas, para o lado de fora, está uma lápide nova com a seguinte inscrição: – Sepultura – “D. Catarina Álvares Paraguaçu, Senhora que foi desta Capitania da Bahia, a qual ela e seu marido Diogo Álvares Correia, natural de Viana, deram aos Senhores Reis de Portugal, edificou esta capela de N. Sra. da Graça e as deu com as terras anexas ao Patriarca S. Bento em o ano de 1582” ⁰⁶⁷. O beneditino de cruz de abade que aí está [sic] ⁰⁶⁸, disse que a lousa nova substituíra com pequena diferença na inscrição, a antiga, tendo em cima da inscrição o escudo de armas da doadora que é muito historiado ⁰⁶⁹...

À esquerda, junto à parede do templo está uma urna funerária com a seguinte inscrição seguida de um soneto, numa lápide logo abaixo cravada na parede:

“RESTOS MORTAIS DE D. JÚLIA CLARA FETAL

20 de abril de 1847

Estavas bela Júlia descansada
Na flor da juventude e formosura
Desfrutando as carícias e ternura
Da Mãe que por ti era idolatrada.
A dita de por todos ser amada
Gozava sempre ver tu'alma pura
Que por mesquinho fado à sepultura
Brevemente seria transportada.
Eis que de fero algoz a destra forte
Dispara sobre ti, Júlia querida,
O fatal tiro que te deu a morte.
Dos olhos foi-te a luz amortecida
E do rosto apagou-te iníqua sorte
A branca e viva cor com a doce vida.”

Era a moça que assassinou o Lisboa ⁰⁷⁰, quase que na presença do Muritiba ⁰⁷¹, que impediu o assassinato da mãe da moça, segundo me referiram ⁰⁷².

A igreja foi dourada de novo e reparada durante a administração do abade geral Fr. Damásio ⁰⁷³, que pregou na minha sacração. Na casa particular há um quadro antigo representando Paraguaçu orando à Virgem da Graça. O vestuário parece mais moderno que o do XVI século, e lê-se, ao lado direito do painel a seguinte legenda : “D. Catarina Álvares Paraguaçu, senhora que foi desta Capitania da Bahia a qual deu aos sereníssimos nossos reis de Portugal; fundou e deu esta Igreja da Virgem S.S. e Sra. da Graça, e estas terras anexas ao príncipe dos patriarcas S. Bento no ano de 1582.” A pintura é apenas curiosa, e a Paraguaçu parece uma cabocla muito feia ⁰⁷⁴.

Quando viemos para a Sé Velha quase todas as casas do bairro da Vitória de cima do morro estavam iluminadas e algumas com bastante luzes; atiravam muitas flores.

A Sé Velha é um templo mais magnífico do que a Catedral ⁰⁷⁵. Tem, além de capela-mor, em cujos ornatos de talha se gasta a pequena consignação da província, quando o telhado ameaça ruína, oito capelas laterais ou altares fundos, quatro de cada lado, e mais uma pequena capela ou altar no fundo que abre na primeira lateral da esquerda, e onde está agora o Sacramento. Quase todas as paredes das capelas e altares fundos têm pinturas e algumas curiosas como as dos milagres de Sto. Antônio, no respectivo altar fundo, distinguindo-se as da sacristia nas paredes e tetos, sendo duas pequenas, segundo me disse o cônego-vigário ⁰⁷⁶, sobre vidro preso à parede. As cômodas onde se guardam os paramentos e mais pertences são de jacarandá e com pegadeiras, nos gavetões, de prata lavrada. Os degraus que sobem para a capela-mor são de pedra com embutidos de diversas cores da mesma matéria e logo à direita encontra-se uma sepultura que me disseram ser do célebre arcebispo Sebastião Monteiro da Vide ⁰⁷⁷, autor da Constituição do Arcebispado, o qual, com efeito, morreu no ano da inscrição, que é a seguinte: “*Brasiliae Leges, Templis Augmenta Paravit Venturis Magnam Praesulibus Que Domum Obdormuit. In Domino Villo Septembris Anno 1722.*” Um pouco esquerda [*sic*] lê-se numa lápide: “Sepultura de Estêvão dos Santos do Conselho de S. M. e bispo deste estado do Brasil, faleceu em 6 de junho ⁰⁷⁸ de 1672 em circunstância tão miraculosas em sua morte, que qualificaram a grande opinião das muitas virtudes que teve em sua vida.” Na segunda capela lateral da direita está uma lápide com esta inscrição: “Aqui jaz o Exmo. e Revmo. Sr. Luiz Álvares de Figueiredo ⁰⁷⁹, do Conselho de S. M., bispo titular de Uranópolis, arcebispo da Bahia, primaz da América. Faleceu nesta cidade em 28 de agosto de 1735. Tendo de prelado 10 anos e de idade 65.” Mostraram-me o altar da Sra. da Fé ⁰⁸⁰ onde orava o Pe. Antônio Vieira quando adolescente e sentira estalarem-lhe os miolos como me disse o cônego vigário, ficando depois com o grande talento que teve.

A casa do Cabido está inteiramente [*sic*] e não me souberam dar notícia do retrato do vice-rei marquês de Angeja, de que Rocha Pita à pág. 609 n° 20 da sua História ⁰⁸¹, e em cujo tempo fundou o recolhimento das mulheres honestas João de Matos d’Aguiar, vulgo João de Matinhos. Arriaram as torres que eram muito altas, e de cima das quais atiraram peças dos holandeses [*sic*] conforme ouvi ao cônego vigário.

A água fervida era do Queimado, e isto sucedeu durante alguns dias sempre que limpam os canos, como o fizeram por causa da minha visita; agora bebo de uma água vinda da distância de ¼ de légua, e é muito boa.

Tem chovido bastante esta tarde e noite. O Melo ⁰⁸² encarrega-se de observações termométricas, higrométricas e pluviométricas.

É quase 1h. Vou ler o Jornal da Bahia de hoje e dormir. Já acabei de lê-lo, e já me arvoraram em oficial de marinha porque me viram à entrada do porto sobre a caixa de uma das rodas do vapor ⁰⁸³.

8 de outubro de 1859 = Acordei às 6.

Saí às 7 com chuva e fui para o lado de Nazaré passando pela nova rua da Vala ⁰⁸⁴, que é larga e em grande parte direita.

Visitei o Quartel da Polícia ⁰⁸⁵ na Mouraria. Não o achei mal arranjado notando apenas que o armamento seja de perdeneira [*sic*]; a fazenda das calças pouco encorpada, e que os soldados durmam em suas casas. A estrebaria é má, e há só dois fornecedores de forragem para os cavalos da Polícia e Corpo Fixo, apesar desses gêneros darem lucro na venda; os cavalos não passam bem sem mel na água, com que misturam a forragem; o hospital não tem instrumentos cirúrgicos; o café para os soldados compra-se torrado e não tinha boa cor e gosto.

Vi também o comando das armas, onde o livro do detalhe estava escrito só até o dia 3 deste mês, pedindo o detalhe de hoje, e os quartéis do 7.º e do Corpo Fixo. A arrecadação do 1.º destes corpos está muito mal colocada num aposento em que chove, e os gêneros alimentícios não são tão bons como os do Corpo Fixo que é o que os tem melhor, torrando-se o café no quartel deste corpo.

Os sapatos fornecidos a estes corpos são miseráveis, não podendo durar no serviço mais de 15 [dias?] e a fazenda das calças, fardas e capotas, pouco encorpadas, não podendo assim durar, principalmente para os destacamentos do Corpo Fixo, o tempo da tabela.

O armamento de ambos os corpos está muito velho. O comandante do Corpo Fixo parece-me bom oficial ⁰⁸⁶, o que já não digo, ao menos tanto do 7.º ⁰⁸⁷. As companhias estão nos quartéis duas por alojamento, e as tarimbas não se levantam. Os cavalos do Corpo Fixo estão no Quartel de S. Pedro assim como o hospital da linha.

Fui depois à Alfândega. O novo edifício é solidamente construído, tendo se despendido até agora com ele 1.000 contos ⁰⁸⁸. Os armazéns subterrâneos chegam a fazer 20 polegadas de água por causa de mal cimentados, mas consta que o Law ⁰⁸⁹ se ofereça [sic] há pouco tempo a dá-los por prontos com a despesa de 30 contos.

As embarcações de maior lotação não podem atracar ao novo cais, mas há projeto de uma ponte de ferro até o canal entre a praia e o Forte do Mar que dizem ter muito fundo. Para ter mais espaço conviria descansar o telhado de rotunda do fundo sobre os pilares externos, suprimindo o terraço.

Espero informações que pedi na Alfândega as quais juntarei.

O Manuel Maria do Amaral diz que não tem havido abuso, pelo menos notável, na despesa, mas sentem que tirassem a direção da obra a quem planejou ao Przewodowski ⁰⁹⁰; mas ele anda brigado com o engenheiro atual, o Aguiar. Sobre a porta, de que pouco distava a extremidade da ponte velha, que forma parte, agora, do aterro, no qual está o novo edifício começado em 1849, tendo principiado o aterro para nova ponte em 1843, há a seguinte inscrição: “Vasco Fernandez César de Menezes, que foi 38º vice-rei da Índia e o 4.º do Brasil, mandou erigir esta ponte com tanta utilidade pública para melhor expedição do desembarque das frotas no ano de 1723.”

Voltei para casa pelas ruas dos Droguistas ⁰⁹¹ e outras, mas como esta, muito estreitas mas comerciais, e no Terreiro de Jesus ⁰⁹² examinei o belo chafariz de bronze ornado de uma estátua sobre um pedestal cuja parte inferior rodeiam as figuras dos quatro rios Paraguaçu, Jequitinhonha, Pardo e S. Francisco, com sua barba venerável, de excelente trabalho artístico, havendo em torno do mesmo chafariz oito candelabros de muito bom gosto ⁰⁹³.

Depois do almoço recebi diversas pessoas e li, indo à uma ver a Tesouraria e o edifício da Câmara Municipal. Hei de receber dois trabalhos curiosos da tesouraria. O contador ⁰⁹⁴ queixa-se da falta de empregados, de que alguns são distraídos por outros serviços, Guarda Nacional e júri, mas as tomadas de conta estão em dia, e não tem havido alcances consideráveis. O cartório carece de ser completamente arranjado, tendo o cartorário ⁰⁹⁵, contudo, dado os papéis que lhe pedi.

O Manuel Maria do Amaral queixou-se-me do modo por que o tratara o engenheiro Aguiar, num ofício em resposta a uma pergunta sobre a identidade de um jornalista, e queixa-se muito do Conselho de Compras do Exército, elogiando o da Marinha.

Na tesouraria e contadoria há um painel de N. Sra. da Conceição ⁰⁹⁶.

Na Câmara Municipal ⁰⁹⁷ a sala é bela e tem os retratos meu ⁰⁹⁸, de meu pai ⁰⁹⁹, dos visconde de Cairu e José Bonifácio juntos num só painel ¹⁰⁰, dando o ano de 1825 como o da morte de Cairu ¹⁰¹.

No topo da sala há um quadro de N. S. crucificado na Gólgota, a que se costuma acender velas no ato de posse dos presidentes ¹⁰².

Na secretaria da presidência, que existe no mesmo edifício, creio que provisoriamente durante a minha visita ¹⁰³, há um plano de melhoramentos do Largo do Palácio, feito pelo Lenoir, que merece atenção.

A cisterna mandada construir pelo marquês de Aguiar foi desmanchada, quando para se mudar a Assembléia provincial para a casa da Câmara, tendo se comprado o seu antigo edifício, para anexá-lo à tesouraria, porque tornava a sala das sessões úmida.

Disseram-me que havendo nova casa da Assembléia, segundo um projeto de Lenoir, que se liga ao melhoramento do Largo do Palácio, mudar-se-á para aí o júri que está tristemente colocado no Aljube.

Às 5 ½ fui a S. Bento ¹⁰⁴. É uma bela [obra?] que se constrói há 96 anos, mas de 4 anos para cá trabalha-se com mais força e [o] abade ¹⁰⁵ espera vê-la acabada daqui a três. O zimbório que tem de altura, desde o pavimento da igreja, 25 braças, é magnífico, e subi até mais de 2 terços, gozando da bela vista de mais de uma das janelas que aí há, e entre as quais devem pintar-se santos.

Empregaram 76 mil tijolos na cúpula e o simples custou mais de conto.

A lanterna é de vidros corados e na cúpula, logo sobre a cornija, há óculos com vidraça sem cor, cujos caixilhos de

ferro pesam 15 arrobas.

A capela-mor tem grande altura e encomendaram o altar mármore de Carrara ¹⁰⁶.

Forma a igreja cruz grega, e tem, do lado esquerdo, entrando pela frente, quatro altares fundos, e três com porta lateral de entrada, à direita ¹⁰⁷.

O que é propriamente cúpula tem 6 braças de altura e a lanterna 3.

Os labores das paredes do templo são de pedra de cantaria, cuja pintura branca pretendem raspar ¹⁰⁸. Os frades trepam, principalmente um mais gordo, até mais acima do que eu subi, com suma facilidade.

Há num dos altares fundos, ou espécie de capela, do lado esquerdo, entrando pela frente, uma sepultura com a seguinte inscrição: “O Exmo. e Revmo. Sr. D. Fr. José de Santa Escolástica, monge da ordem de S. Bento, Pregador da Real Capela de Bemposta, bispo eleito de Pernambuco, e arcebispo metropolitano da Bahia. Faleceu a 3 de Janeiro de 1814.”

O convento tem duas partes: a velha, fundada em 1851 (as terras foram doadas por Lourenço da Vega [sic] e pelo bispo D. Fr. Antônio Barreiros ¹⁰⁹, e a nova com um corredor de dormitório de 450 palmos de extensão. O coro da Igreja tem assentos de jacarandá com belos lavrados ¹¹⁰, e órgão descansado num arco chato, que dizem ter caído por duas vezes, antes de construído por um frade ¹¹¹. O que deu o risco para a igreja também foi um frade ¹¹².

Acharam-se duas inscrições curiosas no convento. Na porta da sacristia há as seguintes inscrições: “Sepultura de Fr. Antônio Ventura, fundador e abade deste Mosteiro. Faleceu em 13 de Dezembro de 1591” ¹¹³, e a um lado: “Aqui jaz um pecador Gabriel Soares” ¹¹⁴. Consta que foi o presidente do Senado da Câmara na época da fundação do Mosteiro. Será o que escreveu sobre o Brasil ¹¹⁵?

No antecoro há um retrato com a seguinte legenda: “Francisco Barcelone, grande benfeitor do Mosteiro de S. Bento da Bahia. Faleceu aos 15 de julho de 1750 com 77 anos de idade” ¹¹⁶.

Depois de voltar conversei com o Saraiva sobre melhoramentos na Bahia e depois das 8 dei despacho curto e (dez) tendo escrito desde às 9 ½ o que neste Diário se refere à tarde.

Vou tomar meio banho, ler e dormir.

O Tibério ¹¹⁷ veio antes do despacho e ainda não vi o Fernandes da Cunha ¹¹⁸ e o Landulfo ¹¹⁹.

9 de outubro de 1859 = Acordei às 5 1/2, mas só sai cerca das 6 ½ por causa dos cavalos.

O caminho até Pirajá, na distância de quando muito duas léguas, não é bonito, e está muito pouco cultivado, aparecendo, contudo, de vez em quando, belas mangueiras, e craveiros da Índia e o Cajaíba disse-me que a terra é boa para café. Este barão, que é um perfeito militar, montando muito bem a cavalo, referiu-me que no ataque de 3 de outubro de 1822, junto à Capela da Conceição, o Muniz Tavares ¹²⁰, hoje brigadeiro graduado, e mais 2 soldados, se entrincheiraram fazendo fogo a mil lusitanos, enquanto que o corpo comandado pelo Matos de Lucena ¹²¹ (que também me acompanhava, como todos os outros oficiais hoje de patente superior no exército e armada, que tivessem tomado parte na luta da Independência nesta província, e puderam ser por mim convidados) se retirou por cobardia do comandante, se não inclui na informação do Cajaíba o haverem lhe tirado o comando do batalhão que ele organizara em S. Francisco para dá-lo ao Lucena que tinha maior patente.

Além de que o Cajaíba parece-me vaidoso de seus serviços, aliás verdadeiros.

A Capela da Conceição de um engenho particular está em completa ruína ¹²².

No caminho para Pirajá existem dois currais onde se guarda o gado que serve para o corte, apesar de não ver eu pastos perto que prestassem; pois que as capoeiras invadiram quase que de todo os outrora Campos de Pirajá.

Neste lugar há uma capela da hoje freguesia sob a invocação de S. Bartolomeu, cuja imagem, com uma enorme navalha, se acha pintada no teto do corpo da igreja; e algumas pequenas casas, sendo o local feio. Ao lado direito da porta de entrada estão os restos de Labatut ¹²³, como pedira em seu testamento numa pequena urna de mármore feita pelo Gonno [?], porteiro da Alfândega daqui. Pus uma coroa de sem-vivas ¹²⁴ amarelas e pretas sobre o monumento, e disse aos que me acompanhavam que também depositassem flores; o que fizeram.

O ataque dos lusitanos, que aí teve lugar no dia 8 de novembro de 1822, foi revestido de circunstâncias singulares, que me contou o Cajaíba. A vitória dos brasileiros deve-se a um corneta trãnsfuga português que descompunha, por meio dos toques, o exército lusitano, e neste dia, tocando a retirar, fez com que avançassem os lusitanos para debandarem para o lado do Campo do Cabrito e da Cidade, logo que ouviram os vivas dados a meu pai, pelo major de Pernambuco Santiago;

os tiros de uma pequena peça assestada ao lado direito da igreja, para quem segue para o Cabrito, e o toque de degola da cavalaria que deu o tal corneta, quando apenas havia 300 brasileiros sobre que se dirigiam quatro colunas lusitanas, tendo por todos 4 mil homens, uma da parte da cidade, outra do lado do Cabrito, outra de Itapoã e outra em direção à praia próxima, que chegou ao desembarque, quando as outras já se debandavam.

O Cajaíba mostrou-me pouco adiante, no campo do Cabrito, também quase todo coberto agora de capoeira, onde morou o Pedro Jácome, que se expôs às balas do inimigo com tenacidade, para responder às acusações que o comandante - parece-me que o Matos de Lucena - lhe fazia, de covarde. Todas estas informações são do Cajaíba, e só posso afirmar que as ouvi.

Na volta de Pirajá, por cima de uma das colinas, a alcançar pelo Cabrito novamente a estrada por que fui, gozei da bela vista, de Itapagipe e Plataforma, descobrindo-se parte da estrada de ferro, que o barão de S. Francisco me disse construir-se agora com mais segurança, depois das chuvas terem levado parte do que se fizera no princípio.

O Cajaíba disse-me que pretendia estabelecer uma colônia nas sesmarias, de cerca de 300 léguas! que possui perto do Porto da Folha, na margem do S. Francisco e que lhe couberam por morte da mãe ¹²⁵, da família dos Ferrões, a quem elas foram concedidas; aconselhei-lhe que fundasse a colônia com habitantes das margens do S. Francisco, que só pescam para alimentar-se.

Tendo almoçado vieram deputações, sendo digna de nota pelo mau gosto, a alocação do Conservatório Dramático ¹²⁶, e mostrando pendência para aludir ao projeto dos casamentos mistos, a do Cabido ¹²⁷, que foi palavrosa.

Depois de uma hora da tarde fui levar a imperatriz ao convento do Desterro ¹²⁸ e segui para a casa de Correção, que se começou a fazer há trinta anos, tendo tido interrupções de anos, estando a construção parada há 4. Há dois raios [sic] dos oito do projeto: um, quase pronto nos dois andares - térreo o 1º; são três, e outro tendo só as paredes externas e os pilares que sustentam o teto, e os dois assoalhos, dos quais está feito o do 1.º andar. Cada um devia ter 216 cubículos e agora 108, porque sendo muito acanhados, para alargá-los romperam-se as paredes divisórias ficando agora grandes demais. Num dos raios só 72 cubículos prontos. A obra foi tão bem planejada, que os presos só podem ser vigiados por defronte das portas, não havendo corredor para as grades como na Corte, e as grades estão sendo agora postas, depois de feitos os vãos das portas, colocando-se todavia nos buracos que se fazem nas paredes, pedras matacões menores ou maiores onde se chumbam as grades, que já estão encomendadas para todos os 8 raios! Arrematou-se por 15 contos o rompimento da parede divisória dos cubículos primitivos e o assentamento das grades. O raio que ainda não tem cubículo deve conter as oficinas no andar térreo, que é pouco esclarecido.

Vi asfalto fora do edificio, dizendo-se-me que é para o andar térreo. O lugar da correção é muito baixo e conserva sempre água do mar. O portão é baixo e estreito, tendo em cima uma figura desproporcionada da justiça. Pedi ao presidente a conta do que se tem despendido com tal obra ¹²⁹.

Voltando ao Desterro, as freiras quiseram beijar-me a mão por um postigo da grade do coro, e aí vi uma prima da Barral, que é a mais expressiva fisionomia que vi até agora na Bahia ¹³⁰, sendo muito simpática a da nora de Paraguaçu casada com o Egas ¹³¹.

São 23 freiras. A imperatriz, disse-me que uma delas assistiu às vésperas de capas de asperges, e incensou.

Cada cela tem duas camas e um canapé, sendo espaçosas e comendo aí cada freira depois de todas rezarem no refeitório.

Grande negralhada e num pátio uma ema.

O vestuário das freiras descobre-lhes parte do peito e das costas, e têm na cabeça uma espécie de carapuça preta ou branca conforme professoras ou noviças ¹³².

Às 5.20 fui ao Passeio Público ¹³³ que estava topetado [sic] de gente e é agradável passeio, tendo poucas árvores e plantas em geral, relativamente ao espaço. Há apenas dois serventes e um administrador, que cuidam do passeio e moram nele. O Dr. Souto ¹³⁴ parece zeloso mas parece que quer gastar mais do que a natureza do dispêndio permite, devendo-se por ora apenas conservar o que existe e plantar árvores, tendo as ruas limpas e batidas.

Daí fui ao forte de S. Pedro ¹³⁵ ver a partida do 2º de fuzileiros. Os alojamentos de baixo são úmidos. A comida é boa, a escrituração parece bem-feita, mas o calçado, ainda que melhor em geral do que o que vi na arrecadação do Corpo Fixo, não é bom, e o pano das calças impróprio, sendo os capotes de fazenda muito pouco densa. Os esgotos, quando venta sul, deitam muito mau cheiro perto dos respiradouros. Uma ala do quartel está em obras há muito tempo, e a cozinha um pouco longe dos alojamentos e devendo a comida vir sub jove.

Querem alojar aí a Guarda Nacional, mas não ficaria bem senão nos alojamentos do andar superior. A ponte do forte está toda arrumada. Um só cabide para as armas no alojamento, contendo cada um destes duas companhias; também há falta de cabides para as armas nos outros quartéis que eu vi.

O obelisco do Passeio Público sobre uma sapata de escadaria tem a seguinte inscrição do lado da terra ou do passeio: “Joanni Princ. Reg. P. F. P. P. Huc Primum Appulso XI Cal. Februar. A. D. 1808. Bahiae Senatus monumentum possuit 1815.”

Tenho visto muitas mulheres de óculos corados. Aparece muita gente de cor e há moleques quase como foguetes.

Houve pirajá enquanto estava na Casa de Correção.

Tenho ido estes dois dias ver o Pedreira ¹³⁶ que está, desde trás antes de ontem, de pé torcido por ter sido obrigado de manhã saltar do cavalo, que o atira quase ao chão.

A urna dos restos de Labatut tem uma coroa de louros e um mocho com dois índios ao lado, sustentando uma coroa também de louros, tudo de mármore, com o seguinte epitáfio: “Restos mortais do general Labatut, comandante do Exército Pacificador. Falecido em 6 de setembro de 1849 com 74 anos de idade.”

10 de outubro de 1859 = Antes das 7 fui visitar o Hospital Militar. Convém mudá-lo, quanto antes, talvez para os Bentos e Franciscanos.

Há bexiguentos e morreram dois.

A comida é a melhor, depois da do Corpo Fixo.

Os lençóis cobriam mal os doentes.

Há um mês que se espera do Arsenal de Guerra uma perna de pau. O diretor, major Nicolau Carneiro da Rocha, parece muito zeloso.

Existem dois planos para o novo edifício no mesmo local, feitos pelo engenheiro Manuel da Silva Pereira. O boticário ¹³⁷ queixa-se de estar sozinho no serviço de remédios, e além disto tem licença para freqüentar o curso médico.

Às 8 ½ estava na Escola de Medicina. Clínica Externa – o Dr. Antunes ¹³⁸ pareceu-me medíocre, e não fez preleção apesar de ter um caso curioso, segundo ele mesmo disse.

Farmácia – Antônio José Osório ¹³⁹, não é mau; porém algumas proposições não me pareceram exatas, não falando, conforme o estudo da ciência da pectina, quando tratou dos sucos dos frutos e plantas.

Operações – Alencastre ¹⁴⁰, medíocre; tratou dos processos de envaginação [sic] dos intestinos, levando a lição quase toda escrita.

Clínica interna – Antônio Policarpo Cabral; tem o movimento das pernas quase que perdido, mas excelente cabeça e simpática fisionomia ¹⁴¹.

O sextanista Joaquim Andrade Muniz Barreto ¹⁴² foi o estudante que me pareceu ter respondido melhor à cabeceira do seu doente. Não houve preleção e não apareceu, como devera, o opositor, Antônio Álvares da Silva ¹⁴³.

Anatomia geral e Patologia – Elias José Pedrosa ¹⁴⁴, atrofia e hipertrofia, dizendo que a magreza é uma espécie de atrofia. Dá lição pelo compêndio, foi o verdadeiramente mau que ouvi.

Patologia externa – Aranha Dantas ¹⁴⁵, falou-me com a clareza e propriedade de termos, quanto pude julgar, de quem sabia sobre luxações; foi o melhor que ouvi.

Fisiologia – Justiniano da Silva Gomes ¹⁴⁶, menos que medíocre, pensa como Raspail, que citou, que a albumina e fibrina são a mesma substância, no estado líquido ou de solidificação.

Higiene – Domingos Rodrigues Seixas ¹⁴⁷, tratou no fim do ano [sic] de generalidades dos diversos modificadores gerais do organismo, e com muita, talvez demasiada verbosidade, não tropeçando uma só vez, como quem trazia o discurso estudado. Desde que disse que o Ganges se lançava no golfo Pérsico tratei de ir a outra aula.

Botânica – Manuel Maurício Rebouças ¹⁴⁸, difuso e verboso. Tratou dos crustáceos que classifica com pouca clareza, dizendo que as pérolas eram ovos da feminina, que o macho cobria de uma certa secreção, julgando que se referira ao licor prolífico.

Patologia interna – Alexandre José de Queirós ¹⁴⁹, não me desagradou tanto da matéria.

Química mineral – Francisco Rodrigues da Silva ¹⁵⁰, moço de muito talento e bela exposição. Espalhou-se em generalidade e como, perguntando-lhe se era aquela a matéria da lição, caracteres distintos dos reinos inorgânicos e orgânicos, deixei-o continuar até acabarem as horas das aulas à 1 hora.

Fui depois correr o estabelecimento para examinar o mais, e achei que a sala dos atos é melhor que a do Rio, pedindo-me o Antunes o meu retrato para colocá-lo aí ¹⁵¹.

O gabinete de física muito falho, não tendo senão a pilha de Bunsen, e faltando o aparelho para demonstrar as leis de Ampère e os principais instrumentos de óptica, que aliás pouco dão, por vir para o fim do compêndio de Pelletan. Tem uma bela máquina de Atwood, com relógio.

O de química é miserável pelo local, e o que nele se acha. Está em obras; mas assim mesmo creio que antes não estaria tão bem arranjado e limpo como o de física.

O anatômico, todo preparado pelo Abbott ¹⁵² e discípulos, é digno de ver-se. Há esqueletos de variados animais, e até de um camelo, que morreu aqui, e de anta, sobressaindo, pelo bem preparado, uma árvore de esqueletos de beija-flores. O esqueleto do tucano parece mostrar que a cabeça e bico reunidos pesam mais que o resto do corpo. Há um crânio do vigário da Conceição da Praia, Manuel Dendebus ¹⁵³, que prestou serviços [*à Independência*], o qual é notável pelo intervalo entre duas falhas dos ossos crânicos, causando duas notáveis protuberâncias supraorbitais, que Dr. Abbott atribui a ter ele morrido envenenado. O queixo inferior adianta-se tanto, que o Dr. Abbott disse que o cônego nunca lhe pudera morder o dedo com os incisivos ¹⁵⁴.

A biblioteca ainda não está arranjada para a busca, apesar de haver catálogo por matérias, e desde 1854 que não recebe novas publicações.

Disseram-me que havia uma casa perto, que conviria anexar à Escola. Soube na Escola que o Hospital Militar estivera primeiramente no atual edifício (que é próprio nacional) do da Misericórdia, que se comunica com o da Escola. Há uma sala em que estão os retratos de todos os lentes falecidos ¹⁵⁵.

Depois do jantar fui à igreja da Ajuda ¹⁵⁶, onde pregou o padre Vieira, e que dizem construída no local da povoação de Tomé de Sousa. Tem uma imagem do Senhor dos Passos muito venerada. É pequena mas como as outras com mais ou menos painéis dourados e pintados.

Daí tornei para o Convento de S. Francisco ¹⁵⁷ que tem uma igreja magnífica, no gosto de S. Bento do Rio de Janeiro, porém maior, com duas capelas fundas e quatro altares de cada lado sob uma espécie de galeria, tudo carregado de ouro e com painéis pintados. O coro tem assentos de jacarandá ricamente entalhado por um frade Luís de Jesus, sendo outro o que dera o plano para o convento, cuja primeira construção é de 1587 e a segunda de 1686, sendo a igreja edificada em 1708, dando El-Rei D. João V todo azulejo que forra a parte interior das paredes da igreja e do claustro ¹⁵⁸.

A biblioteca é de forma hexagonal de quatro lados grandes e dois pequenos e conservam mais um manuscrito do Orbe Seráfico de Jaboaão, e outros em 5 volumes dos sermões do mesmo frade, que é tradição terem sido escritos por ele. Fr. Raimundo Nonato ¹⁵⁹ disse-me que examinava esta questão. Informei-me dele como ia o irmão, Fr. José do Espírito Santo ¹⁶⁰, e respondeu-me que cada vez pior do juízo.

A biblioteca é de 1731 e aí vi, sobre um canapé, uma caixa chata, de papelão, de modas.

Fui depois à Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco que também é rica, e com uma bela sala da Ordem com nichos contendo as imagens que saem aqui na procissão de Cinzas, em maior número que no Rio de Janeiro ¹⁶¹. Fr. Itaparica ¹⁶², também frade distinto por sua instrução e pregador imperial [*sic*].

Depois das 8 fui ao Teatro Dramático de S. Pedro de Alcântara ¹⁶³. É maior que o do Ginásio ¹⁶⁴, mas com a mesma forma e três ou quatro camarotes; representaram a Probidade; forte maçada!

Depois do espetáculo ainda despachei com o ministro ¹⁶⁵ e escrevi parte deste Diário até depois das 3 da madrugada.

Já vi o Fernandes Cunha, mas creio que o Landulfo ainda se não apresentou.

11 de outubro de 1859 = Acordei às 6 ½, li; almocei.

Às 8 estava na Escola de Medicina assistindo, até às 9, a lição de Jônatas Abbott que me pareceu falar muito bem sobre a aorta e suas principais ramificações, sobre o cadáver de uma parda, que já fedia, incomodando-me um pouco o espetáculo, a que assistia pela primeira vez.

Comparei então o busto [*sic*] com o cadáver de Auzoux que tinha perto de mim e admirei a perfeição da arte.

No gabinete anatômico há outras peças principalmente para a cadeira de obstetrícia, da mesma natureza.

Medicina legal – Salustiano Ferreira Souto ¹⁶⁶, sobre as diversas teorias relativas ao modo de operar dos tóxicos. Fala bem e expendeu bastantes idéias durante certo tempo, depois repetiu-se dando quase que importância demasiada à força vital nos efeitos dos tóxicos.

Química orgânica – Antônio de Cerqueira Porto ¹⁶⁷, primo de Pedreira, dissertou sobre a uréia, mas sem experiência; fala sofrivelmente, mas de modo enfadonho e mostra conhecimentos. Patologia geral – José de Gois Siqueira ¹⁶⁸. É fraco, mas parece aplicado, e sua exposição é clara, falando todavia baixo; dissertou sobre o prognóstico, largou a aula antes da hora porque os estudantes desejavam acompanhar-me, conforme me respondeu.

Partos – Matias Moreira de Sampaio ¹⁶⁹, falou com clareza e facilidade sobre a metrite, porém julgo-o medíocre.

Matéria médica – Joaquim Antônio de Sousa Velho ¹⁷⁰, menos que medíocre, deu sabatina, a que me disse estava procedendo, não aparecendo senão depois da hora, mas antes do quarto de hora.

Física – Vicente Ferreira de Magalhães ¹⁷¹, espírito atilado e de ilustração, tendo estudado em Coimbra os 3 anos matemáticos. Expendeu uma teoria engenhosa atribuindo os fenômenos da eletricidade, calórico, etc., à combinação da matéria inerte com a luz, que segundo ele, não é senão o elemento de força sobre o qual devem dirigir-se as vistas dos físicos. Custa-lhe a compreender ondas no éter que se reputa fluido, cujo estado depende do calórico; que aliás dizem os físicos proceder do éter em movimento. Citou o Gênesis segundo o qual Deus animou a matéria que formava o caos e criou a luz antes do sol, não podendo ser a luz senão o elemento de força; porque a ser a luz também matéria, criaria Deus duas vezes a matéria o que seria difícil de compreender, visto sua onisciência e onipotência. Enfim agradou-me pelo seu talento, mas eu sempre lhe disse que era bom provar por experiências as leis da eletricidade, sobre que visava a lição, que julgava um pouco ter sido para mim e não para estudantes do 1º ano. Perguntando-lhe o que era então o elemento de força, se não era matéria nem espírito, respondeu que não era matéria nem também espírito, e que a minha reflexão de ver-se ele obrigado a formar uma hipótese para fugir de outras, retorquiu que era melhor adotar uma só explicação para todos os fenômenos dos corpos imponderáveis, ao que repliquei que a simplicidade levada até certo ponto só pertence a Deus.

Não houve lição de farmácia prática por causa da sala estar em obras.

Passei para o Hospital da Misericórdia ¹⁷² que é miserável sobretudo as enxovias dos doidos, parecendo que a Irmandade pretende continuar a obra começada do novo hospital em Nazaré, mandando, entretanto, os expostos para uma roça, como chamam aqui a Chácara do Rio.

A Casa dos Expostos é acanhada ¹⁷³. O recolhimento é sofrível e tem 136 recolhidos. Tem um mirante de onde se goza de belíssima vista, mas a sua colocação no meio da cidade é inconveniente.

Vi o retrato do célebre João de Matinhos, advogado, cujo testamento, em que doou o recolhimento, existe autógrafo num livro dentro de uma caixa, que abriram para eu examiná-lo. Deixou, segundo ouvi, a casa, que é agora do Major Nicolau Carneiro da Rocha ¹⁷⁴, à Misericórdia, com a condição de transferi-la à Inquisição se aqui se estabelecesse. O retrato tem a seguinte legenda – “Vera efigie do capitão João de Matos de Aguiar, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, Provedor que foi desta Santa Casa e fundador deste Recolhimento. Falecido em 1700.”

Há também outros retratos entre os quais notei o de um homem que veio de Minas a pé até a Bahia, tirando esmolas, que deu ao recolhimento, com esta legenda: “Vera efigie do capitão Francisco Fernandes da Ilha ¹⁷⁵, cavaleiro professo da Ordem de Santiago, natural da Ilha da Madeira o qual fez muitos bens a esta Santa Casa e a toda esta cidade. Faleceu em 24 de fevereiro do ano de 1664”, e o de Teodósio Gonçalves, que tendo doado grande soma ao Recolhimento e hesitando a administração em aceitar a doação, por não ter o doador o juízo muito no seu lugar, a mulher deste assinara também a doação, o que indica as duas figuras de homem e de mulher, pegando aquele num papel e esta numa pena, do quadro ¹⁷⁶.

A igreja do Recolhimento não é feia, mas pequena, e também com o teto apainelado com figuras pintadas.

Na igreja da Misericórdia há uma cadeira onde dizem que se assentava o padre Vieira, de que vi esta tarde um retrato a óleo, que conserva o major Nicolau Carneiro da Rocha, que se diz descender de um irmão do padre Vieira.

Vi, num corredor do Recolhimento, um preto de estatura notável, dos que admiravam ao Rosas, quando por aqui passou. Parece que não há muitos porque só hoje é que esse me causou estranheza pela estatura. Não há botica no Hospital.

Depois de falar com o arcebispo, que se mostra disposto a conseguir, de um dos conventos de frades que por lá vi, o Hospital Militar, fui, depois das 7, à Biblioteca ¹⁷⁷ junto à Sé Nova ou Colégio de Jesus.

Compõe-se de uma saleta e de um salão grande com teto apainelado e pintado ¹⁷⁸. Há 16 mil volumes em almários [sic] de grade de arame e com uma varanda por todos os do salão [sic] a meia altura, para a qual se sobe por boas escadas, tudo de madeira envernizada. Quase nenhuma freqüência tem havido de noite, desde que em abril se abre a biblioteca das 6 da tarde até 9 e 10. O catálogo está impresso ¹⁷⁹ e é pena que a consignação não permite enriquecê-lo. Vi boas obras de

jurisprudência mas as mais procuradas são as de medicina, mormente a de Bourgerie por causa das estampas ¹⁸⁰. Há seus livros desencaminhados e estampas tiradas. A iluminação é pouco clara, e faltam estantes para os que lêem com os pertences anexos para tomarem notas; o Gaspar Lisboa ¹⁸¹ já se lembrou disto, mas o encarregado da obra não o compreendeu.

Lá está o retrato de Cairu sendo justo colocar aí os de outros baianos, principalmente que se tiverem distinguido pelas letras. Escrevi num álbum: “Indocti discant et ament meminisse periti. S. Salvador da Bahia de Todos os Santos, 11 de outubro de 1859”, com o meu nome.

Há 2 horas (são quase 10) houve uma procissão de não poucos archotes, porém muito povo e vivas – sem foguetes!

Vou escrever para o Rio e dormir, que preciso.

Ontem, quando voltei do teatro, achei uma mulher desgrenhada e meio dobrada como que desejando esconder-se que queria por força falar-me sem ninguém presente, e dizendo que não podia sair senão de noite; por fim sempre disse ao Melo ¹⁸² que vinha pedir pelo marido que está preso, mas creio que foi meio de não tornar-se mais suspeita. Não apareceu mais; porém é natural que se descubra o mistério antes de eu sair da província.

Choveu.

12 de outubro de 1859 = Acordei às 6 $\frac{1}{2}$. Escrevi para a Europa. Saí de casa depois das 11 $\frac{1}{2}$ a pé, e largamos pouco antes do meio-dia ¹⁸³.

Ontem de noite o dr. João Batista dos Anjos ¹⁸⁴, além do que já indiquei, falou-me da necessidade de um horto botânico que não se estabeleceu no sítio dos Barris perto do dique, lugar apropriado, porque o terreno importaria em 8 contos. Falou-me com vantagem do substituto Faria ¹⁸⁵, e não me pareceu concordar com o Abreu ¹⁸⁶ a respeito do Bonfim ¹⁸⁷; julga desfavoravelmente o opositor Alves dos Santos ¹⁸⁸.

Passamos entre terra e o baixio de St.^o Antônio. 6 menos 10.

Não tenho enjoado, apesar de jogar bastante, contudo conservo-me quase sempre deitado; avista-se mal a torre de Garcia de Ávila ¹⁸⁹, na fazenda de onde partiu o batalhão de agregados do Santinho no tempo da Independência; tem um pequeno porto para duas embarcações.

O Amazonas vem andando só 6 milhas por causa do mau carvão que recebeu, e talvez o deixemos amanhã para entrar no S. Francisco.

O vapor mercante Gonçalves Martins ¹⁹⁰ acompanha-nos.

Da Bahia à foz do S. Francisco são 210 milhas, e andando 7 milhas estaremos lá amanhã perto das 6 da tarde.

O Melo ¹⁹¹ disse-me que o cadáver que serviu na lição do Jônatas Abbott já o tinha visto na véspera noutra lugar.

Não choveu até minha saída da Bahia.

O Melo não achou os instrumentos para as observações meteorológicas ¹⁹².

13 de outubro de 1859 = Dormi bem e com tanto sono que nem tirei os botins.

Acordei às 5 e 40’.

6 e 7’, em frente à Vila de Caribé, segundo calcula o Marques; não se vê terra.

Tem me valido o canapé da baiúca; todos, menos o Jacobina ¹⁹³, enjoaram e o Feijó ¹⁹⁴ com os balanços [caiu ?] duas vezes do canapé do camarote.

Dizem que tem jogado mais o Apa, e não admira, pois está mais leve.

Lavam a tolda de vassoura às 6 e 35’.

Diz o Mar[ques] que veremos terra às 3 da tarde, desviando-se dela por causa da enseada de Vaza-Barris em que as águas correm para a terra.

8 h – Vamos andando a 9 milhas, deixando o Amazonas, e o Marques pretende andar 10.

12 $\frac{1}{2}$ – Entregam-me o ponto: Lat. obs. 11° 14’ Lg. Pelo cronômetro 36° 30’, estamos a 50 milhas do S. Francisco, indo agora com toda a força; as correntes atrasam-nos.

1 $\frac{3}{4}$. Avista-se somente ao longe o Gonçalves Martins; andamos 9 milhas, dizem-me que se avista longe a ponta ou antes as montanhas do lado de S. Francisco.

3 e 21’ – Avistam-se vapores pela proa a 10 milhas.

4 e 40’ ¹⁹⁵. Agora é que se avistam vapores por detrás de uma ponta de areia da barra do S. Francisco.

5 e 34' passamos o cordão ¹⁹⁶; o espetáculo foi belo e o Iguatemi, da estação de Pernambuco, salvou ao atravessarmos o cordão, acompanha-nos com um vapor pequeno e o Itajai; o Pirajá está dentro embandeirado.

5 $\frac{3}{4}$ – Fundeamos com 7 braças de fundo. O deputado Mendonça ¹⁹⁷ veio antes do presidente ¹⁹⁸.

O vapor pequeno é de reboque da província de Sergipe. Chega o capitão do porto de Aracaju e disse-me que o vapor de reboque é o Aracaju e levou 11 horas a chegar aqui por causa de dar reboque a um polhabote ¹⁹⁹ segundo disse o capitão-do-porto do Aracaju.

Chega o comandante do Iguatemi e sua oficialidade ²⁰⁰.

7 e 35 – Acabo de estar com o presidente e outras pessoas gradas nas Alagoas.

Já falei ao presidente sobre a navegação do S. Francisco e lhe disse que a minha demora na província das Alagoas, não contando a digressão do rio de S. Francisco, devia durar menos de 15 dias.

O vento tem zunido, mas o vapor nem respira. Na ocasião do chá houve um pequeno pirajá.

14 de outubro de 1859 = Dormi bem tendo lido antes bastante.

Acordei às 4 $\frac{3}{4}$ e agora 5 $\frac{1}{2}$ já estamos a caminho.

Avista-se vapor na barra que [deve] ser o Gonçalves Martins.

6 e 25' – Piaçabuçu ²⁰¹. Receberam-me com laços de diversas cores atadas em varas e uma música de rabecas e outros instrumentos vinda do Penedo.

Piaçabuçu, que ainda há pouco foi criada freguesia, tem bastantes casas; porém a maior parte de pau-a-pique e cobertas de sapé. As da praça da Matriz, que é muito pequena e está arruinada ²⁰², são todas cobertas de telha, e há um sobrado menos mau de um José Lourenço, estando já concluída metade da casa.

A aula de meninos tem 84 matriculados, e um deles não me respondeu mal, parecendo-me pelos livros que vi sobre a mesa, incluindo uma gramática italiana, que o mestre não desgosta de ler; a de meninas tem 40 matriculadas.

Os habitantes da povoação andam por 2 mil e vivem da pesca. Tenho notado mais indivíduos do sexo feminino do que do masculino pelas margens do rio e o Galvão ²⁰³ disse-me que já observara isso e que num quarteirão de Aracaju arrolaram-se 400 mulheres e 10 homens!

Há uma piaçaba grande mas que não se utiliza para cordas, dizem que por não servir como a outra qualidade.

A vista da barra do rio S. Francisco desta posição não merece os gabos que lhe dá o Vieira de Carvalho ²⁰⁴.

Não vi o oratório de St.^a Cruz, a não ser um telheiro com uma cruz embaixo, que me disseram princípios de uma capela.

Estávamos no Apa, de volta de Piaçabuçu, às 7 $\frac{1}{2}$ e suspendeu-se daí a pouco. Entre a Lagoa e o Brejo Grande acharam-se pela escala no mapa de Halfeld ²⁰⁵ 1.687 braças. Junto ao riacho da Caiçara comecei a reparar nas flores atirando para cor-de-rosa da cana fistula, árvore abundante, segundo já me parece, e disseram-me que o é, às margens do rio de S. Francisco.

Às 9 e 12 na parte superior da ilha do Betume o Iguatemi parou adiante, para ver se havia água para o Apa, e às 9 $\frac{1}{4}$ içou bandeira encarnada como sinal de que não havia fundo suficiente; recuamos e fundeamos um pouco para cima da ponta superior da ilha do Betume.

Almoçamos e baldeando tudo o que era preciso para a viagem até Paulo Afonso, passamos para o Apa, debaixo de forte aguaceiro, largando do fundeadouro às 11 e 20'.

Quis conservar-me sobre a caixa para examinar o mapa do Halfeld em que pus alguns sinais, que em parte mostram a variação do canal, mas tendo cessado a chuva tornou-se a manhã muito quente e além disto ficava-me perto a máquina e chaminé, o que me obrigou a vir para a tolda de onde sempre fui observando os acidentes do rio e suas margens em confrontação ao mapa tanto quanto podia.

12 e 10' – Dobrando a ponta do morro do Acaré ²⁰⁶, onde há um fortim que salvou com um bacamarte, avistou-se Penedo, e depois Vila-Nova ²⁰⁷ na margem fronteira porém mais baixo, distando de Penedo, em linha reta, pela escala do mapa, meia légua.

Desembarquei no Penedo à 1 e 7' havendo muito entusiasmo e estando prontos dois desembarques com os respectivos arcos, um à custa do comércio e outro dos artistas, que também arremedaram um fortim de onde atiravam bombas.

O Te Deum teve lugar na igreja do Convento dos Franciscanos a qual tem sobre a porta a data de 1730 lendo[-se] sobre uma porta à direita, debaixo do peristilo do templo, a de 1708. O pregador franciscano maçou-nos, tendo aliás, escolhido

tema adequado, em que o salmista diz flumina plaudite manu, e a música muito longa, alternando com cantochão dos padres, arranhou-nos os ouvidos; creio que era a mesma de Piaçabuçu.

Estavam reunidos em parada dois corpos da Guarda Nacional. Há 3 comandantes de corpos de que um é quase que nominal, José Vicente de Medeiros ²⁰⁸, por isso que tem optado o lugar de juiz de paz.

Pedi ao presidente da Câmara ²⁰⁹ que me dissesse a data exata da criação da Vila do Penedo, e ouvi-lhe que a renda da Câmara anda por uns 4 contos anuais, uma das verbas é a arrematação das tapagens ²¹⁰ do rio sobre as quais já chamei a atenção do presidente das Alagoas, como nocivos à pobreza, e à procriação do peixe do rio. Já pedi frutas daqui e espécimens de todas as curiosidades desta parte do S. Francisco.

Depois das 5h fui ver a cidade, tendo entrado na Igreja de S. Gonçalo de Amarante, que chamam o Bonfim do Penedo, talvez por haver aí festa muito concorrida; mas não merece o título, por ser muito pequena e o bairro muito menos aprazível.

Segui para o cemitério que tem uma vista muito bonita, precisando de muralha que o cerque, para a qual deu a Assembléia Provincial 4 contos, e já se tem gasto 2 com os materiais, não vendo a obra começada.

Depois vi a casa da Câmara onde há 2 retratos menos maus de meus pai e avô e um meu de quando criança. Esta casa, a que está pegada à da cadeia, ameaça ruína por estar sobre uma ribanceira apoiando-se em pedras soltas; projetaram um paredão, que ficou em princípio, apesar de despendidos, segundo disseram, 16 contos, e ter alicerces fracos.

A rocha, o penedo, é de Grés que serviu para as calçadas e edifícios da cidade e pode ser utilizada noutras obras, tornando-se ramo de comércio, mas esta gente nem ainda cuida de regularizar a navegação do Rio de S. Francisco.

Atrás da casa onde moro, do comendador Araújo ²¹¹, há um terraço com bela vista para o rio, parte superior ao Penedo, e porto de desembarque, onde vejo as embarcações do rio, com a câmara coberta de cerrada pindoba à proa, observando até numa vigia dos lados para a entrada do mar.

Um dos filhos do Araújo disse-me que a baunilha só se encontra daqui a 2 léguas ou mais, assim como que ouvi achar-se também algum tanto distante a cochonilha, e que o caroá, que deverei encontrar para o lado do sertão desde Pão de Açúcar, não serve só para cordas; mas também para tecer arreios de cavalos.

Serão 8 ½. Um homem gritou, do terraço superior ao arco triunfal no desembarque arranjado pelos artistas no largo perto de uma casa, umas palavras que mal ouvi; mas pareceram-me querer ser versos.

Os dois desembarcadouros assim como as casas da cidade, que me disse o presidente da Câmara Municipal ter de 6 a 7 mil almas.

Há muitas casas boas, e algumas de 3 andares, e decerto muito maior que a da Valença, quando a visitei. O local é muito bonito e creio que deverá estar aqui a capital da província.

A água que se bebe aqui é boa de sabor e dizem que não faz mal depois de demorada por algum tempo nos vasos onde a guardam.

As músicas, que têm tocado sofrivelmente, são da Guarda Nacional e Polícia de Maceió.

Esquecia-me dizer que depois da Câmara Municipal fui ver a Igreja de S. Gonçalo Garcia cuja fachada, tendo sobre a porta a data de 1770, não deixa de ser elegante e tem relevos em pedra grés; o interior não é feio e pena é que esteja arruinada. Mostraram-me quando fui até a ponte do Comartelo, um oratório da invocação de Santa Cruz.

9 – Acabo de ver uma piranha de que tirei uma cópia. Tem 12 dentes em cima e outros tantos embaixo, se não me enganei na conta, e estes últimos maiores, sendo todos muito agudos e de base larga; as escamas parecem douradas em muitos pontos; hei de vê-las de dia.

Os vapores que me acompanharam na entrada da Barra e o Gonçalves Martins chegaram aqui depois das 5; o Aracaju veio comigo até cá.

15 de outubro de 1859 = Acordei antes das 5 e estive lendo. Logo que clareou fui tirar a vista da banda de Vila-Nova de uma das janelas do lado direito para o fundo da casa.

Perto de 6 ½ saí e fui à matriz, que é um bom templo, depois visitei o Convento de S. Francisco, cuja inscrição da porta da igreja, verifiquei ser 1739 e não 59 como diz o Vieira Carvalho. Um lado do claustro é de 1789 e os outros três de 1820, feitos sob a direção de um frade que morreu há 2 anos. Subi ao mirante, que não tem má vista. A igreja é toda dourada com pinturas no teto e a capela funda, à esquerda antes de chegar à capela-mor, pertence à ordem terceira. Cobrem em

dias de festa o chão de uma espécie de junco que parece capim. Não souberam dizer a data da construção do Convento, que aliás parece dever ser a da ala com data de 1789. O convento tem seus morcegos e no Te Deum vi um esvoaçando pelo trono do Sacramento.

Daí fui ao Rosário dos Pretos, e depois à fábrica de Araújo e filhos. As diversas máquinas são movidas por uma de vapor de 10 cavalos, de alta pressão. Prepara o arroz para o comércio, tendo os instrumentos precisos para descascá-lo e limpá-lo. Há 6 pilões, ventilador e polidor. Aprontam 30 alqueires daqui, ou 150 do Rio, por dia. Há duas outras máquinas de descarregar e ventilar para limpeza o algodão [sic], vendo eu o chamado quebradinho, que é o melhor de abundante felpa, longa e resistente, e pouco caroço, vendendo-se na Bahia o algodão preparado nessa fábrica e da qualidade mencionada, 2 mil réis mais caro que o de outra qualidade. Há prensa para enfardar o algodão ensacando pouco porque as máquinas só recentemente começaram a trabalhar, podendo descarregar e limpar 30 arrobas cada uma das máquinas. Também vi uma serra horizontal para fazer tabuinhas de caixa de charutos serrando um palmo por minuto e duas tábuas de cada vez, se estreitas, cujo consumo é avultado na Bahia. Construíram dois fornos, um já acabado, e o outro por terminar, com máquinas para amassar a farinha, estender a massa e cortá-la para biscoitos; a mó para amassar é de pedra do rio de S. Francisco, do morro da cal, em frente à vila de Propriá. Vi ladrilhos de grés daqui perto, que vão ser postos numa das oficinas.

Tratarei agora do fabrico do óleo de mamona. Há duas prensas hidráulicas e outras de mão, porém de grande força, segundo dizem os Araújo, feitas estas em Pernambuco na fábrica de C. Storn & Cia. 1850, para espremer a mamona, de que compram mil alqueires dos daqui por ano, faltando já a mamona, ainda que a plantação aumenta muito; pois há outras fábricas, tendo o Araújo plantado o ricino a princípio por experiência; a melhor mamona é a chamada de 7 canadas, de que levarei uma porção de semente. A primeira pressão é a frio, e dá o óleo medicinal que depois se purifica. O bagaço comprime-se depois a quente para extrair o óleo de iluminação, que também é purificado e de grande consumo. O medicinal parece tão bom como o Castor Oil. Fazem outras qualidades de azeite notando o do ouricuri, espécie de coco, de bela cor, e aromático. A purificação faz-se numa caldeira de capacidade de 120 canadas e 10 garrafadas cada uma, e é maior do que precisa por ora o fabrico. O bagaço da mamona é o que alimenta o fogo das fornalhas da máquina de vapor e também serve para estrume, principalmente para o capim, havendo já muitos pedidos desse estrume da Bahia.

Depois fui à fábrica do Pinheiro ²¹². Motor máquina de vapor de 8 cavalos, creio que de alta pressão. É de aprontar o arroz para o comércio, na razão de 150 alqueires, medida da Bahia, em 12 horas. Limpa-se por máquina o arroz em casca. Vai para a mó; ventila-se, vai para os pilões que são 6; ventila-se; pule-se [sic] separa-se o inteiro do quebrado; todo o maquinismo veio da Inglaterra, e o arroz passa por meio de elevadores movidos pelo vapor como na fábrica dos Araújo de um plano inferior para outro superior. A água para a caldeira da máquina vem do rio por meio de um cano e de um bomba.

Segui para a fábrica do Pinho ²¹³, de fazer óleo de mamona. Tem uma prensa hidráulica, outra não hidráulica, feita na fábrica de C. Storn & Cia. 1854 e uma terceira da bolandeira, todas movidas a braço. A primeira dá 6 canadas daqui de óleo, a segunda 6, e a terceira a mesma quantidade por dia. Purifica-se o óleo numa caldeira, mas que parece mal, não o vi. Há alambique pouco digno de atenção para cachaça.

Fui depois visitar o alambique de Patosi e Vilas Boas. Há 2 depósitos para mel de 13 canadas daqui cada um. Doze depósitos para fermento do mel, cada um de 5 pipas, preparando-se o fermento noutra depósito de 29 pipas. Em 8 a 9 meses, que é o tempo do trabalho da fábrica diário, quando há mel, que houve pouco nesta safra, destilam-se 12 canadas daqui de aguardente.

O Murray, irmão dos de Pernambuco, dono do engenho do Jenipapo em Cururipe, que aí apareceu, disse-me que se fazia nas margens do S. Francisco bastante aguardente do fruto cambuim, de cor do vinho branco pouco doce e usada para as dores de estômago. Defronte desta fábrica há 3 peças sem carreta; que tem atirado por diversas vezes desde a minha chegada aqui. No depósito de aguardente da fábrica há 38 pipas, de que já se tirou aguardente contendo cada uma 65 canadas daqui. O Vilas Boas disse que a aguardente é de 20 a 21 graus, mas não tem bom cheiro e não parece tão forte.

Depois corri as aulas: a de latim, tem 36 matriculados, freqüentando-a até 30.

Amarílio Olinda de Vasconcelos ²¹⁴ traduziu bem Fedro e Virgílio, Eneida, que aliás já conhecia; mas o professor, padre Godói, parece mau e a cadeira aqui é inútil se não prejudicial.

Aula de meninos: matriculados 112, freqüência de 70 a 80.

Achei um menino José Fernandes de Araújo muito esperto. Aula de meninas dirigida pela mulher do mestre da que fica já mencionada: 44 matriculadas; frequência de 20 e tantas, e havia poucas por ser feriado, havendo hoje feira aqui.

Outra aula de meninas: 35 de matrícula, frequência 20 e tantas; a primeira professora pareceu-me melhor, nas aulas de meninas a aritmética não passa das 4 operações. Vi aí as alunas divididas em 2 grupos das vencedoras tendo na parede de seu lado uma bandeira desenrolada, e defronte a das vencidas, também com bandeira, mas enrolada.

As duas únicas divisões de merecimento não parecem suficientes, e o inspetor dos estudos, Titara, disse-me que cuidava da reforma da instrução pública.

Antes de ir às fábricas estive na feira na Rua da Praia e junto a esta nada vi de característico e apenas comprei, por 6 vinténs, três pucarinhos com uns pequenos alguidares de barro. Todos os gêneros de terra são muito baratos.

Vi segunda mulher de papo e bem grande, mas disseram-me que não há esta afecção na terra.

O espetáculo mais curioso na feira é o dos barcos, que já descrevi, abicados à praia.

Fui também ao hospital dirigido pelo humano Dr. Berkett ²¹⁵; é pequeno mas bem tratado como permitem as circunstâncias; todavia notei que os remédios vinham da casa do doutor.

Antes de vir para casa, fui visitar a cadeia, que tem três enxovias com alçapões para o 1.º andar; cozinham dentro das enxovias e os presos têm diária, ajustando os víveres à grade da prisão. Abertos os alçapões sobe o cheiro forte de bafio.

Ao pé da casa entrei na Igreja da Corrente, creio que da N. Sra. desta invocação; é bonito templo com dourados, mas não tão espaçoso como a Matriz.

Esta tarde antes de ir a Vila-Nova apareceu-me um capitão reformado de Henriques de Pernambuco, Atanásio José Rodrigues, filho do Penedo, de idade de 75, que se diz descendente em linha reta de Henrique Dias.

No caminho do lugar do meu desembarque para a Matriz, e não longe dela, vê-se um oratório com a seguinte inscrição sobre a porta: “Oratório que a custa de sua fazenda manda fazer o sargento-mor João d’Araújo Silva. A. Dno. 1769.”

Às 2 ½ desembarquei em Vila-Nova, dirigindo-me à Igreja do Rosário que serve de matriz ²¹⁶, e feita a oração fui ver as obras da nova matriz que é vasta, e onde se lê, bastante alto sobre a porta, a seguinte inscrição: “Demolida em 1813 Vigr.º Ant.º do C. Brum. Reedificada em 1854 José C. da Fraga, Mestre Miguel A. de Vasc.ºs.” Está em osso e apenas há a talha de um altar lateral junto ao cruzeiro.

Visitei a escola de meninos, cujo professor tinha vindo para o Penedo por causa da festa, constando que a esta escola somente concorrem 7 ou meninos. A casa é imprópria. Fui depois à de meninas onde se achavam presentes 22 alunas, informando a professora, que parece muito moça, e é mulher de um velho major reformado de linha, Leandro (e talvez por isso trouxesse capela de virgem), que são 26 as matriculadas. Algumas delas leram e uma delas de 4 irmãs, da família Costa, todas de cara viva, fez uma conta de dividir com prontidão e certeza, lendo menos mal.

Houve muitos vivas e foguetes, e mostraram-me um lugar pedregoso onde os holandeses tiveram um curtume, achando-se assestada sobre o monte perto, uma peça que aí mandou colocar por ocasião da Independência, o barão de Cotinguiba ²¹⁷ tendo sido achado entre os despojos de um navio de guerra português que deu à costa na barra do S. Francisco, salvou agora.

Disseram-me que havia perto angico, de cuja casca se servem para o curtimento dos couros; prometeram-me o que pudessem apanhar desta planta.

Depois do jantar fui à aula de francês que tem 14 alunos matriculados e onde o Amarelho não traduziu uma fábula de La Fontaine, outro respondeu sobre gramática sofrivelmente e o professor parece bom, sendo [*ilegível*], o que não admira, pois não é francês nem tratou os desta nação, a pronúncia muito má [*sic*].

Dei ainda uma volta pelo sítio do comendador Nascimento ²¹⁸, vendo de passagem, através da cerca, uma plantação de café pertencente a um português Domingos de tal Cravo, sogro de um dos Araújo.

Depois tenho tido a beijar-me a mão e requerer bastante gente, estando aí no largo pela segunda vez uma banda de música que julgo serem os mesmos de Piaçabuçu e do Te Deum.

Daqui a pouco (são 9 e 25) vou dormir, que tenho de ouvir missa na Igreja da Corrente às 4 ½ e partir às 5.

O Bitancourt deu-me duas granadas das que se supõem ter pertencido aos holandeses. Na casa de Joaquim Serapião de Carvalho também, segundo ele, se acharam vestígios semelhantes.

No Penedo e Vila Nova constroem-se até patachos. A carne e pão de Penedo são bons, a água não pesa no estômago; porém não farta apesar do muito que se bebe.

16 de outubro de 1859 = Largamos às 5 $\frac{1}{2}$. A cidade do lado de cima apresenta um aspecto curioso por causa do terreno formado de pedras de cor parda sobrepostas, que julgo de grês.

Na Boacica, fazenda do tenente-coronel Bitancourt ²¹⁹, sogro do desembargador Francisco Joaquim Gomes Ribeiro, com uma capelinha pitorescamente situada sobre um monte, recebeu o vapor leite de uma canoa que parece ter vindo de lá.

7 menos 9 encalhamos pouco adiante do morro da Sangombira, brevemente desencilhamos procurando o canal.

A margem da ilha dos Coqueiros, terreno argilo-arenoso apresenta claramente duas camadas, e buracos que me disseram feitos pelo martim-pescador para neles pôr o ninho.

Defronte do Morro Vermelho avista-se o cone do morro da Priaca a NO ficando a Igreja de N. Sra. dos Prazeres a rumo de N. Em frente desta Igreja parece o lugar mais estreito que se tem encontrado até aqui, achei na escala 375 braças.

Às 8 e 25' rodamos muito para a margem direita para procurar o canal perto da Ilha das Garças.

Às 9 avistou-se Propriá, de pouco adiante do engenho Miaú; na margem direita, pouco aquém de Propriá, observam-se as mesmas estratificações distintas, mas não consideráveis, como na ilha dos Coqueiros, e em outros pontos, tanto de uma como de outra margem, segundo observei depois.

As ilhas espriam para o lado de cima; o que não deixa de ser curioso.

A viração de S.E. já era forte às 9 $\frac{3}{4}$.

Morro de cal com grandes lajes escuras e inclinadas para o lado do rio, com que calçam e ladrilham em Propriá, vendo-as também no terreno da vila, perto do rio.

Propriá é uma vila de 3.000 habitantes com algumas casas boas e de sobrado, e uma fábrica dos herdeiros de Esequiel Henriques, de descascar arroz, com máquina de vapor que desejei visitar; mas não o realizei por achar a porta fechada.

Houve muito entusiasmo e cordialidade, dispensando os foguetes, sempre abundantes ²²⁰. Fui logo à matriz, que não é mau templo, com dourados e capela do Sacramento, e ao Rosário, pobre igreja, nada dizendo do Te Deum, porque foi igual ou quase igual ao do Penedo, menos no comprimento e na falta do sermão. Também há um oratório de Santa Cruz.

Visitei a aula de meninos com 80 de matrícula e 60 de freqüência, tendo uma pedra como em aula de matemática, apesar do aluno, que já era apresentado como estando em proporções, parecer ignorar os princípios de aritmética relativos aos quebrados.

Também não leram bem e o professor ²²¹ julgo-o pouco apto.

Depois vi a de meninas; 99 de matrícula e 69 de freqüência, parecendo-me a professora ²²² sofrível, apesar do seu vestido de seda enfeitado.

A aula de latim tem 5 alunos de matrícula e 3 de freqüência. O professor ²²³ parece-me muito mediocre e a aula é inteiramente inútil.

Visitei a casa da Câmara, que é muito pequena, dizendo-me o presidente, padre Ramalho ²²⁴, que a renda é de 700 tantos mil réis anuais, tendo sido a arrematação das tapagens, que dá conto e tanto, destinada para conserto de uma ponte, que vi, indo à fábrica de descascar arroz.

Também lhe ouvi que a vila foi criada em 1802; ficou o presidente da província de dar-me informações mais circunstanciadas sobre esses pontos.

Almocei aí numa casa ²²⁵ preparada por uma comissão ²²⁶, e depois de ter falado a diversas autoridades, e recebido requerimentos e representações, deixei a vila, largando o Pirajá às 2, tendo aí chegado às 10 $\frac{1}{4}$.

Antes de voltar à província das Alagoas reparei um esquecimento, falando de minha visita às duas mesas de renda geral e provincial de Penedo. Hei de ter mapas curiosos das duas repartições e na provincial vi como se inspecionava o algodão e mostraram-me fardos em que o centro onde se costumava furar para o exame tem algodão limpo, e os lados o têm misturado com fragmentos de caroço. Não se permite a exportação do refugado ou rejeitado, cujos fardos se marcam com ferro molhado em tinta, assim como aprovado, sem ser novamente preparado; mas não se declara a qualidade.

De Propriá fui ao Porto Real do Colégio, onde houve antiga igreja, e Convento dos Jesuítas, que já não existem, havendo duas casas no lugar do convento, e nova matriz no da antiga igreja, de que aliás se aproveitaram alguns materiais e dourados para o altar-mor.

Tem aula de meninos cujo professor não estava presente, o que não é de reparar, por ser domingo. Apareceram-me bastantes descendentes dos índios de raça já bastante cruzada, trazendo alguns cocares de penas com seus arcos e flechas, e de jaqueta atirando um deles por ordem minha duas flechas, das quais acertou uma num mourão assaz largo e

a pouca distância.

A povoação é pequena e miserável, distando de Propriá, para cima, muito pouco mais de ½ légua em linha reta.

Avistei S. Brás, da altura do Tiberi, às 3 ¼. Cheguei defronte de S. Brás às 4, retirando-me às 4 e 25'. É povoação menor que a do Colégio, sua freguesia, mas o povo parece menos pobre, e parece que ainda fazem o sabão da terra de cinza e sebo, como o vi na feira do Penedo.

Tem duas igrejas, de S. Brás e Rosário.

Perguntando ao 3º juiz de paz quantas almas tinha, falava da povoação, respondeu-me, muito religiosamente e filosoficamente, que uma só; parece a estupidez personalizada.

Há aula de meninos numa casa de sobrado, enquanto não fica de todo pronta outra nova, térrea, e o professor padre Pedro, não estava presente.

O rio, do Penedo para cima, ainda é muito mais bonito e interessante. O morro do Gaia é de pedra lameliforme, inclinadas as lâminas para o rio, com bastantes cactos de boa altura, mais folha oblonga e de arestas. A Lagoa Comprida é o ponto do rio que mais me tem agradado até agora, e aí vi ao longe um bando de marrecas voando da margem direita, pelo mapa, de 562 braças.

Tenho visto mais plantações de arroz na margem esquerda que na direita, parecendo aquela mais fértil, por mais baixa junto ao rio, e ser a outra também mais pedregosa.

No Muguengue ²²⁷ ainda há curtumes e vi plantações viçosíssimas de cana, mandioca, feijão e arroz.

Na Lagoa vê-se um terreno plantado cuidadosamente.

Às 6 e 20' fundeu o Pirajá pouco para cá dos Curiais e passei para a galeota às 7 menos 10, chegando às 8 a Traipu rebocado pelo barco a vela, que o Pirajá tem rebocado ²²⁸.

Ainda nada vi de Traipu senão inúmeros rojões, uma ladeira, em que o João de Almeida Pereira ²²⁹ quase caiu, e a casa da Câmara, onde me hospedaram, e estava quase vazia de tudo, não tendo as janelas senão portas.

São 10. Vou descansar e o que mais lembrar escreverei amanhã em Pão de Açúcar.

Depois de acordar às 5, tirei uma vista do rio em Traipu.

No Traipu também há bom pão, carne de caça, assim como nas outras povoações, existindo em Propriá 3 padarias, das quais duas estão ameaçadas de fechar-se, com grande prazer do dono da terceira padaria, que foi quem deu a notícia.

A igreja de Traipu é pequena mas decente construindo-se agora a torre.

O terreno é pedregoso, em forma de lâmina, xistoso. Depois de orar na matriz ²³⁰ fui dar um passeio às lagoas onde plantam o arroz e colhi diferentes plantas e flores do campo que levo, com os competentes rótulos, e algumas itãs ou conchas de marisco que se cria nas lagoas.

Passei pelo cemitério que é cercado de muro de pedra e cal, como não sucede ao do Penedo, e fui às aulas: a de meninos, que tem 77 matriculados e 40 a 50 de freqüência, e a de meninas, com 54 de matrícula e 19 a 20 tantas de freqüência; não me satisfiz, lendo as meninas gazetas; só as dos meninos dividiram bem. Há casa de sobrado e vi uma com vidraças. Criam gado vacum, ovelhum e cabrum.

Na porta da casa onde me hospedei havia alguns guardas-nacionais vestidos à paisana com espingardas velhas das quais uma não tinha fechos.

Ao embarcar falou-me uma mulher de nome Ifigênia Maria dos Santos, queixando-se de que tendo-lhe o marido por sua morte 5 contos, tudo lhe tomaram, sem que lhe fizessem justiça.

Cheguei ao Pirajá às 9, e este largou às 9 e 10. Antes de sair a passeio tirei às pressas uma vista do fundo da casa que deita para o rio.

Pouco adiante de Traipu na margem esquerda está o Buraco da Maria Pereira ²³¹, que é um vale, só curioso pelo alto morro, à direita de quem entra, de micaxisto, parecendo em alguns lugares minas e em uns troncos de grandes árvores carcomidos e deitados. Trouxe pedras desse vale tiradas de uma cerca de pedras secas dos morros.

Vi o lugar onde se diz ter-se escondido a Maria Pereira, sendo apenas uma reentrância pouco funda na montanha, e aí se achavam uma moça de nome Maria e um rapazinho, a moça respondeu muito desconfiada de dedo no lábio inferior que coçava.

Na fazenda perto, e à esquerda do caminho para quem entra nela, há uma plantação de mandioca.

Voltei para bordo às 10 e já ventava S.E. fresco, que durou até de noite, pela volta das 10, durante cerca de 12 horas, fenômeno quotidiano e digno de nota. Defronte da Lagoa do Meio vejo a formação lameliforme xistosa, na margem das

Alagoas, mostrando-se esse lado estéril como o de Sergipe

Às 10 ½ fui ao Curral de Pedra ²³², vila de recente criação, voltando às 11. É povoação muito pequena com capela decente, muitos cactos de folha oblonga e de aresta, e alguns de espalmada, sendo o terreno de pedra lameliforme xistosa.

Trabalhava o júri, tendo sempre vindo o juiz de direito, Hugolino de Freitas e Albuquerque, que precisou de minha insinuação para fazer uma viagem de rio de 5 léguas a fim de presidir a um júri, que tem de julgar um só processo. Contudo passa por bom magistrado, alegando que sofre, e o clima lhe é desfavorável.

Fui ver a aula de meninos com 8 matriculados e 5 estão presentes. O que o mestre deu por mais adiantado dos presentes, e único que já lia, estava atrasado em leitura e em contas, apesar de bastante tempo de estudo em diversas aulas com a que eu visitei [sic]. O professor disse-me que sabia latim, por eu lho perguntar, vendo um dos tomos da Eneida sobre a mesa.

Observo falta de uniformidade nos livros que se lêem nas aulas.

A sede da freguesia está a 5 léguas, pelo rio, e mais uma para o interior.

No Curral de Pedra vi uns poucos de sertanejos com seus trajes e chapéu todo de couro. Pouco adiante do Curral de Pedra vi, na margem esquerda, pedras lameliformes em número sofrível com a mesma inclinação para o rio, que já notei na margem direita, e é quase constante.

No Curral de Pedra um velho disse que tendo chegado o homem do mundo este estava para acabar, o que não sentia muito por ser velho.

1 menos 7' – Passamos pelo Porto da Folha, em Sergipe, onde finda a terra do morgado pela banda de baixo, segundo creio. Os arraiais [sic] são muito pequenos nas margens do S. Francisco principalmente de Traipu para cima.

O sol hoje tem estado ardentíssimo valendo-me o vento S.E. fresco.

Soube que disseram ao Jacobina ²³³ que três cousas se respeitam nas margens do S. Francisco: a lama da Cotinguiba ²³⁴, a justiça de Vila-Nova e a sífilis do Penedo, e com efeito aí anda solta, perto de Vila-Nova, a filha do barão de Cotinguiba, que assassinou, e foi condenada pelo júri, pendendo da apelação, o ano passado, estando o mandatário na cadeia de Penedo, e vivendo ela no Brejo com o amante seu co-réu.

E no hospital do Penedo, em que aliás só há 16 doentes, só encontra quase sífilis.

Há uma parte do rio para cima do morro do Aió, margem direita, em que vi alguma cultura; tem currais abertos para o rio, de onde não temem a invasão do gado, para semear arroz.

Neste lugar, às 2 e 10', encalhamos, avistando pela proa a bem situada Capela de N. Sra. dos Prazeres ²³⁵, qual outra Penha do Rio de Janeiro. 2 ½ desencalhamos.

Às 3 cheguei defronte da ilha onde está o morro da Capela de N. Sra. dos Prazeres. Fui à terra e subi por um lado, descendo por outro, para tornar a subir e descer pelo mesmo, por que subira, circulando por fim parte da base do morro do lado inferior do rio, mas não ouvi eco, e só me disseram, com visos de certeza, que ao navegar o rio para baixo se ouve das canoas, quando não venta, que costuma ser de noite, o eco da voz de quem fala de cima da ribanceira desse lado.

O poço, de que fala o Vieira Carvalho, fica distante 2 léguas, segundo o que disse um velho, que acrescentou ser a água do poço, que se comunica durante as enchentes com o rio, tão fria que os tanchafeiros não mergulham por muito tempo nela. A letra, que o mesmo velho diz conhecer, sem contudo entender o que está escrito, acha-se na serra da Tapera e Pedra da Bola, de 18 a 20 léguas de distância, e que aí existe um lavor que não é de arte, não é para gentes como ele.

Soube neste lugar que o cacto que alimenta a cochinha chama-se quipá e o de folha oblonga, que mais tenho visto e há bastante no morro da Igreja de N. Sra. dos Prazeres, assim como em menor número uma espécie do de folha espalmada, xiquexique.

Na praia de muita areia incômoda há uma planta que alastra e forma uma verdadeira rede para os pés.

O Jacobina disse-me que em Traipu as pessoas que foram ver o vapor pediam para lhes mostrarem os cavalos, que puxavam o barco, admiraram muito a sua grandeza e os pratos de prata com comida, que da escotilha, queriam à porfia ver na câmara.

Defronte das Itãs, na margem das Alagoas, há um morro com muitas pedras lameliformes.

Às 4 e 42 encalhamos pouco abaixo da Lagoa Funda ²³⁶, defronte da ponte da Júlia, desencalhamos pouco depois.

5 menos 10', paramos para procurar o canal, tornamos a andar; paramos novamente para o mesmo fim, tornamos a parar, e às 5 e 12' estávamos inteiramente safos da coroa quase defronte do Cajueiro. Depois da Lagoa, que é um lugar muito bonito, alargando bastante o rio, torna-se melhor o terreno para a cultura de que há alguma em ambas as margens.

Escureceu perto de São Pedro Dias.

Cheguei pela volta das 8 à vila do Pão de Açúcar. Receberam-me com muito entusiasmo, e um anjinho entregou-me a chave da vila. Defronte desta povoação há uma grande coroa de areia, que me cansou atravessar, e com a luz dos foguetes, que não têm faltado por todo o rio, parecia o rio gelado.

O juiz de direito ²³⁷ disse-me ainda que não tinha aberto segunda vez o júri este ano nos dois termos da comarca por ter estado doente.

O juiz municipal ²³⁸ recita uns versos que junto.

Esquecia-me dizer que havia junto ao lugar de desembarque, que arranjam com algumas tábuas e coqueiros, uma música de rabecas e outros instrumentos que tocavam o Hino da Independência feito na Bahia, que era cantado por pessoas que me seguiram até chegar à casa da Câmara, que está sofrivelmente arranjada. Ainda cantaram o Hino depois.

Senti muito calor esta noite, é verdade que também o colchão é de paina, mas creio que também o tem sido nos outros lugares e nunca suei como esta noite.

A povoação tem de 1.000 a 2.000 habitantes e a municipalidade renderá 200 a 300 mil réis por ano.

O juiz de direito, Monteiro de Andrade, que também o é da Mata Grande, passa por chefe do partido liberal extremo; o municipal é alheio a partidos e o promotor, da família Mendonça.

No Penedo não havia à venda arroz descascado, que todavia se encontra em Pão de Açúcar.

18 de outubro de 1859 = Acordei antes das 5, e pouco depois das 6, fui dar um passeio pela vila. A matriz é pequena; mas decente, só tem inteiramente pronta a capela-mor, o resto acha-se coberto.

Há uma bela rua direita longa e muito larga, e outra perpendicular também direita, porém menos longa e larga.

Só vi uma casa de sobrado, a da Câmara, onde me hospedei.

O nome da vila não é bem cabido, pois que o morro é antes um mamilo pedregoso do que Pão de Açúcar.

Largamos às 7 menos 10'.

Na altura de Traíras vejo plantações de arroz em ambas as margens e algumas árvores de verde escuro.

Andamos 4 ½ milhas por hora, a regular, como o tenho feito, pelo caminho andado segundo o mapa de Halfeld, que de Pão de Açúcar até Piranhas é cópia feita às pressas pelo Boulanger ²³⁹.

8 h – A má qualidade do carvão que queima o vapor fez com que as faíscas incendiassem o toldo de bandeiras, mas apagou-se com a água das talhas, que trazemos com água para beber. O contrato de fornecimento de carvão não especifica a qualidade, dizendo que seja de qualidade superior, quando há uma menos boa que reputam de classe superior.

9 ¼ – Bonito. Nada tem disto.

9 ½ – Vejo pela primeira vez pedras no rio saindo da margem direita, do Bebedor, e havendo também do lado da margem esquerda. Não há baixios desde Pão de Açúcar até estas pedras.

O vento é fraco e o sol fortíssimo.

Na altura da ilha do Ferro vêem-se plantações tanto na ilha como na margem das Alagoas; as duas margens continuam a não apresentar-se estáveis como entre Propriá e Traipu; o rio vai-se estreitando.

10 e 8' – Chegamos à altura do Armazém ou Entremontes, margens muito áridas. 10 e 20'. O vento está um pouco mais forte. 11 menos 20'.

Lugar da Alegria na margem esquerda, e do Colete na direita.

Pouco adiante, o rio passa depois por entre dois altos morros de aspecto de coque terroso chamando-se, o da margem esquerda, o da Caçamba.

Há muita pedra de aspecto lameliforme porém não muito pronunciado no rio de cor atirando ao preto e luzidia.

O rio estreita muito.

Têm-se visto socós voando pesados como o ar.

O vento não tem refrescado e o sol torra pão-de-ló.

Vejo no morro da margem algumas pedras avermelhadas parecendo conter protóxido de ferro; quase no fim da base deste morro vê-se uma praia de areia batida que parece o talude de uma muralha cavada.

11 – Avista-se Piranhas de Baixo; pouco depois encontram-se muitas pedras pelo rio, e há novo incêndio no toldo, que se apaga do mesmo modo que o outro.

Perto de Piranhas o rio está cheio de pedras.

Vou para cima da caixa de uma das rodas avistar ao espetáculo da passagem do Pirajá por estes sirtes ²⁴⁰, e felizmente vencendo uma corrente, que talvez lhe diminuísse metade da marcha, fundeu junto a Piranhas de Cima às 11 ³/₄, atravessando um cavalo o rio nesse momento.

As piranhas não mordem nesta parte do rio segundo dizem.

Rebocou a galeota, e um barco do rio, que conduzia diversas pessoas; mas para a descida não se poderá dar reboque por causa da corrente que mal deixará evitar as pedras.

Ao desembarcar no monte de areia, um dos piranhenses disse – Que solão! Gostam muito de tais aumentativos.

As duas Piranhas têm 300 a 400 casas muito pobres na aparência, e é subdelegacia. O aspecto do lugar é tristíssimo e o calor horrível, sendo o vento quente ao menos quando aí estive, apesar de tornar-se às vezes tão forte que é preciso fechar as janelas, isto é, ficar quase às escuras.

Encontrei aí um engenheiro das Alagoas, capitão Charambuque ²⁴¹, como o chamam aqui, o qual nada sabia quase da estrada, que lhe encarregou o presidente preparar, entre Piranhas e Paulo Afonso, e se apresentou de chinelas, por causa, diz ele, de um incômodo no pé; tem 72 anos e pertenceu ao Batalhão de Estrangeiros 28.

Tirei uma vista à pressa do rio junto a Piranhas de Cima, através da grade de pau da janela do meu quarto ²⁴², e depois dormi até o jantar.

Tendo custado muito a reunir os cavalos, partiu sempre comigo grande parte dos cavaleiros (ficando o resto e as cargas para depois) às 5 e 35', para a fazenda dos Olhos d'Água.

Antes de partir chegaram cento e tantos guardas nacionais de Mata Grande com seus oficiais, apresentando-se os guardas de jaquetas brancas ou escuras e sem armas. Já tinham estado há dias em Piranhas, esperando que eu chegasse mais cedo, e agora vieram da Cachoeira aonde se haviam recolhido.

O meu guia foi um fulano de tal Calaça ²⁴³ conhecedor do sertão até Juazeiro, e dos Cariris novos, onde, segundo me disse, as mulheres emprenham na estação do pequi, excelente fruta, mas algum tanto enjoativa para ele, por causa do aroma (pronúncia dele) que me deu notícias curiosas. Soube por ele que o gado come o xiquexique, no tempo da seca, queimado, por causa das pontas dos espinhos, ou revolvendo-os para quebrá-las; a gente também os come depois de assados e o Calaça prefere-os ao aipim. Esta espécie de cacto é a que chamam também alastrado, mas há outras duas da mesma forma, uma de ramos às vezes muito compridos e alta chamada facheiro, porque os ramos secos servem de archote, como me serviram depois que anoiteceu, dando luz muito clara, e a outra baixa de nome caixa-cobri, comendo o miolo de ambas o gado e também a gente do mesmo modo que a primeira.

Há uma árvore chamada fonela cujo entrecasco em cozimento, bebido ou posto sobre as feridas cura-as. O terreno é arenoso ou pedregoso, e muito árido; abundante o xiquexique nas diversas espécies e a macambira, espécie de bromeliácea, de que a atraca, a rasteira e a da frecha com o seu pendão enegrecido. O gado come o miolo de todas menos a atraca, e a rasteira só depois de queimada; a gente come o miolo da rasteira e o do da frecha depois de assado.

Na fazenda dos Olhos d'Água fiquei mal acomodado na senzala – nome que convém à casa que aí há – mas sempre arranjei cama em lugar de rede e dormiria bem, apesar das pulgas, cujas mordeduras só senti no outro dia de manhã, se não fosse o calor, e a falta de água que é péssima aí, tardando a de Vichi, que vinha na bagagem pela falta de condução.

O Jacobina escreveu-me lamentando a falta de animais para carga, apesar do presidente contar, como repetiu por vezes, com 200 animais, e dizendo que já havia dois doentes de febre, que ainda se não sabia se era a que já matou alguns há dias, e ainda grassa em Piranhas de Baixo. Resolveu-se ordenar ao Montaury ²⁴⁴ que fosse para o vapor, que se separassem os doentes dos sãos, se a febre fosse epidêmica, e o vapor descerá em tal caso para o Armazém, onde nos embarcaremos indo até lá por terra que são 2 léguas de Piranhas de Cima.

Enfim chegou, ou antes acharam, de madrugada, a água de Vichi e muito bem me soube um copo dela.

Já me estava vestindo, tendo acordado antes das 4, e às 4 e 37' partimos dos Olhos d'Água para o Talhado, fazenda de gêneros alimentícios e algum gado que chamam por aqui major Calaça [sic], que parece muito curioso de agricultura, possuindo na povoação de Água Branca, 6 léguas do Talhado, um sítio com muitas frutas, e entre elas uma banana que não conhecia, chamada dente-de-porco.

As atas, ou pinhas, não têm fruto agora como sucede ao umbuzeiro de que o Calaça me mostrou um pé no caminho e abunda nestas paragens principalmente na mata de Água Branca.

Por aqui há emas, veados e mocós, espécie de furão que vive nas tocas e mata os ratos. Aparecem, mas raras, as suçuaranas.

19 de outubro de 1859 = Chegamos ao Talhado às 6 $\frac{1}{2}$ ²⁴⁵.

Vi no caminho uma espécie de cardo redondo, com uma coroa mais ou menos saída, vermelha, rente ao chão, que chamam coroa, ou cabeça de frade; o gado procura com jeito, por causa dos espinhos que são terríveis, arrancar a coroa ou abri-lo por outra parte a fim de matar a sede com a água que ele contém.

Vi também o caroá, espécie de bromeliácea, que às vezes cresce muito, dando o fio muito resistente depois de macerado por quinze dias.

Pouco antes de chegar ao Talhado, o sitio do Poço da Onça, que é um buraco nas pedras de uma torrente, os montes rugosos, e áridos em cujas cavidades se abrigam enormes morcegos e mocós, apresentam às vezes o aspecto de casas e castelos arruinados, como o figuram umas pedras sobre um morro na margem direita, e pouco para baixo de Piranhas de Cima, vistas desta povoação. É o lugar mais curioso pela configuração do terreno que tenho achado até agora, e lembra algumas vistas das montanhas da Palestina do lado da Arábia; sinto não ter tempo para copiar essa paisagem desconsoladora.

Os riachos são torrentes, e num, cujo álveo de areia (como são quase todos) atravessamos antes de chegar ao Talhado, abriram um poço onde a gente daqui vai tirar água, tornando a abri-lo, quando os animais o fecham com os pés; contudo o Sr. Calaça apanha a água da chuva, e é bem boa a que nos dá para beber, assim como tem uma casinha bem arranjada e limpinha para estas alturas, cujas paredes ele mesmo pintou, não tendo posto vidraças nas janelas por conselho econômico da mulher.

Antes de vir há 3 anos habitar aqui tinha casa de negócio na Água Branca, mas tanta gente o procurava para arrancar-se ²⁴⁶ em sua casa que por bem entendida economia, não sei se houve conselho da Penélope, fugiu para aqui onde cuida do seu milho, arroz, feijão etc., da sua vaquinha e cabrinha, e enfim vive mais sossegado da bolsa, esperando eu poder agradecer-lhe o bom agasalho de um modo que há de ser grato a seu coração de bom pai de família; em todos os casos lembrar-se-á de que lhe não fui pesado somente ²⁴⁷.

O almoço foi muito bom; porém aqui só há biscoitos.

Serão 11 ou 11 $\frac{1}{2}$ – (o meu relógio ficou com o Paiva) ²⁴⁸ e não sinto calor. Venta fresco há tempo e às vezes sopra tão forte, que um capuchinho abrindo há dias uma das janelas, o vento quebrou o vidro de uma imagem, que orna com outras o quarto onde escrevo agora deitado, em sofrível canapé, podendo haver maior reboliço.

Pouco tempo depois de chegarmos, o Melo ²⁴⁹ descobriu um bichinho de cochinha.

Antes do almoço apareceu um velho que disse ter 90 anos fora os que mamou.

Estou sentindo no pé a impressão, creio eu que de um espinho de carrapicho que muito incomoda por estes sertões; já no passeio do morro de N. Sra. dos Prazeres apanhei alguns que atravessaram o couro do botim e a meia, tendo de arrancá-los com uma das pinças do doutor ²⁵⁰.

Vindo dos Olhos d'Água encontrei periquitos e maitacas que agora comem o fruto do algodão que dá bem no mato, e xexéus que apenas arremedam tristemente o som do seu nome.

O Calaça disse-me que não se ouve muito de longe a Cachoeira, porque depois de terem quebrado uma ponta de pedra, ronca menor.

1 $\frac{1}{4}$ – Dormi até agora depois de ter escrito. Faz calor intensíssimo. O Sr. Calaça trabalha só com três pretos e os filhos na fazenda do Talhado e no sitio, e diz que seria rico se possuísse oito.

O dono da fazenda dos Olhos d'Água é muito [*mais*] rico, porém não de atividade, que o Sr. Calaça (Manuel José Gomes). Disse-me que ainda não havia a legenda da mãe d'água e que lhe atribuíram mesmo qualquer esboroamento nas margens do rio e que o peixe crumatá podia despenhar-se da cachoeira sem ficar morto, se caía sobre a barbatana da cauda.

Saímos do Talhado às 5 menos 10' e chegamos ao Salgado, casa de um Gomes, às 7.

No caminho vi mandacarus muito alterosos e grossos, dizendo-me o Calaça que dos troncos de alguns se podiam serrar tábuas de mais de 2 palmos de largo – é uma espécie de cactos de ramos divididos em gomos longitudinal [*sic*] que ainda o são noutros, no sentido de seu comprimento, o fruto come-o a gente e o gado – e árvores do angico não muito altas, esgalhadas, de cerne avermelhada e folha miúda, dando uma goma como da Arábia.

Encontrei alguns bois e vacas gordas, dizendo-me o Calaça que havia muito pasto, onde eu só veria aridez, pois verdejam quase que exclusivamente os cactos e bromeliáceas.

Os cavalos também são bons, ainda que para maiores marchas lhes dão milho e despejam [sic] no seu passo tanto caminho como os cavalos do sul a meio galope.

Há muitas rolinhas esbranquiçadas e pombos de asa branca, espécie de trocaz.

Vi o carcará muito grande.

Há bastantes casas de cupim nos xiquexiques, e uma abelha chamada cupira costuma fazer mel nelas.

Ainda não vi o mocó; porém o Jequiá prometeu-me um vivo que tem ²⁵¹.

Perto do Salgado começou a chover, clareando sofrivelmente os fuzis ao anoitecer, e agora venta com muita força caindo grossa chuva, disse-me o Calaça, contra a minha opinião, que não choveria hoje, e que havia às vezes chuva de pedra por estes sertões, porém rara; creio que venta sul.

Quando entrei em casa havia aí muitos homens e ainda mais mulheres, como sempre, que me queriam [ver], e tive de ficar em exposição dando o beija-mão porque todos gritavam – Queremos vê-lo – traze luz – acende o facheiro!

Já estou escrevendo na minha cama, que é boa, e a hospedagem em geral é muito superior à de Olhos d'Água; bebe-se água do rio, e parece tão boa como a de Penedo e outros lugares.

Espero um caldo com galinha e biscoitos, pois não há arroz nem pão, para, depois de comer, tratar de desenhar.

Antes do jantar no Talhado receberam-se participações de Piranhas de que os dois doentes iam bem e a moléstia não tinha caráter epidêmico, atribuindo o Dr. Propício Pedroso a febre à insolação. Amanhã continuarei.

23 de outubro de 1859 - No Talhado o Melo viu as cabras com os chifres [sic] e o Calaça disse que era de comerem os xiquexiques só dos espinhos. O gado come bem o pasto seco como agora, e quando morre mais é na passagem do verde para o seco.

Partimos do Salgado às 2 da madrugada e chegamos a Paulo Afonso pouco depois de 5 ½.

Na distância de menos de légua é que se ouviu o ruído da cachoeira.

Logo que me apeei comecei a vê-la, e só voltei para casa podendo torcer a roupa do corpo molhada por causa do exercício.

Depois das 10. É bellissimo o ponto de que se descobrem 7 cachoeiras que se reúnem na grande que não se pode descobrir daí, e algumas grandes fervendo a água em caixão de encontro à montanha que parece querer subir por ela acima; o arco-íris produzido pela poeira de água completava esta cena majestosa. Dizem que a névoa de água vê-se na distância de léguas, do lado da Água Branca; mas não o creio, apesar do Jequiá asseverá-lo, e só perto da cachoeira é que borri-fa, quando constava que a meia légua da cachoeira já se sentia o chuveisco.

Tentar descrever a cachoeira em poucas páginas, e cabalmente, seria impossível, e sinto que o tempo só me permitisse tirar esboços muito imperfeitos. O terreno é todo pedregoso e se muito se tem exagerado a respeito desta cachoeira, não sou eu exagerado dizendo que há verdadeiro perigo em percorrer todos os pontos de vista da cachoeira, e principalmente descer à furna dos morcegos, como eu fiz, dando contudo três quedas nesta última exploração, felizmente sem me machucar. Uma mulher do local, que se arriscou à empresa, não foi tão venturosa, pois deslocou ossos do metacarpo, rachou o beíço e pisou a maçã do rosto e o olho; o Dr. Abreu logo lhe aplicou os aparelhos. Se soubesse o que era a tal furna não teria descido a ela, contudo a sua abertura é muito alta, descendo a parte superior e subindo a inferior até o fundo, havendo duas aberturas que se comunicam com outra menor. Parece que o rio se abriu amontoando na sua entrada milhões de pedras, troncos e ramos, dando o movimento das águas aos paus as formas as mais curiosas. Não há muita falta de luz na furna, e os morcegos são pequenos. Destaca-se às vezes terra do teto principalmente quando fazem fogo para matarem os morcegos, tão prejudiciais ao gado. Colheram-se pedrinhas trabalhadas pelas águas, curiosas, e arranquei algumas plantinhas secas da pedra em que me assentei no meio das sete cachoeiras.

Felizmente não tem feito muito calor, e de tarde tem ventado bastante; a trovoadas de ontem serviu. O rio já está mais cheio da manhã para a tarde. Parece-me que o Halfeld aproveitou quase que exclusivamente, para os seus desenhos, o ponto aonde esta tarde fui à cavalo, esboço n° 3; é belo mas não admira como a vista que se aprecia do centro das sete cachoeiras, cujas águas redemoinhando com estrondo se despenham à esquerda para formar a queda de maior massa ²⁵².

A água que se tem bebido é excelente, e o barracão, armado sob a direção do coronel Pedro Vieira, da Mata Grande, é bom e cômodo se não chover, porque o telhado de ramos deixa passar a luz demais.

21 de outubro de 1859 = Saímos de Paulo Afonso depois das 5 porque custou muito a reunir os cavalos.

A duas léguas e meia da cachoeira tornei a ver a bela quixabeira, árvore cujo frutinho preto come a gente e o gado.

Vi como na ida os ninhos do casaco-de-couro, pássaro do tamanho do bicudo ou do curió, sendo todavia aqueles grandes e feitos de ramos que custa a compreender como foram conduzidos no bico ou nos pés. São espinhosos às vezes exteriormente; porém dentro apresentam-se muito lisos e divididos em dois compartimentos. A caraibeira ²⁵³ também merece menção, porque deixa as folhas, cobrindo-se de flores amarelas no tempo em que o rio começou a encher.

O acauã, espécie de gavião, solta de vez em quando seu triste canto, e disseram-me que para o lado do Penedo e no sertão havia o caruão, espécie de jacu menor, que canta muito.

Vi o tingui cujo leite branco serve para matar peixe.

Os nhambus também cantaram.

O xexéu canta por aqui pouco.

O Calaça disse-me que na casa da abelha arapuá se achava uma pedra, há de ser alguma secreção endurecida, que é bom remédio anti-sifilítico e o conhecimento de tais remédios revela a propagação de semelhante flagelo.

Cheguei ao Salgado às 7 ½, passando ao pé da lagoa da Cruz, que conserva quase sempre águas e atravessando o fundo de outras duas, as Seca e de Fora.

As mulheres aqui fumam quase todas cigarro, charuto ou cachimbo, vendo cachimbar, que chamam beber cachimbo, e uma de 90 anos ou mais talvez. No Traipu descobri um charuto na mão de um rapaz que teria 13 para 14 anos.

O Dr. Abreu tirou os cabelos das pestanas de uma mulher que por falta de asseio os tinha deixado entrar no globo do olho e receitou para um homem que, dizendo-lhe o doutor, que devia tomar um remédio que viria dentro de um papel, perguntou se também devia botar o papel também no remédio.

Disseram-me aí que a 2 léguas do Talhado há num lugar chamado Lajedo, gravadas na pedra letras, pés de ema, cabeças de gente e outras figuras, e que a 3 léguas do Salgado, no Serrote da Botija, há também letras gravadas numa pedra mostrando outras ter sido pintadas de vermelho. O presidente ficou de mandar copiá-las.

Neste sertão há cascavéis e jararacas.

Partimos do Salgado às 5 ½ e chegamos ao Talhado às 7 e 40'. No caminho atravessamos, como na ida, o fundo das lagoas Comprida, do Peba, Seca e Comprida, que já tem hoje alguma água, da trovoadas da noite de 19.

Acho aqui um mulhério imenso a quem não pude deixar de dar a mão a beijar, assim como a alguns homens; quase todos são mais ou menos mamelucos. Muita desta gente aqui e no Salgado trouxe-me presentes, mas eu só aceitei os daqueles que pude saber nessa ocasião que mereciam esmola.

Disseram-me que o campo há muitos anos não apresenta tanto pasto. Os bois servem para carga, e vi um que anda, quase no mesmo tempo, o espaço que andaram os cavalos, os quais se dizem desobrigados quando não precisam de espora.

As mulheres em grande número têm feições regulares, e andam sem corpinho de vestido, amarrando-o algumas à roda da cintura, ficando as mangas pendentes, tendo quase todas camisa com crivo.

Informei-me sobre o modo de pintar as penas dos papagaios, periquitos etc. e disse-me o Jequiá, que depois de os depenarem esfregam-lhes a pele com algodão embebido em humor viscoso, que transuda uma espécie de rã ou antes perereca e o qual é cáustico, sucedendo que por causa da chuva, escorrendo ele das árvores, caia sobre os passarinhos ainda não emplumados e faça com que as penas nasçam variegadas.

Soube já que o Calaça foi major da Guarda Nacional antes da nova organização ficando, depois desta, capitão. Calaça é alcunha, ou apelido como dizem por aqui, e foi-lhe posto em menino por se parecer, no gênio trêfego, com um homem fulano de tal Calaça: o costume dos apelidos parece vulgar no sertão, e o Calaça disse-me que indo ao dicionário viu que Calaça significa uma posta de carne. Tem oito filhos entre machos e fêmeas, e um dos meninos chama-se Aristóteles, porque o padrinho assim quis, desejando ele chamá-lo Salomão; o mais velho é já professor público das 1.^{as} letras em Água Branca, e outro estuda no Colégio do Abílio na Bahia, e segundo diz o Abílio ²⁵⁴ ao Calaça, tem muito talento, desejando este mandá-lo estudar engenharia militar ²⁵⁵.

Junto à casa do Calaça há um cercado de paus de braúna que abunda neste sertão.

22 de outubro de 1859 = Saímos do Talhado às 4 menos 5 por ter custado a reunir os cavalos, e chegamos a Piranhas às 8 menos 5.

Aí almoçamos, e por causa do vento que nos devia ajudar, a manobra difícil da descida só partimos ao meio-dia, e

muito nos custou a ganhar a corrente do rio, sem tocar nas pedras, tendo a âncora agarrado nas pedras, o que nos obrigou a abandoná-la, tendo antes de aproarmos com a corrente trazida para bordo pela gente de um barco do rio que despreendeu a poder de braços. Vimo-nos livres do pior passo às 1 ³/₄, formando a poeira de água, produzida pelo embate da água nas águas das rodas do vapor um pequeno iris na de bombordo.

Chegamos ao Armazém ou Entremontes às 3 ¹/₂; jantamos aí na casa de um Anacleto Brandão ²⁵⁶, cuja família é quase tudo nesta povoação, sendo um dos filhos o capelão, outro o médico, e outro oficial da Guarda Nacional (tendo agora o médico pedido 50\$000 por dia ao presidente para cuidar dos doentes de Piranhas de Baixo) e às 4 fomos ver a Capela construída por um homem como cumprimento de voto pelo seu restabelecimento de cólera-morbo.

A povoação, segundo me disse o Anacleto será de 300 habitantes; ele aí tem uma loja, mas o comércio é menor que nas Piranhas, onde me informaram que andava, no ano de 300 a 400 contos [sic], sendo um fulano Fausto o factotum de Piranhas, contra o qual tive queixa de uma mulher por haver ele tomado para si uma besta do pai dela.

Parece que depois de 9 meses, sem culpa formada, por ordem de um subdelegado, cuida menos de política, que é ativa entre liberais e conservadores, em Piranhas. O Fausto creio ser o chefe dos conservadores e o Campos dos liberais.

Às 5 horas largou o Pirajá de defronte do Armazém e chegamos ao Pão de Açúcar onde chegamos depois das 7. Logo que avistaram o vapor soltaram, do alto do morro desse nome, foguetes ao ar, que produziram belo efeito, assim como os que subiam de diversos pontos, estando todas as casas da vila iluminadas.

A galeota encalhou antes de chegar ao desembarque, mas por fim saltei em terra – na areia, e oferecendo-me um cavalo seguiu nele, com as pernas encolhidas, por causa dos estribos muito curtos, até a casa da Câmara, por entre imensa gente e ao som do hino, tocado e cantado, da Independência composto na Bahia.

Vieram as meninas e meninos das duas aulas de primeiras letras com flores e poesias, e o juiz municipal poetiza novamente. Não é bem uma nova poesia que ajunto, com as quadras dos meninos. Um menino, que me apareceu na sala, deu-me um sagüi muito engraçado.

Esquecia-me dizer que na viagem tivemos bastante vento, que tornou o rio quase um mar buliçoso, mostrando o Pirajá desejos de dançar, e que o ajudante de ordens do presidente, explicando-lhe as qualidades do cavalo, disse-lhe que o animal tinha esquipado mas não tinha obras baixas. Chamam quartau ao cavalo, entre o fino e o de carga.

23 de outubro de 1859 = Acordei às 5, e tenho estado a escrever.

Vou agora dar um passeio até acima do Pão de Açúcar, ouvir missa e visitar as aulas, deixando esta povoação depois do almoço às 10 horas.

Continuo a escrever do Pirajá onde me embarquei às 9 ¹/₂.

A vista do alto do Pão de Açúcar é bonita.

Antes da missa fui às aulas e durante aquela a música tocou muito mal a ária de La tremenda ultrice spada.

Não me parecem mal os professores, ainda que a mestra me afigure vaidosa nos seus modos, ainda que noto falta de uniformidade nos livros que usam, copiando-se na aula de meninas, traslado em inglês; e estando estas divididas em Grécia e Tória [sic].

Há uma menina bem esperta, que é a que tem dado vivas, e leu como outros, e fez sofrivelmente a conta de multiplicar, que é a em que se acham as adiantadas, apesar de anos de aula. Também respondem satisfatoriamente bem, como outras, às perguntas do catecismo.

Há 39 matriculadas e de freqüência 25 a 26.

Na de meninos um mais esperto dividiu sofrivelmente, e os que leram, o fizeram do mesmo modo.

O professor tem apenas 1 mês de serviço e pediu há pouco que lhe mandassem exemplares do catecismo.

Os meninos e meninas que tenho examinado têm sido designados por mim.

Disseram-me em Pão de Açúcar, que o gado vai encarecendo mesmo mais para cima do rio, e que um sendeiro chega ao preço de 100\$000.

Largamos do Pão de Açúcar às 10.

Às 10 e 40' fomos para São Pedro Dias ²⁵⁷ e às 11 e 10' o vapor tornou a seguir.

Haverá na aldeia 100 índios, e muitos portugueses. Aqueles queixam-se destes que lhes aproveitam as terras, dizendo o diretor interino, Fr. Doroteu, capuchinho, que os índios são indolentes, e quando não plantam, dá terras aos pobres às vezes sem exigir renda alguma.

Algumas mulheres pediram-me para não sair de lá o vigário encomendado, Fr. Doroteu, e os mesmos índios dizem que ele é mau diretor, porém bom vigário, por ser muito religioso.

As pedras, de que fala o Vieira de Carvalho, estão numa casa particular, conforme disse Fr. Doroteu, mas não as vi porque o sol está ardentíssimo.

Encontrei três beatas, tendo já visto uma em Paulo Afonso, a qual me disseram ter-se tornado beata por conselho de Fr. Doroteu, e ser de família conhecida. [Vestem-se] de preto com cordão branco na cintura e fazem promessa de castidade.

A igreja, pequena, está bem conservada mas voam os morcegos. Defronte da povoação há grande coroa de areia e tive de passar da galeota para uma canoa, e desta, em cujo banco me pus a princípio a cavalo por segurança, para a prancha.

Disseram-me há pouco que o capitão Antônio Joaquim, acusado de mais de um assassinato, acompanhou-nos como guia no passeio de Pão de Açúcar, e o promotor guardava-se para instaurar-lhe o processo depois da minha visita.

Observou-se por duas vezes uma espécie de tromba de areia formada pelo vento na margem esquerda do rio.

11 ½ – Defronte do Limoeiro, tendo andado do Pão de Açúcar 3 léguas em rio. Toda a digressão gasta 10 minutos.

Tem 50 casas, uma capela menos má, e um oratório; é juizado de paz e não há aí nenhuma autoridade policial, mas um fiscal; pertence à freguesia de Pão de Açúcar.

12 e 20' – Defronte da Lagoa Funda. Volto ao vapor à 1 e 25'. Fui à capela que é pequena e com morcegos, e depois à aula de meninos que estavam no desembarque com os lenços arranjados como bandeiras com dísticos, trazendo também o seu, o professor, que deu vivas desesperadamente assim como outro.

O professor serve há mais de 2 anos e os mais adiantados sabem apenas ler e dividir sofrivelmente. Ainda não deu catecismo e o menino que o professor chamou disse mal o Credo.

25 matriculados e 16 freqüentes. Notei uniformidade entre os livros desta escola e os da de meninas do Pão de Açúcar.

Antes de embarcar-me de volta vi o lugar onde estão abertos os alicerces para a nova capela, maior que a outra, cuja subida é incômoda.

Tem só juiz de paz, e de 400 a 500 habitantes; pertence à freguesia de Traipu.

O Antônio Joaquim acompanhou-nos mostrando entusiasmos.

2 ¼ – Gastamos 20' na visita à povoação da Barra do Panema ²⁵⁸ (quer dizer ruim, segundo o Melo) rio de água salobra.

É uma rua à margem esquerda arenosa do rio, com poucas casas de pobres.

Vi um bonito juazeiro.

Um as mulheres disseram ao Feijó que diziam pelas margens do rio, que o vapor carregaria todos os homens no caso de assentarem praça.

Ouvi que os índios queixam-se de Fr. Doroteu por ele lhes impedir os batuques, bebedeiras e preguiça de trabalho, e foi ele quem reparou a igreja agenciando esmolas.

No caminho para a Lagoa Comprida recebi notícias do Rio e da Bahia, trazidas deste último lugar pelo comandante do Itajaí ²⁵⁹.

Às 6 ¼ fui ver a povoação de Lagoa Comprida estando de volta no Pirajá às 7.

Não vi a alameda de que fala o Vieira de Carvalho, mas algumas árvores dispersas ao longo da praia, havendo entre elas um belo oitizeiro que se encheu este ano de frutos que se comem.

O professor dá aulas de primeiras letras de meninos (a única que existe há muito pouco tempo criada) disse-me que a povoação tem mais de 300 almas, e que os alunos matriculados são 36, e 16 freqüentes.

Receberam com entusiasmo muito cordial e gritando um – Viva o imperador que não hei de mais vê-lo! Outro replicou – Por que não, já sabe o caminho!

Dormi a bordo do Pirajá e antes de recolher-me ouvi jornais da Bahia, conversei e observei as estrelas que estavam tão brilhantes que Sírius e Canopus formavam duas faixas de luz bem distintas e largas sobre a superfície do rio; Rigel, Betelgeuze, Aldebarã, Achernar, e as da constelação de Cassiopéia, fazia um belo cortejo, e saudoso que me lembrei das noites em Petrópolis; assim todos se recordassem!

Observei o cipó canauã ou fosfórico; fazendo as fibras friccionar uma de encontro às outras há fosforescência passageira, parece que só enquanto dura a fricção.

24 de outubro de 1859 = Acordei às 4 ½. Largamos às 5 e 34'.

Defronte de S. Brás paramos para receber uma carta fechada de uma canoa, era uma descrição de certas maravilhas naturais observadas na serra do Catimbau em Pernambuco por um José Joaquim Pitombo que pede concessão de carta de cirurgião num requerimento que veio com a descrição.

Às 7 menos 10' passávamos por defronte de Propriá, estando sobre um morro pouco adiante, uma companhia de Guardas Nacionais que deu vivas arriando-se por 3 vezes a bandeira aí hasteada.

Em todas as povoações por onde passo há mais ou menos entusiasmo, e vejo reunidos os Guardas Nacionais, que raras vezes têm armas, e às vezes nem a uniformidade da jaqueta e calças brancas e boné.

As margens das proximidades superiores de Propriá para baixo apresentam-se mais ou menos verdes.

Tornei a observar as camadas de areia e argila nas margens do rio e ilhas; mas não me parece que possam indicar com segurança a idade da formação; pois que há mudanças dos depósitos do rio de uns para outros pontos. As impressões dos diversos níveis do rio, que também se observam nas formações de pedra, fingem às vezes camadas.

8 ½ – Avista-se Penedo. Desembarque às 9 e 26. Às meninas de aula receberam-me com flores, e os versos que junto. Houve imensas girândolas e muitos vivas.

A Câmara Municipal queria que eu ainda ficasse um dia tencionando dar-me um baile hoje ou amanhã, porém eu respondi logo que partia à 1 da tarde porque tinha época designada para chegar à Bahia.

Visitei todas as povoações de alguma importância do rio de S. Francisco, ou antes, quase todas as povoações que margeiam o rio, e assim evitei quaisquer conseqüências de rivalidade que já se iam criando entre elas.

Embarcamos ²⁶⁰ pouco antes de uma, mas por causa de diversos arranjos só largamos às 2¾.

Passamos por Piassabuçu às 5; chegamos ao Pontal às 5 [sic] e fundeamos às 5 ¾, para sair com a maré de amanhã de manhã, porque à vista do vento muito forte que soprava de L. S. E. e depois de N. E. havendo já 2 horas de vazante, o almirante julgou mais prudente não sair hoje.

Enquanto não anoitecia fiz um esboço da vista do Pontal da Barra, e agora, 8 e 40, vou ler um pouco até vir o sono.

A filha do Cotinguiba já ficou na cadeia do Penedo, tendo a diligência sido feita com toda a habilidade e diligência pelo chefe de polícia de Sergipe, Ângelo Ramos, e mais autoridades da província. A ré estava no Brejo Grande, na fazenda do Bom Gosto, pertencente ao irmão, comandante superior da Guarda Nacional do município, tendo se prendido outro criminoso na mesma ocasião em terras do mesmo proprietário. O ministro oficiou ao presidente das Alagoas para que dê as providências necessárias para que ela não fuja da cadeia, em cuja sala livre se acha.

Embarquei no Penedo à uma; mas só [*espaço em branco*] por causa dos arranjos a bordo. Passamos por Piassabuçu às 5, chegamos ao Pontal da Barra e fundeamos às 5 ¾, não só por causa do muito mar que havia fora, como principalmente por ser tarde. Antes de escurecer tirei um esboço da vista do Pontal.

25 de outubro de 1859 = Acordei às 5. [*Há três linhas em branco, cujos dizeres foram apagados.*]

Às 5 ½ chegamos à barra, e às 5 ¾ passamos o cordão, havendo no lugar de menos fundo, 2 ½ braças e já com 1 ½ hora de vazante. Jogou bastante o vapor, e borrifou bastante alguns oficiais. Conservei-me deitado depois, por cautela, levantando-me às 8 ½ para ver o Belmonte que se aproximava, entregando-me o comandante a carta da imperatriz e os jornais da Bahia em mão própria ²⁶¹.

Depois li e dormi.

Avistei o farol da barra do Cotinguiba, para o que saí para a tolda.

Às 2 e 20' estávamos na altura do rio Real, e às 3 ½ saí para ver como atravessamos o limite entre a faixa de água barrenta produzida pelo rio Real e a azul do mar, descobrindo-se folhas de mangue a boiar.

Depois do jantar passei grande parte da tarde assentado na tolda, e li um pouco. Comecei a dormir às 9, quase que vestido de todo, como costume fazê-lo na baiúca, para não mover-me muito.

26 de outubro de 1859 = Acordei pela volta das 4 ½, e tendo saído para a tolda, avistei o farol de St. Antônio, que já se descobria desde 2 ½, tendo-se diminuído a força do vapor desde ontem à tarde, para não chegarmos à noite muito tarde.

Vi Júpiter, brilhante como nunca, e o Cruzeiro do Sul que imensas saudades me fez.

Na barra deste porto começaram as girândolas e fundeamos às 6 e 37', desembarcando logo que pude na galeota de bordo, encontrando a daqui junto ao cais do Arsenal, onde já se achavam o presidente e outras pessoas daqui.

Almocei às 9, estive lendo e tratando de alguns negócios, e às 9 [sic] saí a cavalo, indo primeiro, ao quartel de cavalaria de Água-de-Meninos ²⁶². A cozinha e a cavalaria estão separadas do quartel e esta a alguma distância, ainda que pouca, sobretudo aquela pode, abrindo-se uma porta na parede, comunicá-la facilmente com o quartel.

A arrecadação está mal colocada no andar térreo; mas o alojamento das duas companhias é bom, tendo cada soldado sua tábua que se levanta e descansa, presa na parede, sobre a caixa da roupa do soldado. Pareceu-me haver maior limpeza no armamento e equipamento da 2.^a companhia, capitão Pacca ²⁶³ do que da 1.^a, capitão Andrade e Silva ²⁶⁴. Queixaram-se dos sapatos e coturnos que apenas duram dias no serviço, e o pano das calças e dos capotes principalmente não o julgo bastante encorpado, tendo visto jaquetas e camisadas [sic] que só servem para crianças, e por isso consideradas inúteis. Os gêneros do rancho são dos melhores em geral, mas os que examinei, no quartel do Corpo Fixo, de onde aliás vêm para esta companhia, eram todos dos melhores. As baias da 1.^a companhia são sofríveis, porém notei que as imundícies caem sobre madeira antes de se esgotarem por um rego de pedra, e os cavalos acham-se apenas separados por varões de ferro, que já molestaram muito um dos animais, como observei. As da 2.^a companhia são miseráveis, apesar das representações do comandante da Companhia. Os cavalos têm alguns 9 anos de serviço e 18 de idade, e como só por dia um feixe de capim de 2 ½ arrobas a custo de 700 réis, e ¼ de alqueire de milho custando o alqueire 6.200 réis.

Depois fui ao Arsenal ²⁶⁵. O edifício é muito acanhado e convém aproveitar o edifício próximo que se comprou há poucos anos, e apenas serve quase todo, sendo aliás grande, para moradia do diretor.

A oficina de ferraria está quase a cair e tudo é feito por motor humano, indo agora o diretor ocupar-se de conduzir de um reservatório água do poço, que a divide com o Recolhimento dos órfãos de S. Joaquim, sendo a água tirada por bomba para as oficinas.

Os armazéns não se acham mal arranjados, mas por falta de espaço, acham-se no mesmo objetos que, para sua boa conservação, deveriam estar em armazéns separados.

Há 132 operários aportados. Os menores são 83, devendo a companhia ter 100, e seus dormitórios devem formar um só deitando-se abaixo a parede divisória. Os mais adiantados que se apresentaram na aula, quando a visitei, e pertencem à música, sabem ler, escrever e contar sofrivelmente.

Vi pano muito fino para as calças e, segundo me disseram, parece-me que o pano para capotes é o mesmo de que no Rio de Janeiro se comprou grande porção, reconhecendo-se depois que tinha sido má a compra. Há morosidade nos trabalhos do Arsenal, e o ajudante Camará ²⁶⁶ não me parece próprio para o lugar.

Uma perna de pau, que o hospital recambiou por muito pesada, ainda lá estava há mais de um mês para se tornar mais leve, desculpando-se o Camará com a alegação de que do hospital não foram buscar a perna de pau.

Os salários e ordenados ainda são os de 1832 e 35. A verba anual para este Arsenal é de 120 contos e já se gastaram 60. A verba das obras militares já está esgotada, e por isso parou a obra da frente do Arsenal.

De Sergipe encomendaram mesas e cadeiras ao Arsenal, não sabendo por que as não fazem lá. Por que não mandam vir calçado do Ceará ou da Europa de onde o recebeu muito bom o corpo policial?

Do Arsenal, passei ao Recolhimento de S. Joaquim ²⁶⁷. É um belo edifício começado a fazer com as esmolas do irmão Joaquim do Livramento, cujo retrato lá vi ²⁶⁸, tendo ele estabelecido a casa dos órfãos no lugar da capelinha de S. José, de onde foi transferida para o novo edifício, em 12 de outubro de 1825, como o comemora um dístico latino feito pelo célebre latinista Cardoso, cuja cópia me prometeu o provedor Godinho ²⁶⁹ juntamente com apontamentos sobre a história e estado presente do estabelecimento.

A capela é muito bonita e tem quadros de préstimo do pintor baiano Teófilo José ²⁷⁰, distinguindo-se um que representa a morte de S. José.

Assisti à aula de primeiras letras e os mais adiantados leram e repartiram sofrivelmente, parecendo-me a educação, até nos vestuários, fradesca demais. Também vi escritas não muito boas, sendo os traslados pensamentos de Mme. Stael – alguns políticos, e não examinei os desenhos porque não apareceram, não sendo hora de aula, e estando por isso o professor ausente.

Na aula de primeiras letras vi uma palmatória, como a observara na de meninas em Pão de Açúcar, mas o mestre disse-me que os castigos eram só morais.

Têm uma chácara ou roça, pouco cuidada e com um pântano, que já aterraram em parte e um jardim dentro das quadras do edifício.

A casinha perto do refeitório está mal colocada, e os quartos para dormitórios de uns poucos não se prestam bem à

inspeção, com as portas maciças de pau.

À tarde fui à igreja da Piedade que pertence aos capuchinhos ²⁷¹. Um lindo templo com 6 altares, três de cada [lado], por baixo de uma galeria de colunas, ficando o altar-mor sob um dossel, sustentado por duas colunas – dois anjos apoiados em outras duas colunas, e quase terço extremos [sic] do comprimento da igreja, contando da entrada. Tem uma elegante cúpula, pintada de azul, com estrelas prateadas, que devem produzir bellissimo efeito com as luzes. Toda a igreja é dourada, mas com simplicidade e realce, sobre o fundo branco. Foi construída de 1815 até 28, sendo o arquiteto Fr. Arcângelo d'Ancona. Há 4 quadros curiosos de Teófilo representando a morte de Fr. Bernardo de Ufida, é muito bom; o enterramento do Senhor, a adoração dos pastores, e o milagre da cruz hasteada, por Fr. Lourenço de Brindes, contra os turcos num dos cercos de Viena para confundir os hereges blasfemadores. A sacristia é digna de ver-se pelos seus painéis, sobretudo um que representa um menino deitado para quem olham. Há também aí um descendimento da cruz, de Teófilo, que não me agradou muito e um S. Francisco, que dizem da escola de Barroca, mas não me parece do merecimento com que o apregoam os capuchinhos.

À entrada da igreja há diversos sarcófagos de mármore de algum gosto, estando a colocar-se outros. Os capuchinhos que residem agora na Piedade são treze, e um está a retirar-se para a povoação de Rodelas, acima de Paulo Afonso.

27 de outubro de 1859 = Às 6 ³/₄ fui ao Passeio Público. Tem poucas árvores e creio que o Souto ²⁷² fez mal em cortar o tamarindeiro. O diretor trata de plantar árvores do Brasil e aí vi, entre outras, um oitizeiro com flor que é branca e pálida e delicada, dizendo-me o Souto que o fruto tem o tamanho do maracujá; há também angico.

O diretor pouco pode fazer por falta de dinheiro (sendo a consignação de 64 mil réis bimensais), de trabalhadores (que não excedem de 3), e de terreno, pedindo que se lhe dê o que fica defronte do portão principal para avançar a gradaria, o do lado da Igreja dos Aflitos, que convém nivelar com o do jardim, e o fosso do forte de S. Pedro. Desse último lado tem o Gonçalves Martins um terreno considerável ²⁷³, que vai até o mar, comprado aos Bentos, havendo-se aberto, na sua presidência, um caminho público que atravessando esse terreno, e passando pelo jardim, a sair pela porta que olha para os Aflitos, comunica o bairro da Vitória com este outro da cidade.

Há uma casa particular cujas janelas estão sobre o jardim limitando outras propriedades com este, pelo mesmo lado da rua que vai à porta dos Aflitos.

Depois do almoço fui ao Consulado ²⁷⁴ que apenas tem uma sala no 1.º andar, um armazém com acomodações para os guardas no andar térreo e a ponte. Faltou ao ponto um empregado, que tendo terminado a licença dada pelo governo, espera outra que pediu ao presidente.

Pedi diversas informações por escrito ao administrador ²⁷⁵ e conversando com o contador Galvão do tesouro, que aí estava, disse-me que o comércio queixava-se, com razão, de demora no despacho e carga dos navios, não querendo o administrador que trabalhe a repartição depois das 3 da tarde, o que aliás já se fez depois da estada do Galvão por advertência deste.

Passei à Praça do Comércio ²⁷⁶ que tem um belo salão com três retratos num dos topos, do conde dos Arcos, novo e feito por um Romão ²⁷⁷, que parece ter talento; do Alves Branco ²⁷⁸, e do Wanderley ²⁷⁹, sendo este mais parecido ²⁸⁰.

Há gazetas estrangeiras e brasileiras, e aula de francês, inglês e de tudo o que se refere a operações mercantis e contabilidade. Achava-se em alguma desordem por causa do baile para o qual estão fazendo uma varanda de madeira com pilastras e cornijas; que restará da subscrição para fim útil?

Prometeram-me aí informações sobre o pintor Teófilo. Há sobre a porta a seguinte inscrição: “Joanni VIº undique prospicienti commercium Bahiae Ano 1816” ²⁸¹.

A Mesa de Rendas provincial e Tribunal do Comércio estão numa casa particular do mesmo largo. A primeira pareceu-me marchar regularmente e o administrador inteligente ²⁸², havendo-lhe pedido algumas informações por escrito; e o segundo tinha começado às 10 a sessão administrativa, devendo, às 11, principiar a judiciária; junto um mapa que me deu o presidente do Tribunal ²⁸³.

Depois vim à Tesouraria Provincial, onde pedi também informações, parecendo-me muito inteligente o contador Diógenes Veloso ²⁸⁴ o qual tem a escrituração muito em ordem, quanto pude julgar. O cartório está muito bem arranjado e o escrivão Orozimbo Alves ²⁸⁵ pareceu-me inteligente.

A secretaria, de que é oficial maior João Gualberto dos Passos, acha-se muito em ordem, e só notei, no livro dos contratos, que se fizesse um para a construção para arrematação de 12 léguas de estrada entre Tucano e Feira de

Sant'Ana com duas pessoas, uma das quais chamada José Ferreira de Carvalho, que depois soube já ter sofrido por ser esse nome, o mesmo do processado pela morte do juiz municipal do Tucano ²⁸⁶. O inspetor Freire ²⁸⁷ tem fisionomia de homem capaz, mas não parece inteligente como os nomeados.

Às 5 ½ da tarde fui à Sé Nova, igreja do colégio, e depois ao Carmo. A Catedral merece ser vista mais de uma vez, e ainda não tinha entrado na sacristia. É a mais vasta que conheço; os almários [sic] são forrados de tartaruga ²⁸⁸, como o frontal do altar-mor, que tem uma rica cercadura da mesma matéria, e ornam-nos diversas pinturas, creio que sobre cobre, e de algum mérito, representando passos da vida de Cristo. Há aí também um belo altar todo de mármore, sendo o dos fustes das duas colunas corado [sic]; o teto é todo pintado e dourado. Debaixo do cruzeiro, um pouco para dentro, está uma lousa com a seguinte inscrição: “S. do Governador Mem de Sá que faleceu aos dez de março de 1572 ²⁸⁹. Insigne benfeitor deste colégio.” Disseram-me que os ossos de Mem de Sá foram trasladados para este novo local.

O Convento do Carmo ²⁹⁰ tem igreja pequena em comparação dos outros; mas notei no teto da capela-mor que o apainelado de madeira é no gosto ogival. O convento é grande e foi construído em 1580, vindo os 4 primeiros religiosos de Pernambuco para um edificio pequeno; a igreja foi reparada pela última vez em 1842. Há diversos retratos nos corredores e salas do Convento. Os religiosos, por intervenção do arcebispo, cederam parte da casa para hospital militar.

A igreja dos Terceiros é bonita, mas o que há digno de atenção são os carneiros bastante grandes em abóbada, e na altura da bela escadaria de mármore, descendo-se para elas por uma boa escada de pedra.

28 de outubro de 1859 = Pouco depois das 6 da manhã saímos para o Bonfim; o caminho já é muito bonito, tendo belas casas e jardins, e antes de lá chegar passa-se o Dendzeiro, bela alameda de palmeiras dendês ²⁹¹. Da igreja, colocada sobre um teso, para o qual conduz uma bem lançada calçada, goza-se de vista soberba. Não me souberam dizer a data da construção da igreja, porque os livros da irmandade desse tempo não aparecem, segundo ouvi ao provedor atual, Wanderley, porém foi reedificada ou fizeram-se-lhe obras importantes já neste século, havendo principiado por uma capelinha ²⁹².

A igreja, toda dourada e pintada tendo no teto uma alegoria da proteção da Virgem ²⁹³, obra do célebre (digna de atenção) pintor baiano Antônio Joaquim Franco Velasques ²⁹⁴, mais antigo que Teófilo, de que já soube que existe ainda um irmão, cujas informações sobre a vida deste último prometeu-me o irmão do Sampaio Viana. Junto à porta há 2 quadros medíocres, um de cada lado, representando, o da direita de quem entra, a morte do pecador e o da esquerda, a do justo, devidos ao pincel de Tito Nicolau Capinã ²⁹⁵. Debaixo do cruzeiro há uma campa com a seguinte inscrição: “O Capitão de Mar e Guerra Teodósio Roiz de Faria, Primeiro benfeitor desta igreja. Faleceu aos 22 de janeiro de 1757.” Há uma casa curiosa toda cheia, de alto a baixo, de quadros de milagres e ex-votos e duas galerias laterais cada uma com 17 passos da vida de Cristo, havendo numa delas entre os 17 quadros dois da do Batista, todos pintados pelo Teófilo. Na Sacristia há 6 quadros da vida de Cristo de Teófilo, parecendo-me o melhor o da cura do cego, ainda que inferior aos dois citados do Recolhimento de S. Joaquim e da Piedade.

A imperatriz ficou ouvindo missa e fui a Monserrate.

Visitei o lazareto ²⁹⁶. Não há doentes, tendo saído há dias dois de febre amarela, para cujos doentes foi ele criado especialmente; contudo existem sempre 2 médicos ²⁹⁷, um intérprete, 2 enfermeiros, 1 servente e cozinheiro; ainda que 30 dias depois do último doente, comecem a receber somente metade dos vencimentos.

Observei os seguintes cômodos: uma varanda onde estavam 16 camas, uma saleta com 6, outra com 5, e quartos (cada um com duas camas), o do enfermeiro, o refeitório e uma cozinha com um quarto ao pé, com duas camas. Tem-se admitido até 50 camas, porém o espaço é estreito, estando já feito projeto para novo edificio. Há os remédios mais urgentes, sendo os outros fornecidos por botica próxima. A roupa guarda-se no forro. Comprou-se esta casa com pouco terreno anexo por 10 contos a Luís Pereira Franco. Há outras casas alugadas para o mesmo serviço de que falarei depois.

Daí fui ao forte de Monserrate ²⁹⁸ que jaz abandonado, tendo-se picado a inscrição que existia sobre o portão. Tem bela vista e o Przewodowski, que mora perto, disse que ninguém morreu ainda aí de febre amarela ou de cólera.

Fui depois ver a fundição de Cameron e Smith ²⁹⁹. O edificio que é grande, ainda não está acabado, continuando a construção, mas fazem-se moendas com seus motores por vapor, sendo o da fábrica da força de 10 cavalos, enquanto se não termina outro de 40. Possui 84 oficiais trabalhadores, dos quais 62 nacionais, como todos os 28 aprendizes, fundindo cada semana, em 2 a 3 vezes, 7 toneladas termo médio, tendo sido a peça mais pesada de 4 toneladas, mas podendo fundi-las de 9 a 10. Vi 5 tornos; trabalha 10 horas por dia, menos nos sábados, que o faz durante 7, e não lhe faltam

encomendas. Tem casa de modelos; porém estes não são importantes. Não possui marinete. O edifício primitivo com o terreno, que dá bom embarque, foi comprado por 15 contos, segundo disse Cameron, que chegou há pouco, onde encomendou diversas máquinas. Está no Brasil há 6 anos e na Bahia há 4, tendo-se empregado na Ponta de Areia; mereceu proteção; o Smith nada disse e retirou-se.

Segui para o convento e capela de Monserrate na ponta de terra e de caminho examinei duas das casas alugadas para hospital e que se comunicam entre si, vendo só de fora a maior, isolada, que foi cedida à estrada de ferro, para aí se recolherem os trabalhadores atacados de febre amarela. Não tem nenhum doente e cada uma das primeiras pode conter 20 camas, segundo me disseram, tendo eu visto na sala de uma, que tem menos cômodos que a outra, 9 camas, num quarto ao pé 4, em 2 menores uma em cada um, e uma noutra do fundo maior. Cada uma está alugada por 400\$000 anuais, podendo custar a qualquer particular 300\$000, conforme ouvi. A terceira está sublocada pela estrada de ferro por 1:250\$000, estando alugada por 600\$000. Creio que poderia haver alguma economia com o hospital de Monserrate e seus anexos.

A capelinha ³⁰⁰ tem pinturas e o altar-mor e retábulo dourados, pertence a um pequeno convento dos Bentos, que o estão reparando e serve-lhes para os banhos e tomarem bons ares.

Voltei ao Bonfim pelo caminho da Boa Viagem e vi a boa casa do feitor demitido da alfândega, Gravatá ³⁰¹. Esse caminho é muito pitoresco e logo que cheguei ao Bonfim voltei para a cidade.

Indo de Bonfim para Monserrate deixa-se, à direita, a Boa Vista onde meu avô gostava de passar as tardes. A casa de então já não existe.

Antes de chegar à altura do forte de Jequitaia teve o carro de parar porque o vigário da Rua do Paço ³⁰², apoiado numa mulata velha de turbante, quis-me todo trêmulo beijar-me a mão; trajava batina com as comendas do Cristo e do Cruzeiro ³⁰³.

Antes de voltar para casa visitei os fortes de Jequitaia ³⁰⁴ e da Lagartixa ³⁰⁵. Os artífices ³⁰⁶ estão mal alojados, porque a abóbada deixa passar água por causa do terraço asfaltado que tem por cima, e nas grandes marés e ressaca, a água da maré invade o dormitório que lhes serve para tudo, sendo as camas como as da cavalaria. Os gêneros vêm do Corpo Fixo de 15 em 15 dias; mas o açúcar e o arroz não me parecem bons, como os achei no Corpo Fixo. O armamento e o correame, a não serem as armas arrecadadas, estão limpos, mas são já bastante antigos. Há a mesma queixa a respeito dos sapatos e os capotes azuis são ralos. O xadrez é mau, principalmente o de cima, abobadado, onde estão os soldados de correção, por acanhado demais e falta de ar. Os artífices dão guarda para o forte e para o Arsenal onde trabalham, vencendo gratificação além do soldo. Há por tudo 84 praças militares no forte.

No forte da Lagartixa fazem-se cartuchos e espoletas para peças, havendo pouco trabalhadores e nenhuma máquina, que eu visse.

Depois do almoço fui aos seminários. Estão no antigo convento dos Carmelitas Descalços ³⁰⁷, pouco faltando para a conclusão do novo edifício, que tem as suficientes acomodações para cem, havendo agora 80 e tantos. A igreja é pintada e dourada mas pequena.

Os professores de latim, cônego Manuel dos Santos Pereira ³⁰⁸ e de grego, padre Meillaut ³⁰⁹, pareceram-me bons; tendo um dos seminaristas traduzido um trecho da Iliada e respondido muito bem.

O que rege interinamente a cadeira de Geografia é medíocre, e os estudantes pouco sabem. Dentre os lentes do Grande Seminário o que mais me agradou foi o cônego Fonseca Lima ³¹⁰; de Eloquência Sagrada; Fr. Arsênio ³¹¹, de História Sagrada (apenas expôs o espírito com que ensinava a matéria de sua cadeira), o padre Sousa Lima explicou, segundo o compêndio, as divisões do Direito Canônico e as hierarquias; Fr. Itaparica ³¹² que deixou de aproveitar o assunto da Graça, que lhe indiquei, como um dos difíceis da sua cadeira de Teologia Dogmática, e o padre Eduardo Augusto de Sousa e Melo tratou do culto como prova da maneira por que lecionava Exegética e História Sagrada. Fr. Raimundo Nonato ³¹³, lente de Teologia Moral, havia se retirado por incômodo, porém apareceu-me quando entrei na igreja e disse-me que tinha achado 4 assinaturas do Jaboaão, cuja letra é a mesma dos manuscritos de que já falei.

Os lentes do Grande Seminário não estavam professando, mas pedi ao arcebispo para que dissessem alguma coisa sobre as matérias de suas cadeiras. Agora ninguém pode freqüentar o Grande Seminário sem ter o curso do pequeno que é de internos somente; entre os seminaristas só usam de gabinarão os que se dedicam à vida eclesiástica.

Não ouvi Fr. Saturnino de Sta. Clara Antunes de Abreu ³¹⁴, lente do Direito Natural, por estar doente.

De tarde fui passear à Barra, lugar muito agradável e onde vão tomar banhos, não encontrando todavia bonitas casas e

chácaras (ou roças).

Numa ponta de terra que entra pelo mar e sobre o morro, todo verde de relva, contrastando com as pedras próximas, levanta-se o forte de Sto. Antônio da Barra ³¹⁵ dentro qual está um farol. A torre tem 76 de graus em espiral, e mais dois lanços um de 9 e outro de 8, até a base de apoio do aparelho ao qual se chegando mais 6 degraus. O aparelho compõe-se de 21 espelhos parabólicos de metal branco, 7 dos quais são cobertos por vidro vermelho. Dá uma volta em 5 minutos, e consome 34 canadas de azeite doce por mês. Começa a acender-se às 6 ½. Os encarregados do serviço fazem quartos de 3 horas, e o administrador tem a diária de menos de 800 réis, sendo a de 2 serventes de 700 e de outros 2 de 600. A despesa com a limpeza do aparelho é por conta do Arsenal. Dos 93 degraus os 89 de pau têm menos de palmo de altura, os 4 inferiores são mais altos e de pedra. Não há água perto, e apanham a da chuva dentro de umas pipas que vi dentro do forte.

29 de outubro de 1859 = Sai às 6 ½ e fui ao forte de S. Marcelo, ou do Mar ³¹⁶. Custou a atracar e quando a ressaca é forte não se pode fazê-lo. O forte é circular, com um fosso interno em parte ocupado por diversas plantas e um quintalzinho e que separa a muralha do corpo central, igualmente circular, e coberto por abóbada que junta água, numa cisterna. Tem 30 peças e igual número de praças cujo alojamento assim como as outras acomodações são más, por acanhadas e muito pouco arejadas. Encontrei a seguinte inscrição sobre o portão interno: “Vascus? (não pude ler bem) Fernandes César Menesius totius Brasiliae auspiciatissimus Prorex hanec arcem fine coronavit anno octavo ab apprehenso claro et a Christo nato 1728.”

Depois segui para o forte da Gamboa ³¹⁷. Tem 18 peças e 8 praças de guarnição para as quais se pode dizer que não há alojamento. O vigamento está em risco de abater sobre uma das acomodações do forte. As peças só se podem carregar subindo os soldados o parapeito, estando algumas das carretas estragadas e demorando-se a remessa de tinta do Arsenal para pintá-las às vezes 3 anos, quando devem sê-lo de 6 em 6 meses. Salvaram com tacos e dizendo-se ao comandante, o coronel graduado do Estado-maior de 2.^a classe José Pedro de Alcântara, este respondeu que se carregasse as peças desse modo os tiros seriam espirros, que lhe repliquem [*sic*] aos ouvidos.

Depois fui à aula de desenho que está num salão pertencente ao Convento de S. Francisco. 25 alunos matriculados de que não vi trabalho nenhum capaz, a não ser um desenho pendurado numa das paredes assinado por um Liberato.

O 1.^o professor foi um português ³¹⁸ e o 2.^o o Velasques ³¹⁹ que pintou o teto da igreja do Bonfim; agora chama-se Francisco Rodrigues Nunes que esteve, a expensas da província, seis anos na Europa, 4 dos quais estudou em Paris, viajando o resto pela Europa, ofereceu[*-me*] duas cópias a óleo da Fugida de Lot, de Rubens e do Catão, do Spagnoletto. A aula pareceu-me decadente.

Acabado o almoço fui ao Liceu Provincial ³²⁰. Está no antigo Convento dos Agostinhos e a capela, cedida à Irmandade do Senhor da Cruz, tem pinturas de José Joaquim da Rocha, natural de Meninas [*sic*] ³²¹ e mestre de Velasques [*sic*]. Sobre a porta que dá entrada para as aulas do 1.^o andar há o seguinte dístico: “Sevitio extincto quae Natio magna vocamur Hanc Studiosa domum est nacta juventa die” feito pelo padre Cajueiro. O Liceu abriu-se no dia 7 de setembro. Tem 84 alunos que se matriculam sem precedência estabelecida das matérias, inconveniente que o diretor cuida de obviar na reforma do regulamento, criando mais duas cadeiras de alemão e mecânica aplicada às artes. Comecei a visita pela aula de geometria e trigonometria, professor Dr. Francisco Rodrigues da Silva, que é moço de talento superior. Um dos alunos que foi chamado à pedra ainda não tinha estudado álgebra.

Latim regida interinamente, por vaga, pelo professor de Retórica Dr. Luís Álvares dos Santos, que passa por muito bom latinista, como me pareceu, mostrando-se os alunos adiantados na tradução de Salústio (Guerra Jugurtina).

Inglês, o professor, Dr. Antônio Franco da Costa Meireles, pareceu-me bom; não há exercício de composição.

Aritmética e Álgebra, professor Antônio Joaquim Damásio; mediocre.

Francês, regida pelo professor de grego, Dr. Demétrio Ciríaco Tourinho, que não tem discípulos na cadeira de que é proprietário; sofrível. O diretor disse-me que o professor de grego estava acabando uma tradução de Teócrito para me oferecer.

Retórica: o professor parece um grande falador ainda que tenha talento, e para lisonjear-me explicou a sublimidade de uma despedida a mim, quando menino, atribuída a minha mãe Amélia ³²², e de um soneto feito na Bahia por motivo da maioria. Por fim desenrolou uma árvore retórica, cujas raízes são a natureza e a arte, as flores a elocução e os frutos a invenção, podendo-se por ela formar uma idéia das diversas partes da retórica.

Filosofia, professor Dr. Sebastião Pinto de Carvalho, diretor do Liceu. Fala um pouco precipitado, confundindo-se às vezes, mas não tratou mal das idéias gerais.

A aula de desenho é a mesma de que já falei.

Unido ao Liceu está o gabinete de História Natural dirigido pelo Dr. Botelho ³²³, substituto da Escola de Medicina.

A coleção ornitológica não é má e está quase toda classificada; a mineralógica, que se acha classificada, já assim pertenciam ao Lima de Itaparica. Há também mamíferos, peixes, crustáceos, insetos e conchas, mas de tudo pouco, notando sobretudo que do Brasil há muita falta de objetos neste gabinete. A casa tem pouco espaço, mesmo para o que existe, e a consignação é de 400\$000 por ano, havendo uma pessoa encarregada de colecionar. O professor de Geografia e História, Antônio Joaquim Damásio, não tinha presente seu único estudante na atualidade.

Do Liceu fui à Escola Normal. Tem 3 professores, achando-se vaga a cadeira de métodos e pedagogia, que preenche interinamente o de aritmética, desenho linear e escrita, Manuel José Garcia, sendo o outro Belarmino Gratuliano de Aquino, que é vice-diretor e serve agora, segundo creio, de diretor, que era o Portela ³²⁴, professor de métodos e pedagogia, de gramática e religião.

As condições para admissão são: idade maior de 16 anos, certidão de vacina, bom procedimento e conhecimento das 1^{as}. letras. É para rapazes e raparigas em dias alternados, havendo 55 matriculados.

O curso é de 2 anos e os que freqüentaram não são obrigados a servir depois como professores. Pelo que observei junto julgo um estabelecimento só dispendioso como existe e talvez por isso o diretor desejasse, tendo eu ouvido aos rapazes, que eu fosse em dia de freqüência das raparigas, por estarem estas mais adiantadas, segundo ele me disse.

O professor Garcia é um verdadeiro pedante, e o outro modesto na forma, também o parece na matéria. Quanto à escrita o que vi de bom foi o resultado das lições do Scully.

Há uma professora do ensino prático das meninas, Ana Joaquina dos Santos Bonates, e um de mecânica aplicada às artes, Francisco Barbosa de Araújo.

De tarde fui visitar os 3 colégios das Irmãs de Caridade: o da Providência, de N. Sra. dos Anjos e do Coração de Jesus.

No 1.º há 60 meninas mal acomodadas numa casa acanhada e cujas janelas muito perto da rua, olham para um ponto em que todo o dia se acham reunidos pretas e pretos com suas quitandas, sendo lugar de contínua passagem. As meninas chegam a assustar-se quando ouvem algum barulho à noite. A instrução de 1^{as}. letras, sobre que examinei algumas meninas neste colégio, parece ir bem e os arranjos estavam o melhor possível.

O 2.º, na antiga chácara do Pinheiro de Vasconcelos, é vasto, e tem 140 e tantas meninas; também estava bem arranjado e disseram que não me esperavam mas creio que pelo menos desconfiavam, pois que vi aí já noite cerrada o médico, e Fr. Arsênio.

O 3.º estava fechado e as meninas que são unicamente órfãs e 60 a 65 já recolhidas. O edifício pouco mais adiante do 2.º é melhor que o do 1.º e pareceu-me bem arranjado. Nos 2 primeiros colégios há como no Rio a separação nas aulas e alojamentos e distinção de vestuário entre as pensionistas e as que não pagam, por órfãs ou pobres. Ainda dura a repugnância à educação dada pelas Irmãs de Caridade, mesmo entre pessoas de certa qualidade.

30 de outubro de 1859 = Fui ver as prisões. A do Aljube é péssima e as inferiores, verdadeiras espeluncas, servindo de prisão e depósito judicial de escravos e escravas.

Comunicando com o Aljube está o júri, miseravelmente acomodado.

A chamada Casa de Correção, que existe no forte de Stº. Antônio, é sofrível e para uma das prisões desocupadas se mudaram proximamente, como lembrei, os presos das enxovias inferiores do Aljube. O registro está atrasado mas o carcereiro desculpa-se com a doença do pai, a quem sucedeu, e muito trabalho, parecendo-me vivo.

A do Barbalho é sofrível. O carcereiro é surdo e parece algum tanto lerdo. O comandante deste forte é também um coronel, pai do lente Dr. Antunes ³²⁵. As prisões dos fortes são quase todas abobabadas, e no vão ou encostadas à muralha, com pouca luz e mal arejadas, encontrando em todas as prisões, tanto no Aljube como nos fortes, seu fogão que ainda mais concorre para viciar o ar. O chefe de polícia já proibiu este uso mas a ordem não fora cumprida ainda e ele me disse que os alimentos fornecidos aos presos, uma só vez por dia pela Misericórdia, em virtude de contrato, eram em pequena quantidade e maus.

Dos registros das prisões coligi que há muita irregularidade em tal serviço, outros sem guia e sem se conhecer o delito, e demora ilegal na entrega da nota constitucional; o chefe de polícia ficou de cuidar no remédio desses abusos ³²⁶.

No Barbalho sobre o portão, há esta inscrição: “O muito alto e poderoso rei, D. João V, mandou edificar este forte e se completou sendo vice-rei deste estado o conde das Galveias, 1736.”

Depois do almoço fui ao colégio do Abílio ³²⁷. Mudou-se há poucos dias para casa do Domingos Martins nos Barris, verdadeiro palacete com bela chácara ³²⁸. Tem 200 e tantos discípulos. Gostei de ouvi-los em latim, inglês e francês, mas de geometria nada sabem, creio que por mau ensino. A aula de primeiras letras tem um excelente professor, discípulo da Escola Normal, e meninos de bem poucos anos leram bem, e outros maiores contaram do mesmo modo, só vendo um repartir. Cantaram 2 hinos – ao 2 de julho e à Virgem Maria, – e depois assisti ao assentarem-se à mesa, ocupando o púlpito o Calaça ³²⁹ de quem tive pelo Abílio ótimas informações, traduzindo bem as 3 línguas de que falei. O colégio melhor regularizado poderá servir de modelo, parecendo-me o diretor muito desejoso de alcançar esse fim.

O Luís Álvares dos Santos e o Franco Meireles ³³⁰ também são aqui professores, o que não é muito conveniente para o Liceu, e há um de mecânica aplicada às artes, que ensina agora geometria e julgo ser o mesmo da Escola Normal.

Perto de 6 fui ao Te Deum na Conceição da Praia. A igreja é grande e de mármore; porém não tem a majestade das duas Sês, da de S. Francisco (Convento) e da de S. Bento, nem agrada como a da Piedade ³³¹.

À noite fui ao Instituto ³³² que se reúne na biblioteca. Havia bastantes membros, faltando todavia muitos dos que tenho visto aqui e se acham incluídos na lista que leu o 2.º secretário. Depois desta leitura deu o Manuel José Garcia ³³³, 1.º secretário, conta do expediente constando de uns versos latinos do Dr. Antunes ³³⁴ que junto, e de parte do autógrafo da Ode de José Bonifácio aos baianos, quando no degredo o elegeram deputado, oferecido pelo Otaviano ³³⁵. Seguiu-se a leitura de um discurso mediocre do presidente Dr. José de Góis, e da 1.ª parte de uma memória sobre o comércio da Bahia por João da Silva Romano ³³⁶, triste trabalho que, principalmente pelo modo por que o autor o leu, dizendo an-rei por el-lei, quase que me fez disparar uma gargalhada, e rematou a sessão o pedido para eu ser protetor do Instituto, ao que deferi logo, pronunciando o Garcia um discurso improvisado, creio eu, que poderia chamar o dos ques e orações incidentes.

É preciso galvanizar pelo menos esta instituição. Havia outra memória sobre os indígenas da Bahia, mas o autor não teve tempo para aprontar uma parte ao menos, contudo, quem sabe, se foi mais avisado que o Romão?

Saí às 5 ³/₄ para examinar a estrada de ferro. Junto o relatório último do engenheiro fiscal interino do governo, Firmo José de Melo, que me tem parecido inteligente. O Armazém da Calçada, parece-me estreito, e a construção vai mal, mesmo conforme o que me disse o Firmo. A ponte de embarque será definitiva, irá até onde podem somente atracar os barcos do comércio do Recôncavo.

O Firmo falou-me na conveniência de levantar um Recife formando-se assim um porto abrigado junto à ponte. As valetas e esgotos das águas na estrada vão mal feitas e se o Firmo não falar nisto no relatório é porque, segundo ele me disse, lhe respondem que a obra ainda [*não*] está pronta e pode guardar este exame para depois dela pronta. O lastro em alguns pontos no começo da 1.ª seção do lado da cidade é de areia muito fina.

O aparelho do telégrafo elétrico é o de Wheastone e Cooks de duas agulhas, sendo a explicação (que eu vi na 1.ª estação telegráfica contendo da cidade) em italiano e os encarregados desse serviço italianos. Há 2 mil e tantos trabalhadores, sendo 800 italianos, 60 ingleses e o resto brasileiro. Os italianos queixam-se muito do clima, dos bichos e da carestia dos gêneros; mas o clima poderia ser muito pior, os bichos não seriam tantos se houvesse mais limpeza, vendo eu num dos hospitais alguns com pequenas feridas de que não tratariam convenientemente fora dele, e os gêneros, farinha de milho, vinho de que abusam, e arroz são-lhes fornecidos, pelo preço do contrato e os mais compram-nos onde querem, havendo-os pelo preço do mercado e ainda por menos às vezes nos armazéns do empreiteiro; o salário é de 3 fr. por dia. Segundo me disse o Firmo tiveram razão na primeira desordem que fizeram, porque os gêneros não eram de boa qualidade, mas depois de montado o serviço do empreiteiro não se podem queixar senão do salário, se o julgam diminuto.

Já fizeram distúrbios por causa do vinho, que queriam melhor, preferindo o Tarragona. Os hospitais são acanhados, mas talvez não houvesse melhor localidade onde encontrei o primeiro, e pode ser que mesmo em Paripe.

Trouxe amostras da pedra do túnel de Peri-Peri, e do poço central do túnel da Mangueira. O Lane ³³⁷ disse-me que o trabalho desta estrada lhe parecia que o da de Pernambuco [*sic*].

A água que se bebeu na estrada de ferro é muito má, cheirando mal a que me deram no 1.º hospital.

1 de novembro de 1859

Às 7 ¹/₂ sai para o Hospital dos Lázaros ³³⁸. O caminho é muito bonito e passei por perto do dique que deságua no mar

na povoação do Rio Vermelho pelo riacho Lucaia.

A casa é grande mas tem uma ala, – são três, incluindo um chafariz de repuxo de água boa, vinda de um monte próximo – com a parede da frente espedada devendo ser toda esta arriada.

Há perto, na direção da ala direita para quem entra e para diante, um edifício também de sobrado de alguma extensão e quase acabado, obra do administrador ³³⁹ que é muito estimado, pedindo-me os [sic] para dar-lhe nomeação vitalícia, e mandarem-lhe eles [sic] tirar o retrato[?].

Tem 53 [doentes], 21 mulheres e 32 homens, entre os quais vi um de 101 anos de idade e 67 de hospital, apresentando somente as mãos e os pés defeituosos, sendo a maior parte dos doentes atacados nessas partes do corpo.

O orçamento provincial dá 10 contos, além das 30 loterias, rendendo cada uma pouco mais de conto, concedidos para as obras, tendo sido todavia paga pelo cofre provincial toda a despesa quando excedeu à quantia votada, na qual ainda incluem a gratificação dos empregados do celeiro, que não é mais renda do estabelecimento.

A cozinha está muito mal situada, e em péssimo estado.

Há um retrato com a seguinte inscrição: “D. Rodrigo José de Menezes, governador e capitão-general que foi desta província desde 6 de janeiro de 1784 até 17 de abril de 1788 fundou este Hospital dos Lázaros que se abriu em 21 de agosto de 1787. O atual admor. do dº alfes. Domingos Mondim perpetua com esta memória” ³⁴⁰.

Num livro de assentos li: “Foi fundado este hospital de S. Cristóvão dos Lázaros pelo Ilmo. e Exmo. Snr. D. Rodrigo José de Menezes, governador e capitão-general desta capitania, filho do Ilmo. e Exmo. Snr. Marquês de Marialva, principiado a 4 de outubro de 1784, e fundado a 21 de agosto de 1787.”

Entraram os doentes a 27 deste mês e ano. Tem botica e boticário.

Defronte, sobre a encosta de um morro, fica o cemitério, chamado dos Lázaros.

Daí segui para o Queimado. Os dois estabelecimentos: do serviço das águas e fábrica de tecidos de Monteiro ³⁴¹ são importantes. Prometeram-me apontamentos sobre ambos e por isso apenas direi que talvez o gosto férreo da água procede de uma das vertentes que fornecem o reservatório e é de água férrea, ainda que me dissessem que não se misturava com as outras.

Vi trabalhar a bomba da Companhia de Seguros que, sem a manga, lança água além da altura de casas de 3 andares. Tem diversos aparelhos para salvação de incêndios e mandaram vir tudo o que falta dos Estados Unidos.

As grandes casas de comércio estão ladeadas de 2 torneiras de salvação que em poucos minutos lança água por meio da manga à altura necessária. Não sei se a água que desce para a cidade tem todo o tempo necessário para depositar, contudo no reservatório das vertentes já está quase livre de corpúsculos em suspensão.

Na fábrica de tecido de algodão, este ainda depois de cardado, apresentava bastantes fragmentos de caroço e o Monteiro disse-me que o algodão da Bahia não prestava, e todavia o do Rio das Contas era afamado.

Goza-se de bela vista do terraço do reservatório de onde desce a água para a cidade, e ainda melhor porque se descobre a estrada de ferro de cima do mirante da casa do Monteiro.

Depois das 5 ½ da tarde fui ao palácio do arcebispo pegado à Sé Velha, com bonita capela que deita para tribunas da Sé ³⁴².

A sua livraria é escolhida e disse que desejava oferecer a tradução latina, que mostrou-me, de uma pastoral de um bispo armênio do 7.º século, e depois dei um passeio pela estrada de Nazaré até o lugar em que se separa a do Cabula; é bonito e com bastantes chácaras ainda que não muito bem tratadas, causando-me admiração que as pretas em grande número só tivessem uma tanga, apresentando peitos de hotentotes.

2 de novembro de 1859 = Às 6 ½ fui ao Campo Santo ³⁴³. O caminho é aprazível. O cemitério, que é administrado pela Misericórdia, está bem arranjado como sua capelinha bonita, onde já havia sua gente ouvindo missa, que estava no Prefácio quando cheguei, assistindo ao resto dela.

Há diversos túmulos de mármore dignos de ver-se, entre os quais um mandado fazer para mulher e família com capela, que admite 50 pessoas e muitas carneiras, e outro que a Barral mandou levantar para os ossos do pai e os da família, estando aí aqueles numa catacumba; tem 12 carneiras.

Há uma espécie de pombal para as crianças.

Encontrei o Dr. Salustiano só e descoberto como quem cismava.

O terreno argilo-arenoso é bom e os que não faleceram de moléstia epidêmica desenterram-lhes os ossos passados 5

anos, tendo-se sempre achado tudo consumido.

Depois tomei o dique pela estrada nova que se abre para o Rio Vermelho e está muito adiantada, encurtando talvez um terço da antiga. O dique tem mais de quarto de légua de extensão e é bastante largo em alguns pontos.

Formam-no as vertentes e deságua no riacho Lucaia que entra no mar na praia da povoação do Rio Vermelho.

As margens do dique são cultivadas, mas não muito, abundando quiabos altos como ainda os não tinha visto. É muito piscoso tendo traíras, pitus, espécie de lagosta e acarás de que o Bitencourt e Sá trouxe os primeiros para aí. Sobre um morro sobranceiro ao dique está a casa de saúde do Dr. Antônio José Alves ³⁴⁴.

O dique tem num ponto 13 a 14 braças de fundo e noutra ainda não sondado talvez mais. Tem sangradouros para mover fábricas como a de rapé de Gantois ³⁴⁵.

Ainda visitei o novo edifício para o Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco, que é bastante vasto e bem construído, e tendo começado a edificação há 11 anos e achando-se quase pronta uma das alas para a qual vão proximamente trasladar os doentes em número de 10 que estão numa casa unida à Igreja dos Terceiros, da qual dista algum tanto o novo Hospital. Em 3 anos, se trabalharem com mais força, segundo disse o administrador da obra, pode tudo estar pronto.

Às 5 ¼ fui ao Rio Vermelho. O caminho é muito lindo, atravessando-se diversas chácaras, ainda que, pela maior parte, mal tratadas, e a praia de onde se descobre o forte de St.º Antônio da Barra, de um pitoresco majestoso. Estive perto das ruínas de um forte, achando-se ainda uma peça, aliás muito estragada, deixada no chão.

Não atravessei o Lucaia, mas cheguei até a sua margem direita, como a esquerda, arenosa, ficando-me, esquerda, a ponte da Mariquita.

De noite chegou o Paraense, e tive de ler correspondência e despachá-la com o ministro e escrever para o Rio até 1 ½ da madrugada de 3.

3 de novembro de 1859 = Saí do palácio pouco depois das 5 ³⁴⁶.

Ventava sul rijo e o mar jogava bastante com a galeota que custou a atracar ao Apa ³⁴⁷. Este largou às 6; enquanto o mar não sossegava conservei-me deitado lendo o Jornal da Bahia de hoje.

Antes de largar, o chefe de polícia disse-me que conflito armado entre italianos e brasileiros parece ter sido provocado pelos tiros dados da casa do administrador do engenho Peri-Peri, propriedade do barão de Pirajá, e que o mesmo administrador, de nome Bonfim, que já prendera, aquietando-se os italianos, fora talvez, como ele pensava, o autor da morte por sevícias de uma escrava velha, que disseram tinha alguns italianos assassinado, querendo forçá-la!

Às 7 ½ estávamos defronte da ponte de Itaparica onde está a vila, que é bonita, soltando-se logo daí foguetes no ar e repicando os sinos. Defronte de Itaparica está uma pequena ilha coberta de coqueiros chamada – do Medo – onde começam agora as obras para depósito da pólvora, convindo examinar se não fica muito exposta a qualquer ataque.

Às 9 ¼ passamos pela povoação de St.º Amaro do Catu e às 10 ¾ chegamos a Jaguaripe.

É freguesia talvez de mais de 200 anos, tendo-se separado dela Maragogipe, Nazaré e St.º Amaro, é uma das mais antigas da província, tendo a povoação, segundo me disseram, mais de 2 mil almas.

Tem duas igrejas, de N. Sra. da Ajuda, que é a matriz, onde fui logo e houve Te Deum rezado, e a do Rosário e uma capela de N. Sra. da Lapa.

A casa da Câmara, prédio municipal, é de sobrado e a melhor da vila talvez, ainda que um pouco estragada. Havia aí sob a arcaria do andar térreo um carro triunfal com uma cabocla matando um dragão, aparecendo-me duas crianças despidas como dois indígenas, bem entendido, com mais decência da cintura para baixo.

Numa sala da Câmara há retratos mal-feitos a óleo, com os seguintes letreiros: Pedro 3.º, D. José, príncipe do Brasil, D.ª Maria, princesa do Brasil, D.ª Maria 1.ª, rainha de Portugal, D. Pedro 1.º

Por baixo está a cadeia com 4 presos somente porém de crime de morte, comendo principalmente peixe e carne-seca comprados por conta de sua diária de 200 réis. A prisão é espaçosa, mas não é ladrilhada, e tem fogão; também aqui se depositam os escravos mas não tem casa para depósito e depositário público como a Bahia.

A última visita foi no dia 1.º do passado, e não há preso sem processo.

Apresentaram-se cento e tantos guardas fardados e armados, e ainda mais somente fardados tendo o batalhão 600 praças, havendo mais dois, um de 500 e outro de 300 praças, se não me engano, no município ³⁴⁸.

Às 11 e 25' estava de volta ao Pirajá ³⁴⁹; pois o Apa não podia subir mais o rio, tendo sido acompanhado pelo Itajaí e Belmonte, e à 1 menos 12 passávamos pela barra do rio da Estiva, de onde vieram canoas com as tripulações vestidas à

maruja e atirando foguetes e dando vivas.

À 1 e 10' passávamos pela barra do Maragogipe e avistou-se a olaria do Araçá, que fica à margem desse rio. Apareceram daí a pouco duas canoas das quais uma de tolda e pintada de verde e amarelo com o seguinte dístico de cada lado da proa: V. D. P. 2.º. O rio tem se ido [sic] parecendo com o Inhomirim, por cuja largura regula agora, até nos encontrões do vapor com os margais. As terras das margens parecem férteis, mas são muito pouco aproveitadas.

À 1 e 25' apareceu encalhado noutra braço do rio o vapor Paraguaçu da Companhia Baiana, saído da Bahia pouco antes de nós.

Choveu com interrupções durante a viagem e era bem preciso porque só ontem é que pirajou [sic] antes do passeio, não tendo isto sucedido desde o último pirajá mencionado; o sol queimava.

Chegamos a Nazaré. Esta cidade parece pequena quando se avista pela primeira vez, mas tem uma rua bastante longa com algumas belas casas de sobrado, e toda calçada com passeios, como outras menores, correndo a água da chuva do telhado de muitas casas por canos que vêm até quase os passeios. Do lado direito do Jaguaripe também há casas e algumas de sobrado e boas, passando-se por uma ponte que é a melhor obra daqui, e de que logo falarei.

O rio já é muito baixo agora no lugar da ponte e encachoeira bastante pouco acima.

A cidade disseram-me que tinha 12 a 13 mil almas, e 8 mil, porém julgo que terá 5 mil. Os habitantes passam por muito cumpridores das posturas municipais. Há a igreja matriz de N. Sra. de Nazaré, em obras à custa de uma subscrição mensal, a capelinha da mesma invocação, primitiva matriz de 1649, e a capelinha da Conceição, de setembro de 1742, sobre um morro do lado direito do rio, onde teve lugar o Te Deum, tendo eu desembarcado no cais na margem esquerda.

O Te Deum foi horrivelmente tocado e cantado, mas o sermão dizem que não esteve mau ³⁵⁰, pois não podia com o sono e a capelinha arranjaram-na o melhor que puderam.

Depois falei com diversas pessoas, gostando dos dois rivais de influência política ou antes eleitorais: Antônio Francisco Tinta ³⁵¹ e Manuel Pedro da Silva ³⁵², parecendo-me todavia o primeiro mais ativo, devendo-se-lhe a direção das principais obras daqui, como as da ponte, cais e diversos calçamentos, em que devia ter gasto algum dinheiro seu, serviços que aliás ele sempre preconiza; e o segundo mais sério, tendo também dirigido obras e estando a seu cargo as da estrada do Caraípe que vai encontrar a que segue da Aldeia para o Sapé. Portanto é difícil escolher entre ambos, a não se atender ao que já escrevi a respeito do Tinta, por ouvi-lo na Bahia ao Taques ³⁵³.

Às 5 ½ fui percorrer a povoação entrando nas duas igrejas, sem ser a da Conceição, e na Câmara Municipal, que está num belo sobrado mas de aluguel ³⁵⁴. A cadeia está embaixo descendo-se por um alçapão e escada de mão. Não tem muita segurança e já o preciso para ladrilhá-la, caiá-la e fazer um fogão de vapor que não enfumaça a prisão. Também serve de depósito, por não o haver, nem depositário, e tem 24 presos, estando um de meses sem processo. Disse aos presos para dirigirem-me suas representações por intermédio do delegado, que é o juiz municipal. Tem havido visita regularmente. Os presos compram a comida por conta da diária de 200 réis.

Fui em seguida ao alto da igreja da Misericórdia, de onde se goza a vista de quase toda cidade. É uma capelinha bonita, e tem na frente sobre o morro catacumbas e túmulos de mármore.

Mais para baixo já abrem alicerces para o novo hospital, de cujo projeto falarei quando visitar o provisório, que substitui o antigo, que desabou.

Durante o passeio disse-me o Manuel Pedro da Silva ³⁵⁵, que este município prosperou de 12 anos para cá, desde que se substituiu a cultura da mandioca que [deu] a este lugar o epíteto – das farinhas – Nazaré das farinhas (de que ainda se exporta bastante) pela da cana, tendo produzido o ano passado, ainda que de muito má qualidade, quase todos, não procurando os fazendeiros melhorar o fabrico.

O Manuel Pedro também se queixou da falta de braços, e disse que os colonos logo deixam os patrões, ainda que isto fizessem os portugueses que ele mandou vir depois de pago o que lhe deviam. Perguntei-lhe por que não encomendava mais, pois não tinha perdido, e o país e ele próprio lucrariam.

As casas iluminadas do lado direito do rio fazem bonita vista do fundo da casa que habito, bela propriedade de Joaquim Porfirio de Sousa ³⁵⁶.

4 de novembro de 1859 = Saí às 6 para a Aldeia ³⁵⁷, daqui a menos de uma légua, pelo caminho agora melhorado que serve no tempo seco, porque ao menos antes destes últimos consertos ficava, na época chuvosa, com horríveis tremedais.

No trajeto passei só por 3 fazendas. A Aldeia, pela qual passa o riacho Aratuípe, tem muitas casas e bastantes

sobrados, sendo muito boa a do tenente-coronel Mata ³⁵⁸, um dos membros da comissão encarregada dos consertos na estrada da Aldeia ao Sapé, em que, no espaço de 3 léguas e durante 2 anos, já gastaram com 1.300 braças de calçada com 2 de largura, dizendo o engenheiro Manuel da Silva Pereira ³⁵⁹, já aqui empregado, há bastante tempo, e fiscal da obra, que eram 500; mas que havia medido há 5 para 6 meses uma ponte por acabar e algumas cavas [sic] 20 contos ainda restando que despender com a obra ainda não feita.

A povoação terá de 1.000 a 2.000 almas. Acompanharam-me debaixo de pálio até a matriz ³⁶⁰.

Depois de orar um pouco corri a povoação, indo à aula pública de meninos, tendo 75 matriculados de 85 que já teve e 60 de freqüência, que leram sofrivelmente e mostraram saber alguma cousa de aritmética, sendo o mestre ³⁶¹ fraco em tal matéria. As escritas não são boas e escrevem o que lhes dita o mestre de um Epitome da História do Brasil de José Pedro Xavier Pinheiro, que também lêem, e o Pena me disse ser escrito com pouca exatidão histórica e inconveniência no modo de apreciar caracteres de contemporâneos ou quase contemporâneos ³⁶².

Fui depois à aula particular com 18 alunas que revelaram maior adiantamento no geral das matérias, entrando doutrina cristã, do que os alunos da aula pública, distinguindo-lhe a filha do tenente-coronel Mata. A professora pareceu-me boa em todos os sentidos.

Antes de ir ver a aldeia dos índios, princípio desta povoação, que cresceu porque passa pela rua principal o comércio do interior, havendo feira que começa às sextas-feiras, tomei apenas uma xícara de café em casa do Mata, que havia, com outros, preparado um almoço estrondoso por saber ontem que ia eu hoje à Aldeia.

Os índios têm uma capelinha que se repara com parte do que dá o arrendamento de quase todas as suas terras, o qual importa em 600\$000, pagando-se dele igualmente 40\$000 anuais ao vigário, tendo deixado há pouco de possuir um capelão, que os índios pedem outra vez. Há uma dívida de arrendamentos que monta em 5 contos. Os índios nada fazem e queixam-se de que a terra que lhes ficou, depois das outras arrendadas, não presta para a cultura, mas o diretor diz que os não faz trabalhar porque não teve ordem para isso; são 72 muito mestiçados.

Voltei pelo caminho do tempo chuvoso [sic], se assim se pode chamar esse trilho, cheio de mato e com pedras, de difícil passagem em alguns pontos.

Pouco depois do almoço ³⁶³ fui à aula pública de meninos da cidade que têm 85 matriculados num caderno, não se lhe tendo mandado livro, estando só presentes 6, por causa do entusiasmo pela minha chegada, que, segundo o mestre ³⁶⁴, não permitira reuni-los. Leram e talvez fizessem bem as 4 operações se o professor não dissesse que um sabia a regra de três, em que se atrapalhou tanto o estudante como o mestre, que aliás me parece bom para as primeiras letras, como geralmente se entendem.

A aula pública de meninas tem 24 matriculadas achando-se presentes 17. Leram mal os livros que trazem de casa e são aceitos, contanto que não sejam impróprios, porque segundo disse a mestra ³⁶⁵ só lhe mandaram livros para matrículas, e repartiram sofrivelmente. A mestra nem sabe falar, tem modos muito grosseiros e parece surda. Vi trabalhos de agulha em quadros e as meninas ocupam-se.

Depois visitei a aula de latim que tem 7 matriculados, estando presentes 5. O professor ³⁶⁶ não parece mau e 2 alunos traduziu [sic] decentemente uma fábula de Fedro que eu indiquei, mostrando saber sua gramática, contudo é aula que se deve extinguir pelas razões que já expus.

Fui a outra aula, particular, de meninos que me desagradou quanto ao mestre ³⁶⁷, principalmente em relação a conhecimentos gramaticais. Não terminou o curso da Escola Normal e ensina apenas há pouco mais de ano.

Visitei depois o hospital provisório da Misericórdia bem arranjado para o espaço que tem, sendo 27 doentes, abundando a febre intermitente, moléstia endêmica, a sífilis e a tísica e 4 inválidos num sótão. Há aí o plano do novo feito pelo Manuel da Silva Pereira em 1853 que ele orçou em 40 contos. O que se vai fazer diverge para maior do plano que não apresenta as acomodações segundo a opinião do médico do hospital, Dr. Bitancourt [sic] ³⁶⁸.

Finalmente estive na coletoria onde vi que havia 240 escravos que pagam imposto, ordenando ao coletor que me trouxesse, como o fez, os quadros que junto.

Às 5 ¼ fui até a ponte do Rio Grande que é o mesmo Jaguaripe. O Tinta dirigiu a construção dessa ponte de 5 arcos achatados, assim como a de outra, antes chamada da Barriguda, e os consertos deste caminho que segue para o interior na direção da Vila Vitória, deixando à direita, antes da ponte, o caminho para Maragogipe, Cachoeira, etc. consistindo em desvios do caminho para facilitá-lo, quebramento de pedras e diversos espaços calçados, tudo por 20 contos. Esta obra está parada porque o Vignolles foi encarregado de explorar este caminho até St.º Antônio de Jesus, como o da Aldeia para

o Sapé, para serem macadamizados.

Perto da cidade há o riacho do Cotovelo, que dá péssima passagem no tempo das chuvas e também parada, consistindo num grande cano de alvenaria para esgoto das águas do Batatam, e no aterro que deve fazer a estrada atravessar por cima do cano. Este caminho conduz à fazenda do Tinta, e ao terreno do manganês de que o Dr. Américo ³⁶⁹ trouxe-me há pouco amostras, com uma descrição bem-feita para a pressa com que hoje foi mesmo por pedido meu ontem [sic]; parece inteligente; é médico. A renda da Misericórdia é o que consta do papel junto.

Conversei antes do passeio com o Manuel da Silva Pereira e soube que a estrada do Caraípe vai ter, por uma travessa onde está dirigindo os reparos, à estrada entre Aldeia e Sapé, e que seu seguimento é para vila da Vitória, vindo os gados daí, para Nazaré quando lhes ficam mais perto os portos da comarca dos Ilhéus, porque não há caminho para o gado. A parte além da estrada da Aldeia a Sapé também carece de consertos urgentes, sobretudo uma ponte no canal torto. Pelo que tenho colhido parece que a Bahia está muito falta de estradas, havendo, como ouvi ao Manuel Pedro, desejo de que o governo faça tudo. A estrada do Caraípe que vai por perto da Capelinha da Conceição e à custa da província, que os reparos na travessa foram à custa da província, que os reparos na travessa foram à custa de uma subscrição de 600 e tantos mil réis, gastou-se, principalmente num entulho, que o rio já tem destruído quase todo, perto do cabeço da ponte da margem direita [sic].

Na cidade há uma rua que se está macadamizando. Muitas casas foram construídas pelo Tinta que daqui só saiu para ir à cidade da Bahia, não tendo ainda visto o resto do Recôncavo. Creio que o Tinta é a verdadeira influência e útil do lugar, ainda que o Manuel talvez seja caráter mais sisudo. A rivalidade entre os dois tem aparecido principalmente por causa de um Serva ³⁷⁰, que redige aqui o periódico Industrial e quer figurar à custa do Manuel Pedro, lisonjeando seu amor-próprio.

O Tinta dar-me-á amanhã os apontamentos sobre a grande ponte da cidade, e juntá-los-ei a este diário.

Ao findar o passeio caiu a chuva grossa, que tem continuado.

Atacam um fogo que o Serva arranjou, mas pequeno e debaixo da água [?].

Há aqui muito calor no verão e frio no inverno.

A água é excelente.

5 de novembro de 1859 = Saímos com uma estiada de bastante chuva, às 4 ½, passando o Apa às 6 ¼. Às 7 ¾ chegada a Jaguaripe.

Chovia, mas a maré é que só me deixou visitar a aula de meninos, com 68 matriculados e 50 de freqüência (que achei adiantados na aritmética, parecendo-me o professor bom) e a Igreja do Rosário.

Falaram-me na necessidade de uma estrada para Nazaré.

O chefe do estado-maior, Galvão ³⁷¹, representou por não ser nomeado comandante superior do município e creio que com razão.

Em St.º Amaro do Catu vi, ao passar, 2 lanchas em construção.

2 menos 5' – Ponta da barra do Paraguaçu. 2 e 13'. Margem direita: N. Sra. das Necessidades e mais adiante arraial de S. Roque; entre estes 2 pontos não se achou fundo com 7 braças, 2 ½ passamos pela Cabeça de Negro, pedra oculta pelas águas um pouco para o lado da margem esquerda e assinalada por uma bandeirinha encarnada; perto da pedra há 14 palmos de fundo. As margens são montanhosas com rochedos e terra de cor avermelhada em grande superfície. A vegetação é bem verde, ainda que o terreno de Nazaré pareça mais fértil e o rio terá a largura do Paraíba em Campos.

2 e 35' – Pirajá forte, tendo chovido desde Nazaré com interrupções não muito longas.

2 e 40' – Na margem esquerda vê-se a antiga bica d'água onde os navios da Bahia vinham fazer aguada. Na margem direita um pouco adiante estão sobre uma ponta de terra as ruínas do fortim chamado de Paraguaçu.

2 ¾ – Na margem esquerda o sitio do alemão e na direita o engenho novo do Jeremoabo, com boa vivenda sobre uma colina e capelinha arruinada. A fábrica fica à margem do rio que forma um saco tendo defronte a Ilha do Coelho. O terreno da fazenda perto do rio é mau, e as plantações estão muito longe, vindo a cana embarcada.

3 menos 5' – Íamos passando a Ilha do Francês, um pouco grande e de montanha, avistando-se, pela ponta inferior da ilha, Maragogipe na margem direita do rio. Aqui o rio alarga muito e às 3 passamos pela propriedade [de] Jerônimo Tosta, na margem esquerda, avistando-se ao longe, na margem direita, o Engenho da Ponta, do finado senador Ferreira da Câmara ³⁷², onde reside D.ª Matilde, sua viúva e mais perto Maragogipe, ficando pouco adiante de onde estávamos, na

margem esquerda, o Convento de S. Francisco, edifício considerável ³⁷³.

Paramos por causa das coroas de Paraguaçu para cuja formação deveriam concorrer os currais que aí se vêem, continuando depois a andar, porém lentamente, até fundear, às 3 e 19' com 8 braças de fundo defronte do Convento de S. Francisco. Houve baldeação para o Pirajá e seguimos neste às 4 e 25'.

4 e 37' – Aparece a povoação de Nagé na margem direita. 5 menos 10' – Passamos pelo Engenho da Ponta com capelinha e um forte improvisado de lona com música e de onde se atiravam foguetes. Mora aqui D.^a Matilde viúva do senador Ferreira da Câmara.

O rio começa daqui a estreitar, tendo formado antes como um vasto e belo lago, sendo esta a sua parte mais aprazível à vista, descobrindo-se ao longe, do lado da margem esquerda, os canaviais de Iguape e as torres da Igreja de S. Filipe, e nessa margem o Convento de S. Francisco e para o lado da margem direita as torres da matriz e casa de Maragogipe entre coqueiros, avistando-se ao fundo, à margem direita, o engenho Jeremoabo ³⁷⁴.

Depois de Nagé passamos pela povoação do Coqueiro, ambas sobre a margem direita e com capelinha, estando a Guarda Nacional em linha sobre uma das colinas desta última povoação e dando vivas à passagem do vapor.

As povoações são pequenas.

Passamos pelo engenho do Rosário com capela e casa de vivenda em cima de uma colina e depois pelo engenho Vanique, do Francisco Vieira Tosta ³⁷⁵, e Pilar, do barão de Paraguaçu ³⁷⁶, administrado pelo Pedro Muniz ³⁷⁷, todos na margem direita, achando-se defronte do último, na margem oposta, o do Buraco, também do Paraguaçu, administrado pelo mesmo filho que aí reside em boa casa de vivenda, havendo-a pequena no do Pilar.

Adiante da margem esquerda está o engenho Vitória, do Paraguaçu, administrado pelo filho Egas Muniz ³⁷⁸. Parece grande e a casa de vivenda tem belo aspecto.

6 menos 11' – Avista-se a Cachoeira. Pouco para baixo da cidade está, na mesma margem, a fazenda do Navarro, filho do Inhomirim ³⁷⁹, e do lado oposto, mais para baixo, o Engenho Capivari de um dos Tostas.

Desembarcamos na cidade da Cachoeira, onde já não nos esperávamos [*sic*] por causa da baixa maré às 6 ½.

Antes vieram a bordo o juiz municipal, Cerqueira Pinto, que serve de juiz de direito (pois que o Figueiredo está em licença), o juiz municipal delegado, Trasíbulo da Rocha Passos, e o promotor, Pascoal Pereira de Matos. Houve vivas e foguetes e fui para um camarim elegantemente arranjado, onde beijei o Santo Lenho, e agradei as congratulações da Câmara Municipal, dirigidas pelo órgão de seu presidente Francisco Vieira Tosta, irmão do Muritiba ³⁸⁰.

Houve Te Deum na matriz, que é um bom templo com o teto pintado e azulejos até meia altura quase das paredes, mas freqüentado pelos morcegos, de que vi uns poucos no vão do trono (assim como em Nazaré) e sermão em que o pregador carmelita ³⁸¹ provocou brados dos ouvintes e deu vivas.

A cidade é quase toda calçada pelo modo antigo do Rio de Janeiro, e sua [*rua*] principal é a continuação do cais, para o qual o orçamento atual da província dá 5 contos.

Com S. Félix, arraial considerável da margem direita do rio, andarà a população por 20 mil almas. Junto as informações dadas pelo Tosta.

Segundo o Cerqueira Pinto o último júri foi justo, mas o promotor reputa esse tribunal passa-culpas e houve cinco apelações por parte da justiça na última sessão.

O vigário consta-me que é capaz, mas parece que é ignorante e no Te Deum leu deseris.

A água é boa.

6 de novembro de 1859 = Saímos às 6 ½ para a Feira [*de Santana*].

Depois da ladeira de Capoeiraçu, que em tempo de chuva deve tornar-se muito má, havendo um passo bastante estreito, o caminho torna-se plano com poucos acidentes, a que chamam tabuleiro, até Coité, 18 a 20 léguas da Feira de Santa Ana, sendo excelente direção, segundo ouvi, até o S. Francisco, havendo somente que evitar a serra de Itiúba a 12 léguas.

Há plantações principalmente de mandioca, e outros gêneros alimentícios, assim como de fumo de ambos os lados da estrada com poucas interrupções até à Feira de Santa Ana.

Conversei com o Egas e o Tosta sobre a agricultura e soube que ainda não empregavam o arado, não cuidando de estrumar a terra por meio de currais formados nos terrenos que deixam descansar.

Às 8 menos 16' passamos pela povoaçãozinha da Conceição da Feira, onde havia uma, antes de estabelecer-se na Feira

de Santa Ana.

O delegado contou-me que respondeu no júri na última sessão um rapaz, que alegou menos de 20 anos por ter morto 3 pobres, pais de numerosa família, para roubá-los na estrada que percorríamos; é covarde mas atira muito bem, foi condenado ao máximo da pena que permite a idade.

Às 9 ½ chegamos à S. Gonçalo, que tem boa matriz com duas capelas de grades reentrantes. A povoação não é muito pequena tendo uma aula pública de meninos, sendo 86 matriculados num caderno, e 54 a 55 de frequência. O professor ³⁸² parece bom, mas insiste pouco na aritmética e no desenho linear, que aliás ensina aos meninos.

O vigário, cônego honorário da Bahia, Vicente Ferreira Gomes, é pai do genro do Pena, e do juiz de direito do Aracaju, Tibúrcio Ferreira Gomes, e pela fisionomia creio que também de um padre que o acompanhava.

O Abreu foi chamado para ver um menino em casa dele.

É quase octogenário e muito estimado.

A casa em que descansei é dele e arranjado tudo por uma comissão de que ele e o comandante superior interino, José Ricardo Gomes de Carvalho, que dava todas as ordens, faziam parte.

É terra de parentes do Pedreira.

Chegamos a uma grande gameleira, cuja sombra muito agradou com o sol que queimava à 1 e 27', e à Feira de Santa Ana às 3.

O Egas Muniz durante a viagem esteve desfrutável, dizendo que conhecia o gênio dos cavaleiros pelos hábitos dos animais que montavam e que o seu cavalo um dia deu tal salto que ele pôde chegar com a mão ao 1.º andar da casa tendo tempo de pensar onde deveria o cavalo cair.

Todavia é inteligente e as viagens à Europa, de que sempre fala, referindo-se principalmente às suas relações com pessoas reais e príncipes, e o estudo na Escola de Freyberger sempre devem ter aproveitado. Diz-se perito na análise mineralógica empregando o maçarico de Berzelius, e qualifica a rocha das margens do Paraguaçu como feldspato, havendo hornblend, assegurando-me que na saída do Capoeiraçu há manganês como em Nazaré, mas parece que não tanto abundante. Só os engenhos do Egas e do Jeremoabo é que empregam o calor do vapor, ou não são de fogo nu, como dizem.

Uma légua antes da Feira aparecem as autoridades, e um esquadrão patriótico com bandeira e corneta trajando todos de branco com ramos de folhas e flores formando uma coroa enfiada no braço direito. Houve mais entusiasmo na recepção da Feira que na da Cachoeira, talvez por já não me esperarem nesta quando cheguei. Havia 200 e tantos Guardas Nacionais em parada sendo o batalhão de 800, e 40 e tantos com armas fornecidas há 4 anos e algumas já estão estragadas.

A música é boa e foi arranjada pelo tenente-coronel. A população parece ser de 3 a 4 mil almas. As ruas não são calçadas, mas as duas principais, paralelas, bastante largas e bordadas de casas, algumas de sobrados e boas, têm passeios calçados.

Há três igrejas, estando a matriz por acabar e três praças, não contando o campo da feira.

Existe apenas uma subscrição e socorro da província montando em 8 contos para um hospital, que parece se fará agora, tendo o Dr. Abreu indicado lugar melhor do que o lembrado.

A justiça parece ir boa, ainda que se queixaram do Japiáçu ³⁸³ a respeito dos negócios do Camisão, quando ele era juiz de direito interino, parecendo o Franco ³⁸⁴ concordar na razão da queixa, mas cumpre ainda examiná-lo, e no último júri, que foi em junho, parece que não houve bonomia, passando os da Feira e de Nazaré, segundo ouvi pelos melhores dos lugares de minha visita.

Existem aqui 10 praças de polícia, tornando-se necessário às vezes destacar guardas nacionais, mormente quando há que conduzir presos de importância para a Bahia, pois a cadeia não é segura.

Hospedei-me em casa de Joaquim Pedreira, tio do Pedreira ³⁸⁵ que, perguntando-lhe eu qual era seu gênero de negócio, respondeu-me que era agiota, porque negociava em juros, parecendo-me pela cara, sê-lo também na significação ordinária da palavra. Possui fazendas de gado no Camisão de 2 mil e tantas crias por ano. Os pastos são de catinga [sic] e o gado não sofre tanto na seca como no S. Francisco, dando-lhe contudo muitas vezes a peste que mata numerosas reses.

Os caminhos são maus, extraviando-se por isso bastantes bois das manadas, pesando um boi até 20 arrobas, e dando as vacas bom leite.

Só vi um mandacaru, na estrada até a Feira.

Pedi ao Franco informações sobre as novas queixas que julgo ter lido contra o Japiáçu.

Perto das 6 fui ao Te Deum, sendo a igreja sofrível e o pregador o melhor desde a saída da Bahia, e filho da povoação da Feira ³⁸⁶.

A música pareceu-me em tudo idêntica à de Nazaré e da Cachoeira.

Depois fui ao camarim que tinham armado na entrada da povoação e aí ouvi o discurso da Câmara ³⁸⁷ entregando-me as chaves.

7 de novembro de 1859 = Sai às 6 ½ tendo passado uma noite muito fresca e havido neblina de manhã que só se levantou de todo depois das 7 ½. O clima passa por muito agradável e até mandam tísicos para aqui, onde se acha bem mal o deputado Antunes ³⁸⁸, e principalmente para o Camisão.

O terreno é bom para gêneros alimentícios, mas persegue muito a formiga.

A água é de um poço cujas vertentes nunca secam e não é má para beber, ainda que feia no aspecto, sendo preciso fazê-la descansar por algum tempo, ou bebê-la dormida como dizem pelos lugares por onde tenho andado. A que se usa em casa é do sítio do finado coronel Vital.

Visitei as igrejas dos Remédios e Capela dos Passos, com arcos dos lados, formando meias naves, pequena mas bonita e com pequeno jardim, tudo feito a expensas do Cerqueira Pedreira ³⁸⁹, primo do Joaquim Pedreira, as aulas de meninos com 60 matriculados e 50 e tantos de freqüência, havendo falta de livros, entre os quais o Epítome da História do Brasil do Xavier Pinheiro, e estando os meninos atrasados por culpa do professor antigo, segundo diz o atual ³⁹⁰, apesar de ser aquele muito bom, conforme logo disse o Franco, que foi diretor dos estudos; e a de meninas com 23 matriculadas e quase as mesmas de freqüência, sendo a professora ³⁹¹ má, apesar de aluna-mestra e constando-me que a particular, a cuja aula não pude ir, é melhor.

O cemitério é bom, mas não conservam os corpos enterrados além de 2 anos.

Voltando dele entrei na casa de uma pobre mulher que diziam conservava o filho, doido furioso, numa cova e acorrentado para não separar-se dele. O doido, logo que pressentiu gente, armado de um pau, ia dando-me com ele, e proferiu palavras indecentes e obscenas. A corrente prendia-se à parede para o lado onde eu estava, mas a mãe afirmou que nunca o pôs numa cova e não se achava agora acorrentado, estando paralisado das pernas. Tem 24 anos de loucura e já era bom carpinteiro quando ela principiou; verei se vai para o Hospício de Pedro 2.º.

A cadeia é péssima e tinha 9 presos e uma doida reenviada pelo Hospital de caridade da Bahia depois de lá ter estado algum tempo; todos os presos propriamente ditos estão processados.

A casa da Câmara, separada da cadeia e também da audiência e júri, é muito acanhada e o assoalho da sala das sessões da Câmara e do júri está abatido. Sob a Câmara está a coletoria geral; a provincial está arrendada até janeiro futuro por Frutuoso Gomes Moncorvo que tem aqui um agente.

Este ponto é de grande importância porque por ele passam as estradas de Jacobina, do Coité e S. Francisco, e da Purificação, convindo muito estudar um atalho, apenas explorado, que dizem encurtar 2 léguas a estrada entre a Cachoeira e a Feira.

O pai do presidente da Câmara, que se chama Leonardo José Pereira Borges, foi o primeiro que introduziu nos engenhos desta comarca o maquinismo por vapor.

Tive pelo Franco muito boas informações do promotor, Antero Cícero de Assis, que ele conceitua mais que ao Jupiaçu, depois de sua recondução.

Fui à feira às 11. Pouco concorrida. 500 a 600 bois quando os aparecem 3 mil e 4 mil. O melhor era da Serrinha, havendo muito bons bois e sobretudo touros e sendo em geral gordo todo o gado da feira. Cada boi 10 a 60 mil réis tendo se vendido na feira anterior. Apareceram pouquíssimos cavalos e os de sela, mas não muito bons de figura, custam de 100 a 180 mil réis. O dono do gado da Serrinha disse que os caminhos estavam muito maus porque eu morava muito longe. O campo da feira já foi, sendo próprio nacional por ter pertencido a um encapelado como todo o território da velha, já está arrendado numa boa parte [sic]. Na de comestíveis, na praça próxima, pouco achei curioso para comprar. Os cavalos aqui e no resto do Recôncavo, que já tenho visto, e mesmo na Bahia, não são tão cômodos como os das margens do rio de S. Francisco.

O vigário ³⁹² parece-me lorpa, mas dizem-no capaz. Soube nesta digressão que o Franco só foi há dias que tomou conta da vara, por doente. Soube que o Figueiredo Rocha está com licença e que o Pinto Lima esteve doente e gozou depois

licença, tendo tomado há dias conta da vara ³⁹³.